1934
PREÇO
6$000
Almanach d'O
"O TICO-TICO"

LOMBRIGUEIROS QUE MATAM

UM PERIGO QUE SE DEVE EVITAR

Os clichés que illustram dolorosamente esta noticia são de pessôas envenenadas e mortas por lombrigueiros. Duas lindas creanças a quem o proprio Pae, o humanitario pharmaceutico sr. João Silveira, de Mercês do Pomba (Minas), administrou um vermifugo annunciado como "inoffensivo"; uma encantadora e prendada senhorita em vesperas de formatura e pertencente á melhor sociedade de Caçapava (S. Paulo) e um chefe de familia agricultor em Itapira (São Paulo).

Os vermifugos, quando envenenam, não respeitam edade: as suas victimas se contam em grande numero entre as creanças, os moços e as pessôas edosas.

Defeito dos lombrigueiros? — Não. Os lombrigueiros são sempre magnificos remedios quando manejados pelos Medicos. O defeito e o grande perigo está nas condições especiaes do organismo do doente que vae tomar o vermifugo. A sciencia medica já provou que não podem tomar lombrigueiros, sob pena de envenenamento grave e talvez mesmo de morte:

Senhorita A. S. R., de Caçapava, victimada por um lombrigueiro.

Menina Yolanda, filha do Sr. Phco. João Silveira, victimada por um lombrigueiro.

a) os syphiliticos e seus filhos
b) os alcoolatras e seus filhos
c) os DESCALCIFICADOS
d) os doentes dos rins
e) os doentes do figado
f) os doentes que tenham lesões da mucosa gastro intestinal.

Por isso é que ninguem deve tomar um lombrigueiro sem ser sob a responsabilidade immediata de seu Medico. O perigo do lombrigueiro é tão grande, que o proprio Presidente da Associação Brasileira de Pharmaceuticos, discursando na Academia Nacional de Medicina (sessão de 27 de Outubro de 1932) proclamou a necessidade de não venderem as pharmacias qualquer lombrigueiro a não ser sob receita medica!

Sr. José Raggiani, de Itapira, envenenado e morto por um lombrigueiro.

Entretanto, convem lembrar que as Pilulas Vitalizantes operam a cura radical das anemias verminosas, evitando o uso incommodo e tão melindroso dos lombrigueiros. Trata-se de um remedio inoffensivo (este, sim! inoffensivo!) e conhecido de todos os Medicos. As Pilulas Vitalizantes são ao mesmo tempo tonicas e anti-verminosas, sem nunca poderem ser confundidas com um lombrigueiro. Operam a expulsão lenta dos vermes intestinaes, ao mesmo tempo que vão fortificando rapidamente os doentes, abrindo-lhes o appetite, melhorando-lhes as cores e augmentando-lhes o peso. Pergunte ao seu Medico o valor das Pilulas Vitalizantes. E nunca, nunca tome ou dê um lombrigueiro sem primeiro ouvir a opinião de seu Medico.

Menino Oswaldo, irmão de Yolanda, morto no mesmo dia em que sua irmã.

Se lhe interessa, escreva-nos para o endereço abaixo, e pela volta do correio lhe remetteremos gratuitamente, um folheto em que se prova O PERIGO DOS LOMBRIGUEIROS SEM RECEITA DE MEDICO.

LABORATORIO ERNANI LOMBA — Rua da Universidade, 74 — Rio de Janeiro

O VELHINHO

HILZA M. MUTEL

Zóca, como geralmente toda a creança da sua idade, dois annos, temia o feio e não comprehendia o mysterioso velhinho do Natal, de que tanto ouvia falar.

No emtanto, acostumou-se a, todas as tardes, por méro acaso, ser a protectora incomparavel dum velhinho guarda-jardim, encarquilhado pelo tempo e pelo rude trabalho, de mãos tortuosas e voz longinqua, mas portador sempre, duma bondade nativa, que o soffrimento dos annos não conseguira modificar.

Os extremos, no caso presente, se tocavam, numa singela comprehensão, num equivalente raciocinio.

Ella, no verdor das duas primeiras duzias de mezes de vida; elle, no descambar das setentas primaveras soffridas e trabalhadas.

Entendiam-se, porém, com invejavel precisão!

Toda a tarde, ao triste despedir do dia, agarrada ao peitoril da janella, lá estava Zóca, a espreitar com ansiedade o seu velhinho, de volta do seu inalteravel final de trabalho, (guarda-jardim) que o mumificou em vida, num passado já de quarenta annos, immerso em mesquinho ordenado.

— Lá vem elle, lá vem! — Em alvoroço corria Zóca ao interior da casa trazendo a "merenda" do velhinho.

Em minutos, ambos á porta, "entendiam-se". Ella, lhe dava o embrulhinho bemquisto; elle a gratificava com uma florzinha qualquer...

Passou-se o tempo; muitos mezes, talvez mais de anno, com o invariavel programma acima descripto.

Um dia!... ó todos têm o seu dia! desappareceu o velhinho; deixou de buscar a sua "merenda", e peor que tudo, deixou cahir em tristeza profunda a sua protectorazinha. Zóca, não podendo comprehender tal abandono inesperado, sentida, mysteriosamente deixou-se crer, que o seu velhinho de todas as tardes, se transformara no velhinho invisivel de anno em anno!...

Trocaram-lhe o velhinho do jardim pelo velhinho do Natal!

LICOR de CACAO
VERMIFUGO DE XAVIER
O MELHOR LOMBRIGUEIRO
PORQUE E' INOFENSIVO, NÃO TEM
DIETA, NÃO CONTEM OLEO, NÃO PRECISA
PURGANTE. E' GOSTOSO, NÃO IRRITA OS
INTESTINOS E FORTIFICA
AS CREANÇAS.
Licor de Cacao
VER
XA
J.G.

A FELICIDADE

Lá se vae para alguns annos que viveu numa casinha branca, como os lyrios ao raiar do dia, situada no alto de uma verdejante collina e envolta na maior alegria, um joven casal que se amava desde muito e que, agora, se via unido pelo laço sagrado do amor ante a esperança que tinha em Deus.

Era tardinha!

Os passarinhos, no alto das arvores que circumdavam aquelle feliz recanto, entoavam os seus hymnos de gloria numa saudação ao sol que se descambava lentamente no horizonte, ao longe; no pequeno jardim as flores exhalavam um perfume mais puro e inebriante do que aquelle com que o poeta enfeita os seus sonetos; as folhas com o seu farfalhar constante annunciavam a approximação da noite e... no meio deste scenario admiravel, que é a natureza, nascia o fructo daquelle amor, tornando aquellas duas vidas, que tanto se amavam, com uma só alma. Era a felicidade que, encarnada numa creança, vinha morar naquelle lar.

Passaram-se cinco annos de alegria, paz e amor.

Ella tornara-se robusta, de faces rosadas quaes duas maçãsinhas de cabellos cacheados, e prateados como o raio solar. Seus olhos pareciam duas lanternasinhas para clarear aos despiedosos o caminho da bondade. Possuindo uma alma tão pura como o nome de Jesus e boa como uma manhã primaveril, os passaros vinham ás suas mãosinhas buscar migalhas para os filhotes. Quando acariciava as rosas, estas desprendiam-se dos galhos e sobre os pequeninos pés da innocente creancinha depositavam as suas petalas.

Ella era a bondade, o amor, a esperança.

Tudo na terra, porém, é passageiro...

Numa madrugada fresca da primavera, emquanto a lua sumia por traz do morro, ainda scintillando no céo algumas estrellas, quaes ilhas com luzes perdidas num immenso oceano suspenso sobre as nossas cabeças, divisa no poente, em uma nuvem negra e carregada de terror, a morte cruel que, dentro em pouco, levando no seu seio aquelle anjinho, vinha ferir, para a eternidade, os dois corações amantes e enegrecer, para sempre, aquelle feliz recanto.

A felicidade que ahi vivia, tambem morreu...

As flores murcharam-se, perdendo todo o seu perfume; os passaros foram para outras plagas; as arvores deixaram cahir as suas folhas e expuzeram os seus corpos para que um forte vento os derrubassem; o sólo endureceu-se, tornando-se uma rocha, pois sobre a sua terra só existiam agora a tristeza e a amargura ..

E para aquelle casal, que pensava encontrar a felicidade eterna na união conjugal, só restava, desde então, uma esperança: que Deus, com uma bondade misericordiosa, o levasse tambem para o seu reino, para junto do filhinho adoravel, porque, na terra, a felicidade é como que uma rosa pura, bella e perfumosa, mas que se desfaz ao toque da mais leve das brisas.

HAMILTON DE LEMOS
(15 annos)

A mais valiosa pelle animal que se conhece é a da raposa preta de Kamtchaka, que se torna de um azul muito bonito. Uma dessas pelles custa hoje duzentas e trinta libras esterlinas.

UM BOM
CONSELHO
MEUS NETOS...
Que coisa bôa seria para garantia do futuro, si todos vocês tivessem, desde já, o seu terreno.
Alguns nickeis...
poupados e no fim do mez terão o sufficiente para a prestação de um lote, chacara ou sitio no
PARQUE NOVA IGUASSÚ
(TERRENOS DE GUINLE IRMÃOS)
EDUARDO V. PEDERNEIRAS
Av. R. BRANCO, 35 A
NOVA IGUASSU': — PRAÇA MINISTRO SEABRA, 24 A.

A HISTORIA DO DEDAL

O dedal é um invento hollandez e era a principio feito de vidro ou de madreperola. Na China fazem-se dedaes de madreperola, lindamente gravados. Trazidos á Inglaterra em 1695, os dedaes eram fabricados sómente de ferro e de cobre; mas, em tempo bastante recente, começaram a ser feitos de ouro, prata, aço, chifre, marfim e até vidro e madreperola, engastados em ouro e com fundo de ouro.

A BONECA

Deixando a bola e a petéca,
Com que inda ha pouco brincavam,
Por causa d'uma boneca
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira: — E' minha!
— E' minha! — a outra gritava;
E nenhuma se continha
Nem a boneca largava.

Quem mais soffria (coitada!)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa estraçalhada,
E amarrotada a carinha.

Tanto puxaram por ella,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estopa amarella
que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,
Voltando á bola e á petéca,
Ambas, por causa da briga,
Ficaram sem a boneca...

Olavo Bilac

NAPOLEÃO BONAPARTE E O N.º 17

O numero 17 é bonapartista.

Eis a prova. As letras do nome de Napoleão perfazem o numero 17. "Napoleão Rei de Roma" tem 17 letras.

Napoleão III nasceu em 1808, cujos algarismos addicionados dão 17.

A imperatriz Eugenia nasceu em 1826, cujos algarismos são 17, assim como 1853, data do seu casamento.

De 1853 a 1870 ha 17 annos.

Napoleão IV, principe imperial, perdeu o pae aos 17 annos; foi assassinado pelos zulos, com 17 golpes de zagoria.

O principe Victor nasceu em 1826, cujos algarismos dão 17; e quando morreu o principe imperial elle tinha 17 annos.

O SOL

Salvé, sol glorioso! Ao teu clarão fecundo,
A natureza canta e se extasia o mundo.
Que tristeza, que dó, quando desappareces!
Vens, e a terra estragada e feia reverdeces;
Abres com o teu calor as sebes perfumadas;
Dás flores ao verdor das moitas orvalhadas;
Os ninhos aquecendo, ás gargantas das aves
Dás gorgeios de amor, e harmonias suaves;
E, scintillando sobre os tufos de verdura,
Em cada ramo pões uma fructa madura.
A noite é como a morte; o dia é como a vida.
O' Sol, quando te vaes, a alma vaga perdida...
Os pensamentos maus são os filhos da treva:
Fogem, quando a brilhar, no horisonte se eleva
O Sol, pae do trabalho, o Sol, pae da alegria...
Salvé, nuncio da Vida e portador do Dia!

OLAVO BILAC

VEJA!
SÓ USO
CALÇADO
Souto
RIO
FERREIRA SOUTO-S.A.
POR SER
O UNICO
QUE NÃO
DEFORMA
OS PÉS
Souto
RIO
FERREIRA SOUTO-S.A.
FÔRMAS ANATOMICAS
FABRICO SCIENTIFICO
GARANTIA ABSOLUTA

Raul é um garóto mui galante
E á sua noiva dá a cada instante
Por forma recatada, honesta e fina
Um lindo e valioso diamante
Mas ela lhe pediu que d'hoje em diante
Só lhe offereça a boa OVOMALTINE.

Num gesto de feliz contentamento
Ouviu um segredo a gentil menina
É que não ha na terra um alimento
Mais nutritivo, são e suculento
Do que a deliciosa OVOMALTINE.

Porem ursinho e a boneca
Teem inveja da Rebeca
Pois a bonita menina
Está gordinha e sã
Tomando cada manhã
Um copo d'OVOMALTINE.

Depois a creança sonha
Que uma fada mui risonha
Tão linda quão peregrina
A leva em azas de rosas
Pro paiz d'OVOMALTINE
Aonde ha creanças formosas.

DURANTE O CRESCIMENTO

Alegria e felicidades, bom humor e vigor — toda a gloriosa saude da infancia depende unicamente da nutrição.

As creanças no periodo do crescimento precisam de uma abundancia de elementos naturaes, que concorram directamente para fortificar o organismo em desenvolvimento.

Dae a vossos filhos a deliciosa Ovomaltine, que é toda nutriente e é a saude e energia, assegurada pela nutrição.

OVOMALTINE

dá força e saude.

Fabricada pelo Dr. A. Wander S. A., Berne (Suissa)

ALMANACH DO
O TICO TICO
1934
O Almanach
d'O Tico-Tico
saúda seus queridos leitores do Brasil e do mundo, concitando-os ao estudo e ao trabalho -- bases da felicidade pessoal e do bem estar e grandeza da Patria.

ALMANACH D'O TICO-TICO — 1934

CARLITO, meu padrinho

AQUELLE garoto de olhar triste e cabellos desgrenhados tinha passado a noite chuvosa abrigado ao canto daquella porta. O dia amanhecera humido sem um raio de sol.

A senhora da casa verde que fica mais adeante compadecida daquella dôr mysteriosa fôra levar ao pequeno um pedaço de pão com manteiga embrulhado num retalho de jornal e tomada da mais natural curiosidade interrogára:

— Que tens, menino?

— Fome e somno, — respondeu o pequeno, olhando a poça d'agua na sargeta.

— Não tens mãe?

— Nem pae. Fui expulso hontem da casa de uma costureira onde dormia. Quebrei um jarro...

A senhora da casa verde deu por terminada a conversa e não perguntou mais nada. O pequeno agradeceu, comeu o pão devagar e depois passou a contemplar as gravuras daquelle pedaço de papel. Entre annuncios vistosos de sapatos e tonicos afamados um retrato de Carlito apparecia mais seductor. O pequeno olhou-o demoradamente e por fim cerrou os olhos e adormeceu triste como as folhas seccas que tombam no outomno...

Depois sonhou:

Carlito aquelle mesmo philosopho dos Films apparecera desageitado com seus sapatos cambaios; fizera-lhe mil perguntas, queria saber seu nome, seus desejos, dera-lhe balas e elle respondera a tudo: chamava-se José, queria muito um lapis azul e desejava ir para o céo.

Carlito sorrira, tomara-o pela mão e partiram os dois a andar pela rua mal calçada, subiram uma escada muito grande, arredaram nuvens, acarinharam as bochechas dos anjinhos, sentiram o brilho das estrellas, o sereno da lua e o calor do sol. Carlito falava meigo, exaltando a resignação do pobre, a felicidade do homem bom que não ambiciona nada, recebendo humilde toda a amargura da vida. José ouvia. Tinha os olhos brilhantes e começava a sentir o orgulho imponente de sua pobreza...

A voz de Carlito parecia-lhe agora a palavra confortadora do padre Venancio quando ensinava o catecismo.

Chegaram emfim á velha porta do céo. Carlito recompoz a gravata, limpou o pó dos sapatos, e ia bater. José segurou-lhe o braço, fitou-o com os olhos cheios de um fulgor extranho e perguntou:

— Você entra commigo?

— Não, — respondeu Carlito, — não sou digno. Eu volto.

— Então eu volto tambem, — atalhou José. E não quiz entrar.

Mal havia murmurado essas palavras, a mão pesada de um extranho bateu-lhe ao hombro. Era um guarda-civil...

No circo dos Pintinhos

Os irmãos Pintinhos tinham um circo. O Macaco, montado no Tigre, propoz-se atravessar um arco de papel de seda.

E, de facto, atravessou o arco com grande successo. Mas os irmãos Pintinhos tinham-lhe preparado um logro.

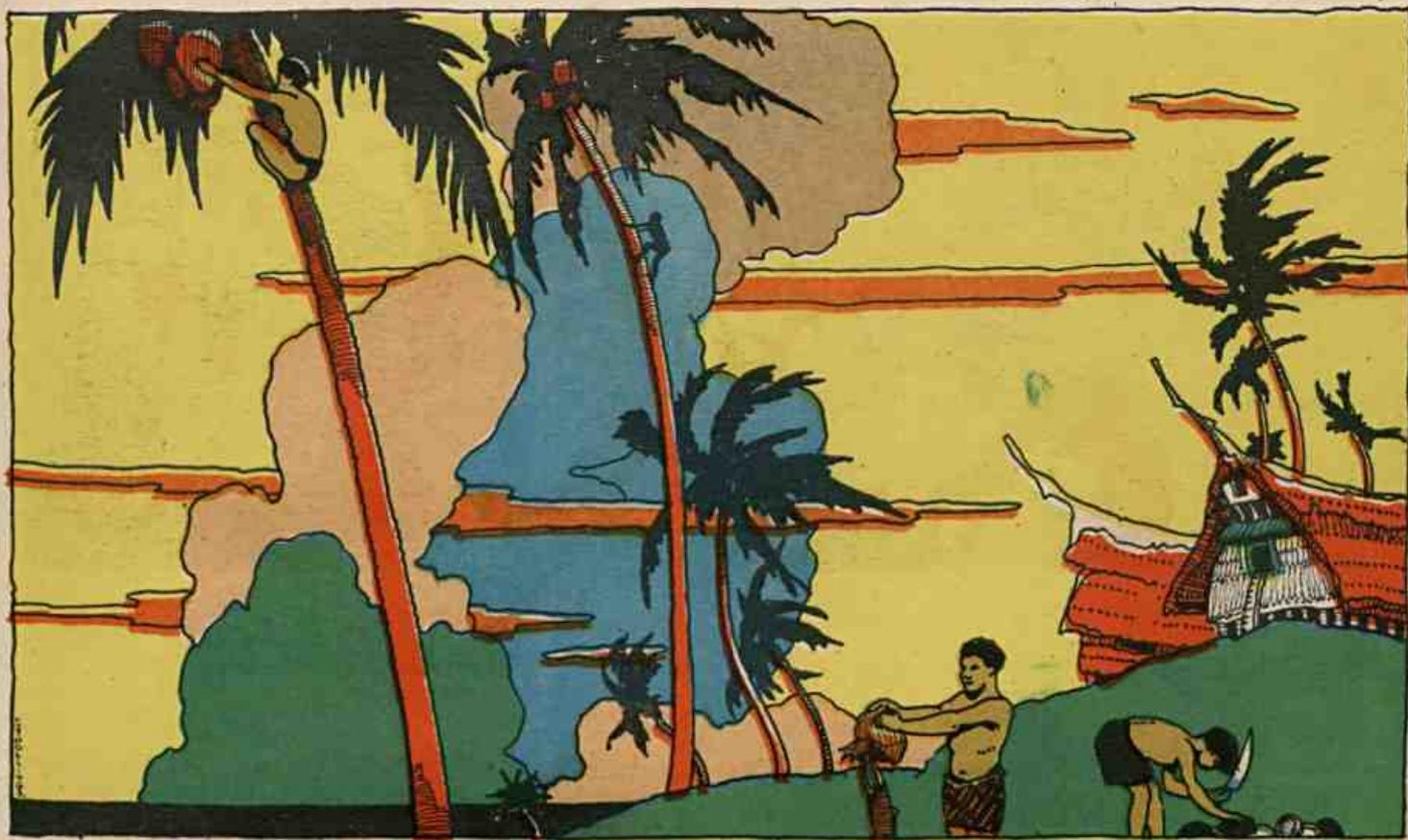
Tinham collocado atraz do arco um balde cheio d'agua. E o Macaco cahiu dentro do balde. Desesperado, o Macaco...

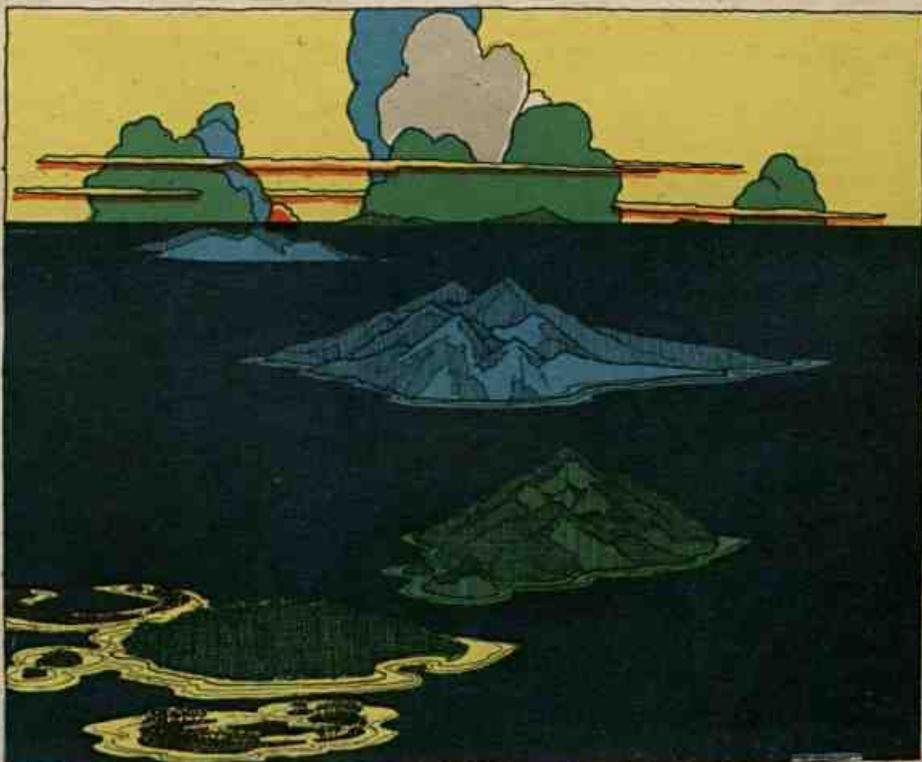
...protestou contra a brincadeira dos amigos que receberam o seu protesto com gostosas gargalhadas.

A Cartilha do A B C

Ha um palacio encantado
Que qualquer menino vê,
Seu nome, sabeis, é lindo:
A Cartilha do A B C.

Amae o livro, meninos,
Aprendei depressa a ler,
Porque bem cedo podeis
O cerebro enriquecer.

Ate' o burro...
Quando Barnabé partiu pela estrada longa da fazenda, ia cumprir uma ordem muito seria: pagar uma quantia grande no armarinho e comprar...
...arame farpado na casa de ferragens. Mas a venda que fica no kilometro 39 é uma tentação. Barnabé apeou-se, tomou um gole...
...grande e deu uma prosa muito demorada. Meia hora...
...depois Barnabé sahiu da venda. Vinha misturando as pernas; o burro percebeu, e deixou-se...
...montar docilmente. Mas logo que Barnabé conseguiu se firmar sobre o sellim, o burro corcoveou...
tres vezes e rodou como uma carrapeta. Barnabé ficou...
...desnorteado. Já não sabia a direcção a tomar e o burro, então, partiu a caminho da fazenda. Quando Dona Clementina viu Barnabé chegar embriagado, perguntou, afflicta:
— Você pagou a conta? Comprou o arame? Trouxe o troco?
— Não, senhora. O dinheiro *vortou* todinho. O burro é sabido.

Pequenas historias dos mares do Sul

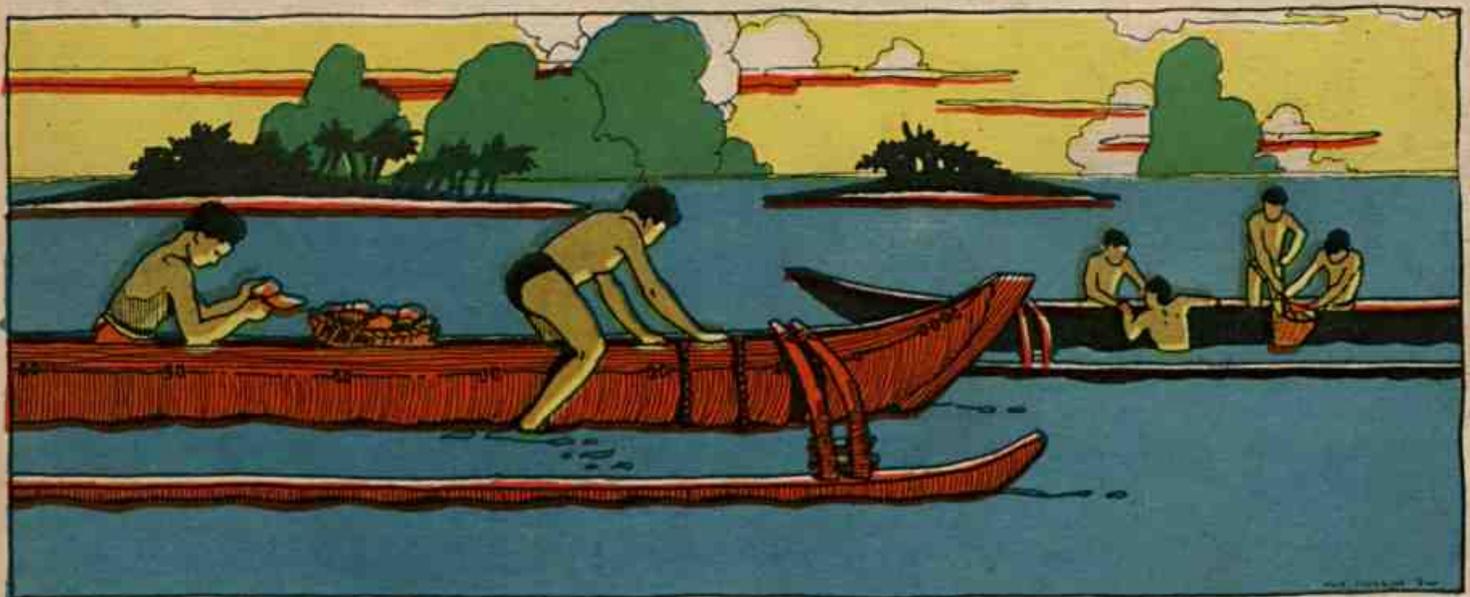
No sul da America, no grande oceano chamado Pacifico, ha centenas e centenas de ilhas, pequenas, medias e grandes, algumas mesmo tão pequenas que só comportam a edificação de uma casa. Muitas dessas ilhas são agrupadas, outras esparsas, mas todas foram feitas de animaes muito pequeninos chamados — coraes — Esses animaes como vocês sabem, podem formar não só ilhas como contas de collares, de pulseiras e outros objectos de adorno. Quando os coraes morrem, deixam um esqueleto calcareo. Bocados por bocados desses esqueletos vão-se amontoando até que formam as rochas de coraes. Essas rochas, depois de muito tempo transformam-se em ilhas extensas que podem receber edificações dos povos que habitam aquella região do planeta. Vamos apreciar uma casa dessas ilhas. Uma casa original, feita de folhas de coqueiros, toda

mobiliada com moveis tambem feitos da folha dessa planta tão commum e tão conhecida de vocês. Os moveis são toscos bancos e mesas, feitos da folha dos coqueiros. Travámos conhecimento com dois pequenos que moram nessa casa: — Fiu e Aretemoi, os pequenos cujas camas não são mais do que esteiras tecidas, como todos os demais objectos, com folhas de coqueiro. As paredes da casa onde habitam são forradas de folhas de coqueiros, as arvores consideradas como as melhores amigas dos insulares. Tão amigas que lhes fornecem tudo: desde o material para a casa, a agua, a polpa macia, o oleo gostoso com que fazem os bôlos nos dias de anniversarios. O pae de Fiu com outros homens cortam as cascas dos coqueiros, fazendo dellas pratos, vasilhas, canôas. A mãe tece esteiras e tangas com a folha bonita. Os coqueiros que, abatidos, não são necessarios ao gasto da casa, são vendidos, ficando os frutos a seccar ao sol. Desses frutos — os côcos — são feitos muitos oleos e cremes usados na face e nos cabellos de varios povos.

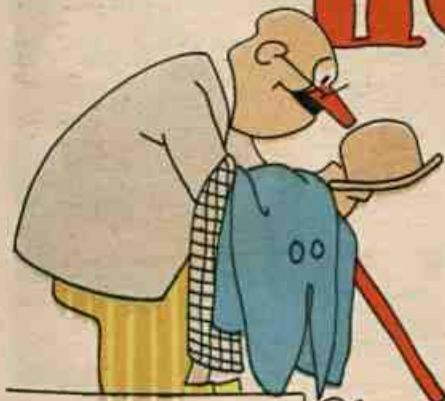
Fiu e Aretemoi moram numa das ilhas de coral do Pacifico, uma ilha pequenina, tão pequena que só possue a casa de moradia e alguns coqueiros.

Em redor da ilha as aguas azuladas do oceano. E os habitantes da ilha lá estão, originaes e pacificos, com a pelle morena, olhos pretos e cabellos bem negros. De constituição physica graciosa e forte, aprendem a nadar logo que começam a andar. E nem póde deixar de ser assim, tendo em consideração que só aguas os cercam. Depois do banho, todos untam a pelle com o oleo dos côcos, não só para

defendel-os do frio como para conservação da epiderme. As roupas usadas pelos insulares são pequenas tangas, rusticos vestidos de tecidos bonitos feitos de varias fibras, alguma coloridas. Todos os meninos das ilhas de coral do Pacifico amam as flores e com ellas tecem bonitas grinaldas que usam no cabello. Ha muitas flores nas arvores das ilhas do Pacifiico, como ha tambem passaros de lindas plumagens. O sport das creanças dessas ilhas é o da pesca, á beira das rochas de coral, onde ha abundancia de peixes coloridos. Os alimentos usuaes são as bananas, peixe cosido ou mesmo cru e, em vez de batatas, que ali não existem, uma especie de fruta-pão, com a qual são feitos bôlos de diversos modos. Fiu e Aretemoi costumam passear nas aguas vizinhas da ilha onde moram. Fazem seus passeios na canôa grande que o pae construiu em um só pedaço de madeira, e é um encanto vel-os, absortos, olhando para o fundo das aguas onde uma verdadeira floresta de arvores de coral lhes deslumbra os olhos. No fundo das aguas ha ostras e as duas creanças sabem que em algumas dellas existem perolas.

Quando lhes é possivel apanham as ostras para examinar e depois comer.

Lindas perolas são achadas nas ostras e vendidas por alto preço. As pescarias das ostras fazem-se em canôas especiaes e os habitantes das ilhas dos mares do Sul descem ao fundo do mar, supportando, tanto quanto possivel, a formidavel pressão da massa d'agua, para agarrar muitas ostras, dentro das quaes, ás vezes encontram a perola cobiçada que, vendida e polida, vae ornar o collo das senhoras, transformada em collares encantadores, ou ostentar-se nas gravatas dos homens civilizados. Os perigos a que estão sujeitos os pescadores de ostras nas ilhas do Sul do Pacifico são enormes e entre elles figura o ataque dos tubarões e outros grandes peixes. Mas os audazes insulares são corajosos e jámais os trocariam pelos encantos dos outros paizes.

Roupa nova

QUANDO Deus creou o homem, fel-o despido, simples e modesto. Mas os seculos fizeram-no vaidoso e cheio de ambições.

Coberto de andrajos, uma vez, o "Cara-Suja" bateu á porta de um ricaço e lhe pediu uma roupa usada. Naquella casa, si o dinheiro era muito, o seu morador (contra a regra geral) tinha tambem uma alma muito grande. E "Cara-Suja" foi servido mas, em vez de uma roupa velha, ganhou um terno novo, chapéo e luvas.

No dia seguinte a surpresa da cidade foi enorme. "Cara-Suja" appareceu trajado com apuro.

Mas como lhe faltasse dinheiro, viu-se obrigado a tirar o chapéo e pedir uma esmola ao primeiro transeunte, que sorriu, desdenhoso, interrogando: — Esmola?! Eu não dou esmola a mendigo que usa luvas!

"Cara-Suja" não gostou. Mais adeante, perseguido como era por outros pobres, elle parou e, cerrando os punhos, protestou: — Eu tambem sou pobre! Arre!

Aquella roupa nova dava-lhe um aspecto distincto mas "Cara-Suja" já não era feliz como outr'ora. Os outros mendigos, quando o viam, sorriam com ironia e chamavam-no em altos brados: — Barão arrebentado! Resto de comida com bandeiras! e outras coisas humilhantes.

Foi por isso tudo que, num domingo pela manhã, "Cara-Suja" voltou á casa de seu protector e lhe disse: — Muito obrigado. Cá estão as suas roupas. Ellas iam me roubando a felicidade. Os meus andrajos, si inspiram piedade, ajudam-me a viver. Essas roupas bonitas sacrificam o meu estomago e iam me transformando em palhaço.

AVENTURAS DO CHIQUINHO

A REVOLUÇÃO DO PERÚ - (DEDICADA AOS MENINOS LEITORES DO ALMANACH)

A' 19 de Julho, o pae de Chiquinho fazia annos e o nosso heroe desejava dar-lhe um presente. Com o consentimento da...

...mamãe, comprou um perú para recheal-o e assar em forno de padaria. Seria uma bella surpresa. A Lili e o Benjamim...

...andavam doidos para descobrir o segredo. No dia do anniversario e na hora do jantar, Chiquinho mandou Benjamim buscar...

...a sua encommenda. — Vá depressa! Os convidados já se aproximavam da mesa e Benjamim estava tardando. Chiquinho,...

...então, disse: — Tenham paciencia, estamos aguardando a chegada do perú recheado que vou offerecer ao papaesinho! Nesse momento, entrou...

...Benjamim com uma caixa e collocou-a numa cadeira. Da caixa saltou um perú vivo. E' que CHIQUINHO esquecera de dizer que queria o perú morto, assado e recheado.

Réco-Réco, Bolão e Azeitona

Bolão ganhou de festa um pote de saboroso melado. Como sempre, o gorducho come ás escondidas, para não offerecer a Azeitona que era tambem um bom apreciador desta saborosa guloseima.

Mas o preto tanto fez que acabou descobrindo onde Bolão guardava o melado, e desde esse dia passou a fazer sociedade com o mesmo. Azeitona pensava que o gorducho não desconfiava de cousa alguma...

Entretanto, todas as vezes que Bolão tirava um pouco do melado, marcava a quantidade que sobrava. E notando que estava sendo roubado, resolveu pegar o ladrão, custasse o que custasse.

Bolão arranjou um pote vasio, igual ao do melado. Foi ao quintal, e com muito cuidado conseguiu tirar uma casa de maribondos, que poz dentro do pote vasio. Depois collocou-o no logar do outro.

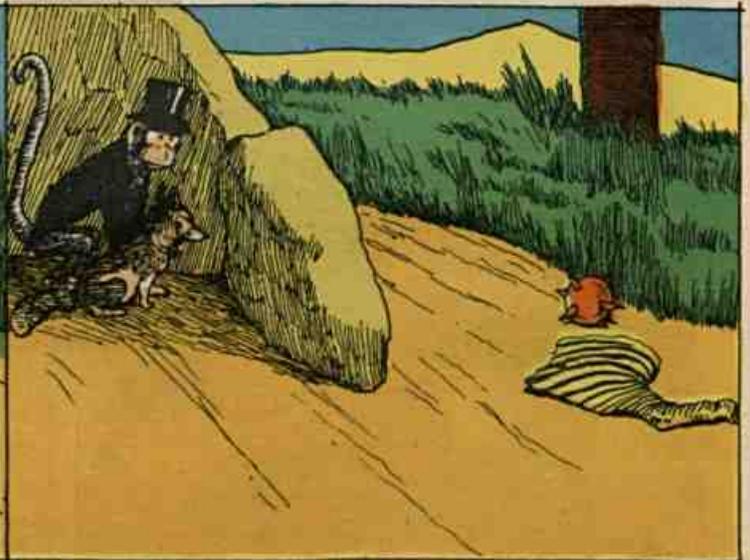
A' noite, Azeitona foi roubar o melado. Abriu o pote e metteu a mão dentro. Foi um desastre. Os maribondos cahiram em cima delle a ferroadas. Aos gritos do preto, acudiram Réco-Réco e Bolão, este radiante com o successo do seu plano.

Bolão pouco gosou, porém, a sua vingança, pois os maribondos tambem cahiram em cima delle e até de Réco-Réco, que nada tinha com a historia... No outro dia causava dó ver-se as caras disformes dos nossos tres inseparaveis amiguinhos.

Leão, Macaco & Cía. **Fazer bem sem ver a quem**

Estava uma zebra pastando e um leão prestes á saltar sobre ella. O Dr. Simão ia passando em companhia da raposa e percebendo a...

...ameaça da fera, avisou a pobrezinha descuidada. A zebra fugiu em desenfreada corrida e o leão, indignado, jurou vingar-se do macaco.

— Ora essa, disse o macaco, por fazer bem estou condemnado á morte?! — Não te arrependas nunca por fazer um beneficio, disse a raposa,...

...amanhã mesmo poremos côbro á pretenção desse malvado! Tenho um plano! Vês aquella bola e uma pelle de zebra? O resto verás amanhã!...

No dia seguinte o macaco e a raposa lá estavam esperando o leão que não tardou a apparecer. O bicho vinha farejando, ao ver a...

...pelle da zebra, atirou-se a ella, espetou-se nas pontas da bola e... morreu. — Viu? disse a raposa, foi elle quem morreu!

Pandareco, Parachoque e Viralata

O TICO-TICO O bicho de melhor dente

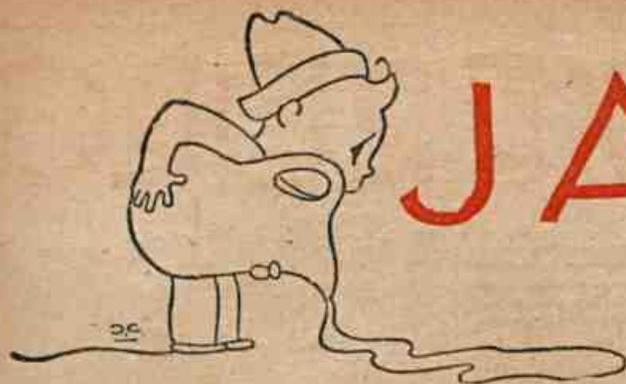
O coelho perguntou ao Tico-Tico: — Qual é o bicho de dentes mais rijos? — Ora, está mais que sabido: é a hyena! respondeu o Tico-Tico.

— Enganas-te, o elephante mastiga quatro cannas de assucar de uma só vez, o que uma machina de moer, ás vezes, não póde fazer! — Isso, não é vantagem!...

...respondeu o Tico-Tico. — E o leão? Não vês como elle dilacera o peito de uma zebra emquanto o diabo esfrega um olho? — Tambem é pouca cousa,...

...compadre coelho, mas não come tudo, só come o que é molle! E o burro que mastiga o milho, o cão e o lobo que roem ossos e,...

...modestia á parte, nós os roedores, furando duros côcos com os dentes, o compadre não acha que...? — Isso não é vantagem! Quero ver cortar a canella de...

...um boi, com uma só dentada. Só a hyena póde fazer porque nada resiste á rijeza dos seus dentes e á força dos seus maxillares.

JANEIRO

1 — Segunda. — *Circ. do Senhor* ✠
Frat. Universal
2 — Terça... — S. Isidoro
3 — Quarta.. — S. Anthero
4 — Quinta.. — S. Gregorio
5 — Sexta... — S. Simeão
6 — Sabbado. — Santos Reis ✠
7 — Domingo — S. Theodoro
8 — Segunda. — S. Lourenço
9 — Terça... — S. Julião
10 Quarta.. — S. Gonçalo
11 — Quinta.. — S. Hygino
12 — Sexta... — S. Satyro
13 — Sabbado. — S. Hilario

JANEIRO — Primeiro mez do anno—31 dias — Signo — Aquario. O nome de Janeiro vem de Januarius, decimo primeiro mez do calendario romano. Chamava-se Januarius em homenagem a Janus, deusa do lar e da patria.

A pedra preferida dos que nascem este mez é a granada.

14 — Domingo — S. Felix de Nola
15 — Segunda. — S. Amaro
16 — Terça... — S. Marcello
17 — Quarta.. — S. Antão
18 — Quinta.. — S. Prisca
19 — Sexta... — S. Canuto
20 — Sabbado. — S. Sebastiao
21 — Domingo — S. Ignez
22 — Segunda. — S. Vicente
23 — Terça... — S. Idelfonso
24 — Quarta.. — Septuagesima
25 — Quinta.. — Conv. de S. Paulo
26 — Sexta... — S. Polycarpo
27 — Sabbado. — S. Francisco de Salles
28 — Domingo — ✠ *Septuagesima*
29 — Segunda. — S. João Chrysostomo
30 — Terça... — S. Martina
31 — Quarta.. — S. Pedro Nolasco

RAMOS DE ARVORES E O NATAL

Desde os primeiros seculos do Christianismo era costume enfeitar-se a casa com ramos de arvores, por occasião do Natal. Os Judeus faziam o mesmo na Festa do Tabernaculo, em setembro.

Os Druidas, sacerdotes dos gaulezes, diziam que enfeitarem-se casas com ramos de arvores constituia o melhor meio de conseguir protecção dos deuses.

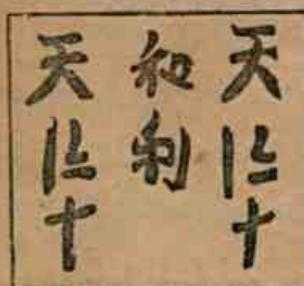
Nos tempos antigos, na Inglaterra, França, Allemanha, as igrejas e casas em datas festivas eram completamente enfeitadas por meio de ramos.

Na Inglaterra, quando um patrão avarento não enfeitava a casa com ramos de rosmaninho e de ervilha de cheiro, os creados penduravam calças suas á janella, conforme se pode ver na gravura junta.

FEVEREIRO

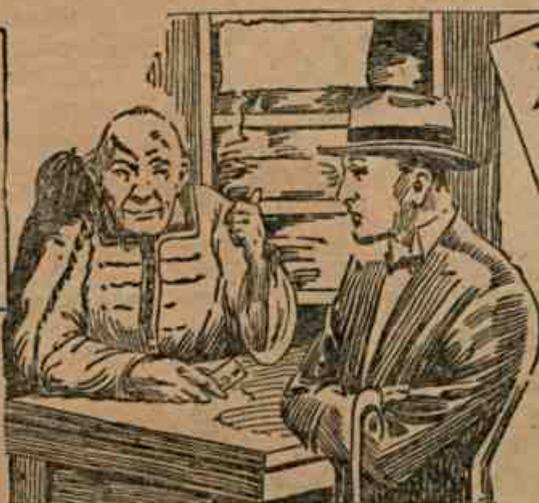
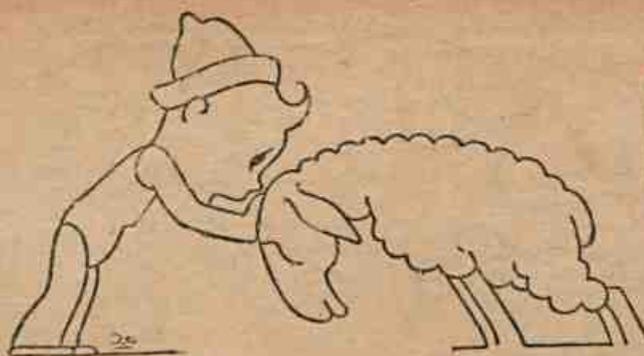
FEVEREIRO — Segundo mez do anno — 28 dias — Signo — Peixes. O mez de Fevereiro era consagrado pelos romanos a Neptuno, deus do mar. Fevereiro tem mais um dia, de quatro em quatro annos. Quando assim acontece o anno é bisexto. Anno bisexto é o que póde ser dividido exactamente por 4.

1 — Quinta.. — S. Brigida
2 — Sexta... — ✠ Purif. de N. Senhora
3 — Sabbado. — S. Braz
4 — Domingo — S. André
5 — Segunda. — S. Agnella
6 — Terça... — S. Armando
7 — Quarta.. — S. Maximiniano
8 — Quinta.. — S. Alfredo
9 — Sexta... — S. Appolonia
10 — Sabbado. — S. Guilherme
11 — Domingo — S. Proculo
12 — Segunda. — S. Julião (Sept.)
13 — Terça... — S. Benigna
14 — Quarta.. — ✠ *Cinzas*
15 — Quinta.. — S. Faustino
16 — Sexta... — S. Gregorio
17 — Sabbado. — S. Silvino
18 — Domingo — S. Marcello
19 — Segunda. — S. Conrado
20 — Terça... — S. Eleuterio
21 — Quarta.. — S. Felix de Metz
22 — Quinta.. — S. Margarida
23 — Sexta... — S. Lazaro
24 — Sabbado. — Promulgação da Constituição
25 — Domingo — S. Cezario
26 — Segunda. — S. Alexandre
27 — Terça... — S. Leandro
28 — Quarta.. — S. Rufino

ALPHABETO CHINEZ

Letras chinezas

Cartaz chinez

O alphabeto chinez é um dos mais originaes do mundo. Os donos de lavanderias chinezas têm um systema muito original, que seguem em todas as capitaes do mundo, em que se estabelecem, de fazer cartazes e annuncios baseados em signos religiosos.

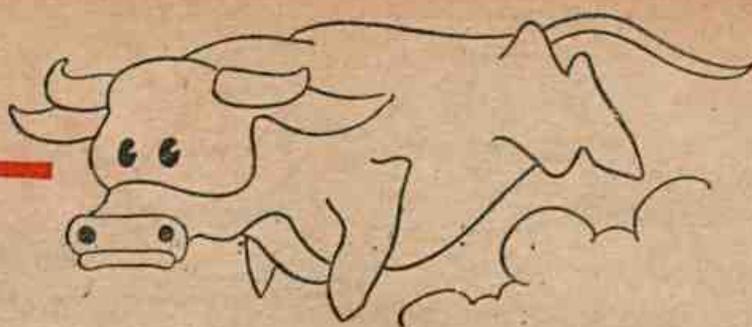
Taes signos representam os nomes de deuses e deusas que são propicios aos chinezes que se dedicam á lavagem de roupas alheias. Esses symbolos têm, por isso, uma significação especial e constituem, afinal de contas, uma especie de linguagem maçonica muito interessante. Povo intelligente e engenhoso, os chinezes possuem ainda o mesmo alphabeto que tinham ha milhares de annos.

MARÇO

1 — Quinta.. — S. Adrião
2 — Sexta... — S. Carlos
3 — Sabbado. — S. Martinho
4 — Domingo — S. Casemiro
5 — Segunda. — S. Pulcheria
6 — Terça... — S. Colleta
7 — Quarta.. — S. Thomaz de Aquino
8 — Quinta.. — S. João de Deus
9 — Sexta... — S. Candido
10 — Sabbado. — S. Militão
11 — Domingo — S. Constantino
12 — Segunda. — S. Eulogio
13 — Terça... — S. Rodrigo
14 — Quarta.. — S. Leandro
15 — Quinta.. — S. Henrique
16 — Sexta... — S. Cyriaco
17 — Sabbado. — S. Agricola
18 — Domingo — Archanjo Gabriel
19 — Segunda. — S. José
20 — Terça... — S. Gilberto
21 — Quarta.. — S. Bento
22 — Quinta.. — S. Octaviano
23 — Sexta... — S. Liberato
24 — Sabbado. — S. Agapito
25 — Domingo — ✠ *Annunciação de N. S.*
26 — Segunda. — S. Braulio
27 — Terça... — S. Alexandre
28 — Quarta.. — S. Dorothéa
29 — Quinta.. — S. Victorino
30 — Sexta... — S. João Climaco
31 — Sabbado. — S. Benjamin

MARÇO — Terceiro mez do anno — 31 dias — Signo — Carneiro. O mez de Março, que era consagrado á deusa Minerva, era o primeiro mez do anno romano. Foi o imperador Romulo que deu a este mez o nome do deus Marte.

As pessoas nascidas neste mez devem usar como pedra preferida a esmeralda.

Livros escriptos para creanças

Ha obras escriptas para creanças que se tornaram famosas no mundo inteiro e cujos typos vivem comnosco, a todo instante.

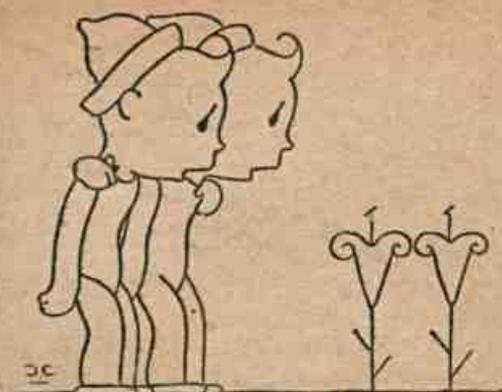
Assim, por exemplo, quem não se lembra das figuras de historias da Carochinha, da Gata Borralheira, de Pedro Malazarte, do Chapéuzinho Vermelho e de outras tantas figuras muitissimo curiosas? São figuras inesqueciveis. "Alice na Terra das Maravilhas", é um desses livros admiraveis. Foi escripto por um professor de mathematica, Lewis Carrol. Pois bem, nessa obra immortal ha uma porção de figuras grotescas e interessantes de que ninguem se esquece. Ha outras obras cujos typos vivem comnosco, tratando-se de obras celebres como D'Artagnan, Robinson Crusoe, Dom Quixote, Adamastor, Hamleto.

ABRIL—Quarto mez do anno — 30 dias — Signo — Touro. O mez de Abril era consagrado pelos romanos á deusa Venus. Seu nome vem de Aperire, abrir, porque nessa época a Terra se abre para mostrar as suas abundantes producções.

A pedra das pessoas nascidas neste mez é o brilhante.

1 — Domingo — *Paschoa*
2 — Segunda. — S. Nicacio
3 — Terça... — S. Benedicto
4 — Quarta.. — S. Zozimo
5 — Quinta.. — S. Geraldo
6 — Sexta... — S. Celestino
7 — Sabbado. — S. Epiphanio
8 — Domingo — S. Amancio
9 — Segunda. — S. Marcello
10 — Terça... — S. Terencio
11 — Quarta.. — S. Magno
12 — Quinta.. — S. Romeu
13 — Sexta... — S. Justino
14 — Sabbado. — S. Lamberto
15 — Domingo — S. Basilio
16 — Segunda. — S. Fructuoso
17 — Terça... — S. Aniceto
18 — Quarta.. — S. Appolonio
19 — Quinta.. — S. Jorge
20 — Sexta... — N. S. dos Prazeres
21 — Sabbado. — *Tiradentes*
22 — Domingo — S. Leonidas
23 — Segunda. — S. Fortunato
24 — Terça... — S. Alexandre
25 — Quarta.. — Patrocinio de S. José
26 — Quinta.. — S. Cleto
27 — Sexta... — S. Turibio
28 — Sabbado. — S. Vital
29 — Domingo — S. Hugo
30 — Segunda. — S. Eutropio

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Foi uma famosa figura da Idade Média. Poeta e santo italiano, immortalisou-se não só pela sua vida como tambem pela propagação da fé, e foi tambem um dos grandes nomes das letras de sua patria. Figura do seculo XIII, Francisco de Assis compoz o seu "Hymno ao Sol" e foi creador dos canticos do Natal. Neste particular, os historiadores divergem, havendo quem diga que S. Francisco não compoz hymnos, mas que indirectamente fomentou a propagação delles atravéz da Italia. Como quer que seja, o hymno sacro do Natal surgiu dos "autos da Natividade", que eram representados em Greccio, em 1229.

Taes hymnos passaram da Italia para a França, Hespanha e Inglaterra.

MAIO

1 — Terça... — ✠ *Dia do Trabalho*
2 — Quarta.. — S. Mafalda
3 — Quinta.. — *Descoberta do Brasil*
4 — Sexta... — S. Floriano
5 — Sabbado. — S. Agostinho
6 — Domingo — S. Judith
7 — Segunda. — N. S. do Resgate
8 — Terça... — S. Victor
9 — Quarta.. — S. Gregoriano
10 — Quinta.. — ✠ *Ascensão*
11 — Sexta... — S. Illuminato
12 — Sabbado. — S. Philippe
13 — Domingo — *Abolição da Escravidão*
14 — Segunda. — S. Bonifacio
15 — Terça... — S. Izidro
16 — Quarta.. — S. Honorio
17 — Quinta.. — S. Paschoal
18 — Sexta... — S. Eurico
19 — Sabbado. — S. Calypsa
20 — Domingo — ✠ *Espirito Santo*
21 — Segunda. — S. Manços
22 — Terça... — S. Romão
23 — Quarta.. — Espirito Santo
24 — Quinta.. — S. Afra
25 — Sexta... — S. Urbano (*Assumpção*)
26 — Sabbado. — S. Agostinho
27 — Domingo — S. Olivio
28 — Segunda. — S. Germano
29 — Terça... — S. Procopio
30 — Quarta.. — S. Fernando III
31 — Quinta.. — ✠ *Corpus Christi*

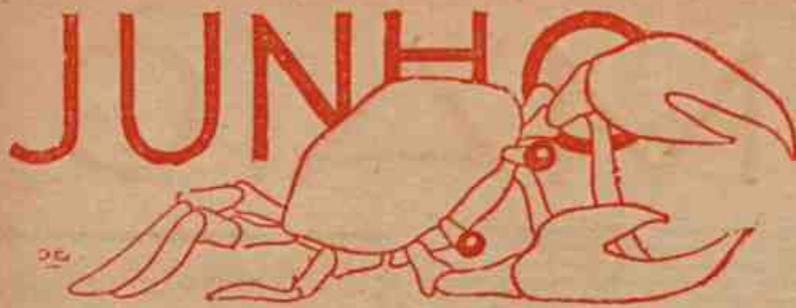
MAIO — Quinto mez do anno — 31 dias — Gemeos. Os romanos consagravam este mez a Apollo. Foi-lhe dado esse nome em homenagem aos velhos — Maius a Majoribus. Mez de Maria.

As pessoas que nascem no mez de maio devem usar como pedra protectora o topazio. O rubi não menos as protegerá.

Mark Twain, o famoso humorista, e os eclipses

Mark Twain, o famoso humorista americano, no seu livro famoso "Um yankee na Côrte do Rei Arthur", emprega a sciencia astronomica para salvar o seu heróe de ficção. O yankee encontrava-se na imminencia de ser queimado vivo, quando se lembrou do seu almanach e mandou um recado ao rei: "Diga ao rei que dentro em breve porei o mundo inteiro ás escuras". O rei achou a ameaça verdadeiramente impossivel e mandou que a condemnação fosse sustada.

Horas depois dava-se o eclipse de maneira que o yankee conseguiu salvar-se da pena de morte.

Mark Twain foi um humorista famoso, autor de historias muito engraçadas.

JUNHO

JUNHO — Sexto mez do anno — 30 dias — Signo — Caranguejo. Os romanos consagravam este mez a Mercurio. O seu nome deriva-se de Juno, ou Junio-Bruto. Era o quarto mez do anno romano.

Pedra recommendada: — a amethista.

1 — Sexta... — S. Ferino
2 — Sabbado. — S. Erasmo
3 — Domingo — Corpo de Deus
4 — Segunda. — Espirito Santo
5 — Terça... — S. Saturnina
6 — Quarta.. — S. Marciano
7 — Quinta.. — S. Claudio
8 — Sexta... — S. Gilberto
9 — Sabbado. — S. Paulo da Cruz
10 — Domingo — S. Margarida
11 — Segunda. — Trindade
12 — Terça... — S. Adolpho
13 — Quarta.. — S. Antonio de Lisbôa
14 — Quinta.. — S. Basilio Magno
15 — Sexta... — *Corpus Christi*
16 — Sabbado. — N. S. do Soccorro
17 — Domingo — S. Anatolio
18 — Segunda. — S. Marcellino
19 — Terça... — S. Gervazio
20 — Quarta.. — S. Macario
21 — Quinta.. — S. Luiz Gonzaga
22 — Sexta... — S. Paulino
23 — Sabbado. — S. Aggripino
24 — Domingo — ✠ S. João Baptista
25 — Segunda. — S. Guilherme
26 — Terça... — S. Antelmo
27 — Quarta.. — Pureza de N. Senhora
28 — Quinta.. — S. Irineu
29 — Sexta... — ✠ S. Pedro e S. Paulo
30 — Sabbado. — S. Marçal

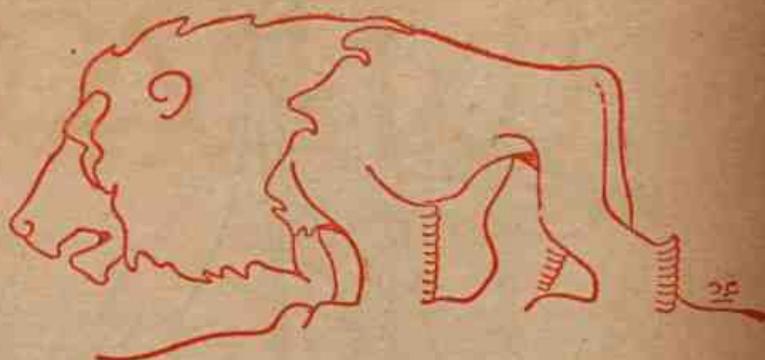
OURO, INCENSO E MYRRHA

Arvores de incenso

Os tres reis magos

A myrrha

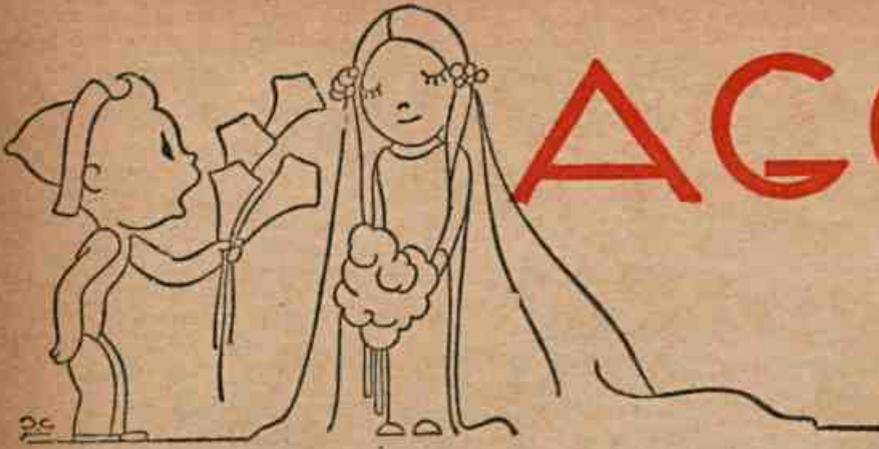
O ouro, o incenso e a myrrha, tres elementos que os reis magos do Oriente levaram de presente a Jesus, na mangedora de Bethlém, existem ainda e podem ser achados com facilidade.

O incenso é uma resina gommosa obtida de certas arvores da especie Boswellia. Essas arvores se encontram principalmente na Africa e na Arabia. Basta fazer uma incisão na casca da arvore para se conseguir uma gomma lactea que se endurece lentamente em gottas amarelladas. A myrrha é uma substancia gommosa tirada de um vegetal que existe tambem em grande abundancia na Asia e na Africa. O incenso e a myrrha são conhecidos ha mais de cinco mil annos, pelas velhas civilizações do Oriente e do Levante. O ouro, como se sabe, é um metal muito precioso.

1 — Domingo — S. Simeão
2 — Segunda. — *Visitaç. de N. Sra.*
3 — Terça... — S. Jacintho
4 — Quarta.. — S. Laureano
5 — Quinta.. — S. Athanazio
6 — Sexta... — S. Angela
7 — Sabbado. — S. Firmino
8 — Domingo — S. Procopio
9 — Segunda. — S. Veronica
10 — Terça... — S. Januario
11 — Quarta.. — S. Symphronia
12 — Quinta.. — S. Nabor
13 — Sexta... — S. Anacleto
14 — Sabbado. — *Tomada da Bastilha*
15 — Domingo — S. Henrique
16 — Segunda. — N. S. do Carmo
17 — Terça... — S. Aleixo
18 — Quarta.. — S. Arnaldo
19 — Quinta.. — S. Vicente de Paula
20 — Sexta... — S. Elias
21 — Sabbado. — S. Claudio
22 — Domingo — S. Platão
23 — Segunda. — S. Liborio
24 — Terça... — S. Bernardo
25 — Quarta.. — S. Thiago
26 — Quinta.. — S. Olympio
27 — Sexta... — S. Mauro
28 — Sabbado. — S. Celso
29 — Domingo — S. Olavo
30 — Segunda. — S. Abdão
31 — Terça... — S. Fabio

JULHO — Setimo mez do anno — 31 dias — Signo — Leão. Os romanos consagravam este mez a Jupiter. Seu nome deriva de Julius Cesar, o reformador do calendario romano. Era seu nome, antes, Quintilis, por ser o quinto mez do calendario de Romulo.

COSTUMES ANTIGOS DO NATAL

Ha muitos e muitos costumes interessantes que estão ligados aos festejos do Natal. Assim, se alguem estudar os costumes da Idade Média, verificará que na Inglaterra e na Allemanha, havia um costume muito interessante pelo Natal. Tratava-se de dar benção ás macieiras.

Fazia-se o seguinte: — Na manhã do Natal, os camponezes acompanhados por sacerdotes percorriam todos os pomares e lançavam cinzas sobre as macieiras, para que dessem bons frutos, na proxima colheita. Em geral, tal ceremonia se realizava pela madrugada e tinha muito interesse, porque della participava o povo.

AGOSTO

AGOSTO — Oitavo mez do anno — 31 dias —Signo—Virgem. Este mez era consagrado a Ceres, deusa da fartura. Seu nome vem de Augustus, imperador romano que o creou com trinta e um dias.

Pedra do mez: — Saphira ou brilhante.

1 — Quarta.. — S. Leoncio
2 — Quinta.. — N. S. dos Anjos
3 — Sexta... — S. Cassiano
4 — Sabbado. — S. Domingos
5 — Domingo — N. S. das Neves
6 — Segunda. — *Transf. do Senhor*
7 — Terça... — S. Alberto
8 — Quarta.. — S. Cyriaco
9 — Quinta.. — S. Romão
10 — Sexta... — S. Lourenço
11 — Sabbado. — S. Suzana
12 — Domingo — S. Clara
13 — Segunda. — S. Aquila
14 — Terça... — N. S. da Bôa Morte
15 — Quarta.. — ✠ *Assumpção de N. Senhora*
16 — Quinta.. — S. Roque
17 — Sexta... — S. Juliano
18 — Sabbado. — S. Agapito
19 — Domingo — S. Magiro
20 — Segunda. — S. Samuel
21 — Terça... — S. Umbelina
22 — Quarta.. — S. Timotheo
23 — Quinta.. — S. Donato
24 — Sexta... — S. Bartholomeu
25 — Sabbado. — S. Luiz
26 — Domingo — S. Zeferino
27 — Segunda. — S. José de Calazans
28 — Terça... — S. Agostinho
29 — Quarta.. — S. Adolpho
30 — Quinta.. — S. Fiacre
31 — Sexta... — S. Cecidio

ANNO DOMINI

O anno hebreu

Mahomet

O Papa Gregorio lendo o calendario

O nosso "Anno Domini" foi suggerido por Dionysio, que morreu em 540 A. C. Antes dessa data, os annos eram dados á maneira romana, — "tantos a partir da fundação da cidade". O calendario israelita começa com a creação do mundo, que se considera ter-se dado em 3.760. Rosh Mahsnab, o Anno Novo hebreu, indica o começo do anno religioso israelita. O calendario mahometano começa com o dia que se segue á fuga de Mahomet de Mecca para Medina, o que occorreu a 15 de Julho de 622 da nossa era. Os calendarios chinezes e thibetanos têm tambem uma duração muito differente dos nossos.

SETEMBRO

1 — Sabbado. — S. Constancio
2 — Domingo — S. Estevam
3 — Segunda. — S. Dorothéa
4 — Terça... — S. Rosalia
5 — Quarta.. — S. Bertino
6 — Quinta.. — S. Zacarias
7 — Sexta... — *Independencia do Brasil*
8 — Sabbado. — Natividade de N. Senhora
9 — Domingo — S. Sergio
10 — Segunda. — S. Pulcheria
11 — Terça... — S. Didimo
12 — Quarta.. — S. Juvencio
13 — Quinta.. — S. Amado
14 — Sexta... — Exaltação da Sta. Cruz
15 — Sabbado. — N. S. das Dores
16 — Domingo — S. Edith
17 — Segunda. — S. Fiocello
18 — Terça... — S. José Cupertino
19 — Quarta.. — S. Pamposa
20 — Quinta.. — *Lei Org. do Dis. Federal*
21 — Sexta... — S. Matheus
22 — Sabbado. — S. Thomaz
23 — Domingo — S. Luiz
24 — Domingo — N. S. das Mercês
25 — Terça... — S. Herculano
26 — Quarta.. — S. Cypriano
27 — Quinta.. — S. Terencio
28 — Sexta... — S. Wenceslau
29 — Sabbado. — S. Miguel Archanjo
30 — Domingo — S. Leopardo

SETEMBRO — Nono mez do anno — 30 dias — Signo — Balança. O nome deste mez vem de September, setimo mez do anno romano. Era consagrado a Vulcano e teve tambem os nomes de Tiberio, Germanicus, Antonius e Herculeus.

A CONTAGEM DO TEMPO

Romulo, o legendario fundador de Roma

Os romanos tinham um systema curiosissimo de contar os dias. Não os chamavam o primeiro, o segundo, o terceiro do mez, e assim por deante. Os que fundaram Roma e, depois, augmentaram o seu dominio através do mundo, contavam o tempo para traz tomando por ponto de partida tres épocas, em cada mez, conhecidas pela designação de calendas, nonas e idos. As calendas eram o primeiro dia de cada mez. As nonas, o quinto, excepto em Março, Maio, Julho e Outubro, quando eram o setimo. Os idos eram o 13º dia excepto em Março, Maio, Julho e Outubro, mezes em que os idos eram o 13º dia. Assim 25 de Dezembro, era chamado o setimo antes das Calendas de Janeiro.

Numa Pompilio, que acreditou ter feito o primeiro calendario romano.

Calendas Januarius

MENSIS OCTOBER DIES XXXI NONAE SEPTIMAN DIES
MENSIS NOVEMBER DIES XXX NONQVINT DIESHOR
MENSIS DECEMB DIES XXXI NON

Parte de um velho calendario romano

A palavra calendario vem de calendas. Na Roma antiga, era costume collocarem-se noticias ou calendas, nos logradouros publicos, marcando os jogos e os grandes divertimentos populares.

OUTUBRO

OUTUBRO — Decimo mez do anno—31 dias — Signo — Escorpião. Este mez era consagrado a Marte e seu nome vem de October, oitavo mez do anno de Romulo.

1 — Segunda. — S. Verissimo
2 — Terça... — S. Ligorio
3 — Quarta.. — N. S. do Rosario
4 — Quinta.. — S. Francisco de Assis
5 — Sexta... — S. Placido
6 — Sabbado. — S. Bruno
7 — Domingo — S. Augusto
8 — Segunda. — S. Brigida
9 — Terça... — S. Andronico
10 — Quarta.. — São Gereão
11 — Quinta.. — S. Nerinio
12 — Sexta... — *Descoberta da America*
13 — Sabbado. — S. Eduardo
14 — Domingo — S. Eulampia
15 — Segunda. — S. Thereza de Jesus
16 — Terça... — S. Martiniano
17 — Quarta.. — N. S. dos Remedios
18 — Quinta.. — S. Justo
19 — Sexta... — S. Aquilina
20 — Sabbado. — S. Feliciano
21 — Domingo — S. Ursula
22 — Segunda. — S. Euzebio
23 — Terça... — S. Graciano
24 — Quarta.. — S. Raphael Archanjo
25 — Quinta.. — S. Chrispim
26 — Sexta... — S. Evaristo
27 — Sabbado. — S. Didier
28 — Domingo — S. Simão
29 — Segunda. — S. Bemvinda
30 — Terça... — S. Angelo
31 — Quarta.. — S. Mathurino

AS JOIAS

A origem da joalheria perde-se na noite dos tempos.

O uso de pequenos objectos de adorno constitue uma das creações mais antigas que se podem imaginar.

No tempo da pedra lascada, o homem e a mulher já se adornavam com collares feitos de dentes de animaes que caçavam.

As primeiras joias, segundo dizem os historiadores, foram usadas não com o proposito de enfeitar o corpo, mas para livral-o dos máos espiritos.

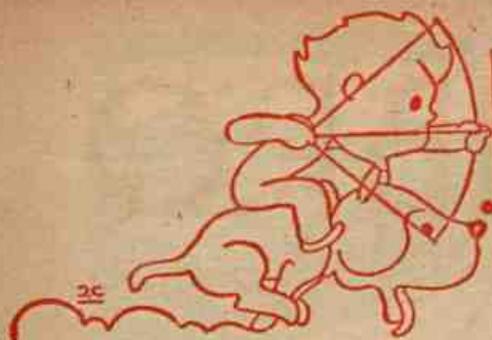
Annel egypcio

Annel egypcio

As primeiras joias eram objectos magicos e talismanicos. Por isso, toda a gente deveria usal-os.

Bracelet egypcio

Mais tarde, porém, as joias passaram a ser objectos de luxo e de adorno.

Princeza egypcia comprando joias num mercador phenicio

Os egypcios foram os primeiros a fabricar joias, que ainda hoje impressionam vivamente pelo gosto das cores e do desenho.

Bracelet egypcio

Os egypcios tambem foram os primeiros a empregar pedras preciosas, o que se realisou em 2500 antes de Christo.

NOVEMBRO

1 — Quinta.. — ✠ *Todos os Santos*
2 — Sexta... — ✠ *Finados*
3 — Sabbado. — S. Benigno
4 — Domingo — S. Carlos Borromeu
5 — Segunda. — S. Zacharias
6 — Terça... — S. Gregorio
7 — Quarta.. — S. Amarando
8 — Quinta.. — S. Deodato
9 — Sexta... — S. Aggripino
10 — Sabbado. — S. Florencio
11 — Domingo — S. Eustalia
12 — Segunda. — S. Diogo
13 — Terça... — S. Didacio
14 — Quarta.. — Patrocinio de N. Senhora
15 — Quinta.. — *Proclamação da Republica*
16 — Sexta... — S. Ignez de Assis
17 — Sabbado. — S. Hugo
18 — Domingo — S. Maximo
19 — Segunda. — S. Izabel da Hungria
20 — Terça... — S. Simplicio
21 — Quarta.. — Apresentação de N. Senhora
22 — Quinta.. — S. Cecilia
23 — Sexta... — S. Clemente
24 — Sabbado. — S. João da Cruz
25 — Domingo — S. Catharina
26 — Segunda. — S. Conrado
27 — Terça... — S. Facundo
28 — Quarta.. — S. Gregorio III
29 — Quinta.. — S. Saturnino
30 — Sexta... — S. André

NOVEMBRO—Decimo primeiro mez do anno—30 dias—Signo — Sagittario. Este mez era consagrado a Diana. O seu nome vem de November, por ter sido o nono mez do calendario de Romulo.

Pedra do mez: — rubi, para os homens; granada para as mulheres.

Audubon e Agassiz

Audubon

Agassiz

Agassiz

Audubon e Agassiz eram dois famosos scientistas que desde meninos revelaram pendor por estudos de sciencia.

Audubon, aos 9 annos de idade, interessou-se pela Zoologia. Seu pae deu-lhe um livro contendo gravuras de passaros. Audubon verificou que essas gravuras não eram correctas e poz-se a corrigil-as a todo o momento. Esses estudos constituiram a base para a sua carreira de Zoologia.

Agassiz, a quem o Brasil deve tanto, e que foi amigo de D. Pedro II, aos dez annos de idade, interessou-se muito por Botanica e por Zoologia. Muito cedo começou os seus estudos. Linneu, o grande naturalista, antes dos 15 annos, havia feito estudos a respeito de vegetaes da Suecia.

1 — Sabbado. — S. Cassiano
2 — Domingo — S. Leoncio ✠ *Advento*
3 — Segunda. — 1° Domingo do Advento
4 — Terça... — S. Armando
5 — Quarta.. — Ad. S. Geraldo
6 — Quinta.. — S. Nicolau
7 — Sexta... — S. Ambrosio
8 — Sabbado. — ✠ *Conceição da N. Senhora*
9 — Domingo — S. Leocadia
10 — Segunda. — S. Melchiades
11 — Terça... — S. Damaso
12 — Quarta.. — Ad. S. Justino
13 — Quinta.. — S. Luzia
14 — Sexta... — S. Aguello

DEZEMBRO — Decimo segundo e ultimo mez do anno — 31 dias — Signo — Capricornio. Este mez era consagrado a Vesta. O seu nome vem de December, decimo mez do calendario romano. No tempo do imperador Commodo este mez chamou-se Amazonius.

15 — Sabbado. — S. Valeriano
16 — Domingo — S. Adelaide
17 — Segunda. — S. Olympia
18 — Terça... — S. Braziliano
19 — Quarta.. — Ad. S. Nemezio
20 — Quinta.. — S. Alfredo
21 — Sexta... — S. Thomé
22 — Sabbado. — S. Honorato
23 — Domingo — S. Dagoberto
24 — Segunda — S. Emiliana
25 — Terça... — ✠ *Natal*
26 — Quarta.. — S. Estevam
27 — Quinta.. — S. João Evang.
28 — Sexta... — Os Santos Inn°.
29 — Sabbado. — S. Thomaz
30 — Domingo — S. Hilario
31 — Segunda. — S. Silvestre

FAZEDORES DE OURO

Rogerio Bacon

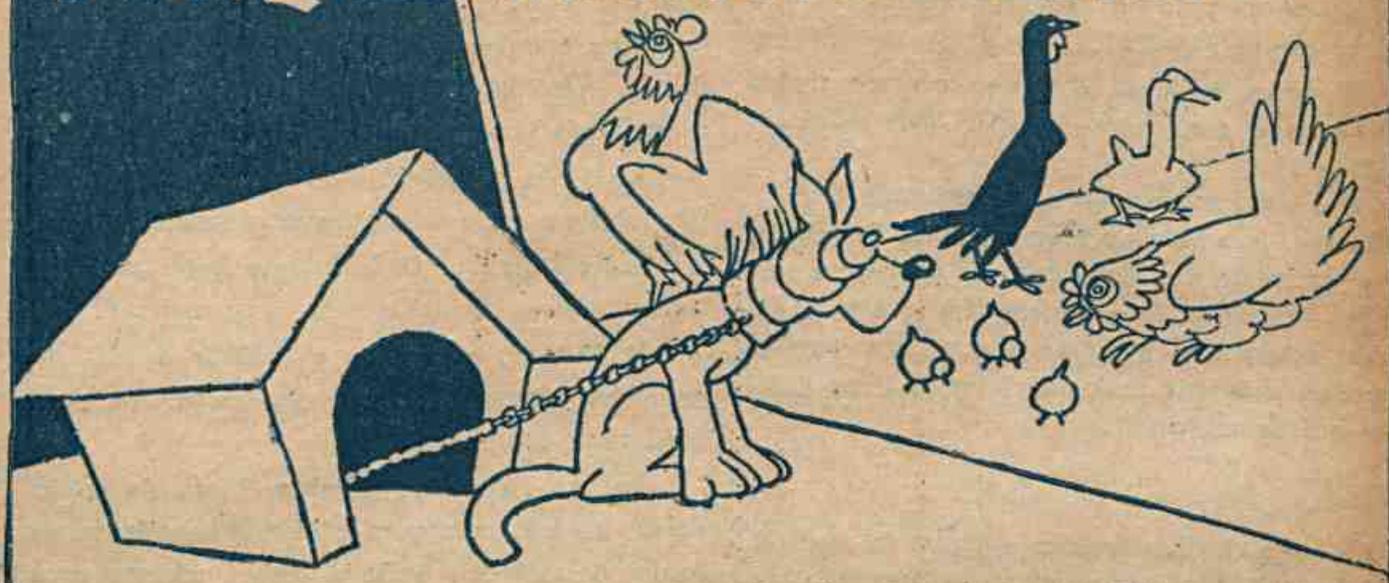
Bernard Trevisan

Isaac Newton

Assim eram chamados os alchimistas que queriam transformar todos metaes em ouro. Na Inglaterra, o Parlamento, em 1404, prohibiu que os alchimistas fizessem ouro porque com isso davam prejuizos ao erario.

Durante muitos seculos, um dos maiores sonhos da humanidade consistiu em transformar os metaes em ouro. Grandes scientistas empenharam-se nessa importante realização, como Bacon, Schwartz e Trevisan, bem como outras figuras famosas queimaram muita pestana procurando transformar cobre, ferro e estanho em ouro.

Sir Isaac Newton, que era um grande espirito, consultou livros de alchimia, e procurou a todo transe realizar esse sonho praticamente.

Trevisan tambem fez experiencias famosas na Italia, e diz-se que tanto se impressionou com o seu plano que acabou louco.

PRESO por grossa corrente, á porta de sua casinha, Nero, o velho cão da casa, tinha como unica visinhança o amplo gallinheiro, com um lindo lago onde elle via singrarem uns patinhos amarellos como gemma de ovo!...

Por todo o dia, modorrento e preguiçoso, o olhar do canzarrão estirava-se por toda aquella republica de pennas, cujo presidente, um lindo gallo de plumagem vermelha, irritava-lhe os nervos com os seus: có-có-ri-cós... estridentes que lhe doiam nos ouvidos cansados, mas que enchiam de vaidade ás gallinhas que cacarejavam...

Toda a vida do gallinheiro se passava, aos olhos somnolentos de Nero que, se lhe fosse dado escrever faria um romance estupendo, cheio de scenas tragicas e grotescas, com traições e ciumadas...

Assim Nero assistiu mais de uma vez á caçada ingrata de lindos frangos que, levados pela cozinheira, não voltavam mais ao gallinheiro e dos quaes, no emtanto, os ossos triturados lhe souberam tão bem...

Seus olhos arrastados viram, com pesar, a indifferença das outras aves com o desapparecimento dos companheiros: cacarejavam, cócóricavam como sempre sem o menor vislumbre de tristeza.

Da porta de sua casóta, Nero assistiu e acompanhou o chôco de muitas gallinhas: barulhentas, arripiadas, feias, zangando-se por um nada, sempre promptas para bicarem as amigas... intoleraveis por fim!

Notou Nero que, apesar de enjoadas, ellas se tornavam o cuidado da patrôa que lhes mandava fazer uma cama de palha onde, com mil precauções collocavam uma porção de ovos alvissimos. Depois, viu o cão que tomavam as gallinhas e prendiam-nas lá com os ovos.

E Nero ouviu dizer que as miseras, ali presas, estavam chocando...

E que era chocar?

Todos os dias a cozinheira vinha tirar a prisioneira que, num estardalhaço, sahia a gritar... Depois voltava para o caixote e o mesmo silencio cahia sobre ella.

No gallinheiro, ninguem se lembrava da captiva.

— Que raça ingrata a dos gallinaceos, pensava Nero, todo estribado na sua fidelidade e gratidão... Que raça ingrata!

* * *

Um dia soltaram a prisioneira. Ao envez de vir, no estardalhaço de sempre, num retinir de vidros que se quebram, ella saltou do ninho tão meiga, tão doce... e... acompanhada de uma duzia de pintainhos tão lindos, tão macios... No meio delles tres patinhos amarellos gingavam, pesados e graciosos.

O olhar de Nero descansou doce nesse grupo emplumadamente mácio...

E Nero comprehendeu o que era então chocar.

Desse dia em deante, o canzarrão somnolento acompanhou com interesse e carinho a familia que nascera sob os seus olhos.

Viu a fadiga da gallinha catando migalhas e vermes para os pintainhos.

Notou o cuidado e desvelo com que ella os agasalhava deixando de comer muita vez e sem poder nunca descansar... Admirou a terna solicitude com que ella, á borda do lago, esperava os patinhos que nadavam doidamente, lindamente.

E viu crescererem os pintainhos e viu crescerem os patos...

Viu-os um a um sumirem-se na cozinha. Comeu-lhes os ossos sobejados...

E novas gallinhas chocaram, e novas ninhadas surgiram qual mais doirada, qual mais encantadora!

E o olhar somnolento e preguiçoso de Nero ia contemplando a vida daquella republica de pennas, cujo presidente, um lindo gallo de plumagem vermelha — irritava-lhe os nervos com os seus có-có-ri-cós estridentes que lhe doiam nos ouvidos cansados, mas que enchiam de vaidade as gallinhas que cacarejavam...

* * *

Um dia os olhos de Nero sahiram da modorra habitual, attonitos, admirados: as gallinhas, os frangos, os pintainhos, o perú robusto e até os patos, tudo foi desapparecendo, levados, um a um, por homens fortes que os mettiam em jacás de palha.

Mudança? Para onde?

E elle, Nero, tambem seria mudado?

Por que? A vida lhe era ali tão boa, tão calma...

Nesse dia, os olhos do velho canzarrão não se fecharam a dormitar: estavam ansiados, brilhavam ao primeiro barulho, medrosos, afflictos...

* * *

Ao trazer-lhe o jantar costumado, a cozinheira afagou a cabeça de Nero.

Em logar, porém, de lhe dar o alguidar com a carne cozida, desenganchou a corrente, e, puxando o velho animal, levou-o para o gallinheiro.

Lá, sob o alpendre, ageitou-lhe a cama, collocou-lhe perto o alguidar e trouxe-lhe agua fresca.

Depois, foi-se embora, encostando a porta do gallinheiro.

* * *

Voltando a si do estupor do que lhe acabava de acontecer, Nero nem tocou no alimento.

— Por que o levaram para o gallinheiro, se elle era um cão, de pello farto e tinha a sua casóta tão linda?

Seria elle obrigado a comer, de amanhã em deante, como as gallinhas, do milho louro cujos grãos ainda via espalhados pelo chão?

Teria elle, por dever, cócóricar pela madrugada como fazia o gallo de plumagem vermelha?

Santo Deus!... Onde as asas fortes para bater num aviso triumphante do canto matinal?

E Nero se poz então a lembrar a vida do gallinheiro, interessante para ver-se, mas perigosa para viver...

Ao lembrar-se das gallinhas chocas, da prisão dellas, das ninhadas para cuidar, dos patinhos no banho, do sacrificio infindo dessas miseras aves que acabavam sempre sob a faca da cozinheira, Nero teve um arripio. Que? Elle teria tambem de chocar uma ninhada, de tratal-a?

E se fossem patinhos? deveria tambem lançar-se ao lago, elle que se sentia tão velho, tão cheio de rheumatismo?

Uma subita resolução riscou-lhe o cerebro de cão velho e fuzilou-lhe o olhar.

— Nada! A vida ali era-lhe presentemente um mysterio. Que quereriam delle? Antes fugir! Talvez alguem se condoesse de sua sorte...

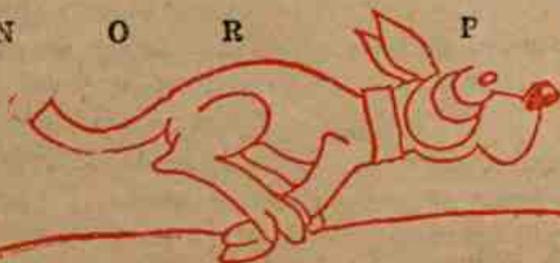
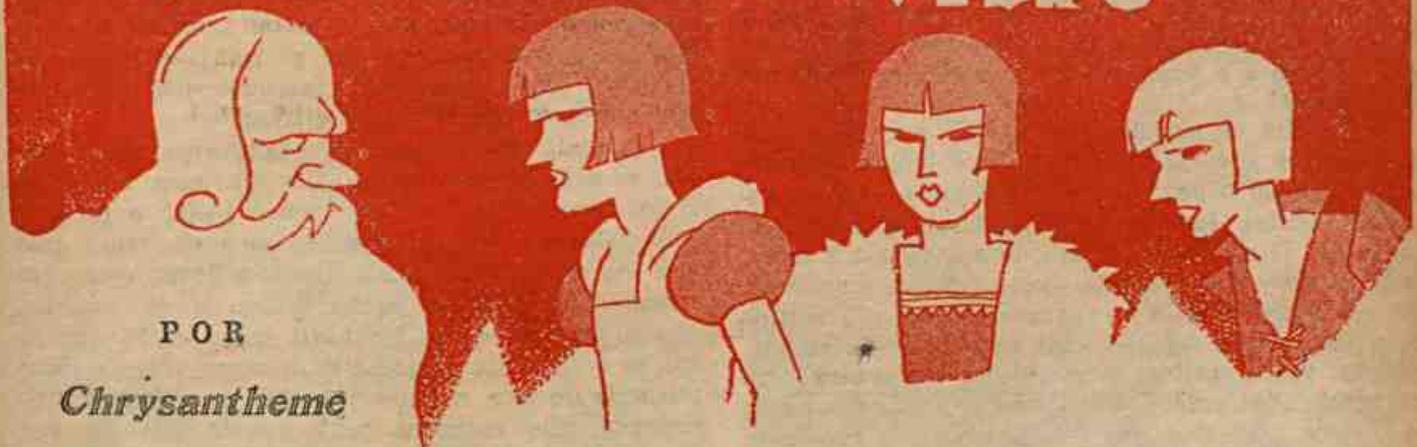
Antes passar fome que ter de comer milho, e logo elle, cujos dentes já estavam cahindo... Antes passar privações que ter de chocar pintos...

— Puxa! — resmungou. Nesta idade... e tomar conta de pintainhos tréfegos...

Que idéa!...

* * *

E o velho Nero, mettendo o focinho na porta do gallinheiro, abriu-a e deitou a fugir numa corrida desabalada, doida...

L E O N O R P O S A D A

A PRINCEZA DA MONTANHA DE VIDRO

POR

Chrysantheme

Havia, muito longe d'aqui, um homem que tinha tres filhos: Osman, Ahmed e Alí. Sentindo-se morrer, elle chamou os tres rapazes e perguntou ao mais velho:

— Que preferes tu, meu filho, muito dinheiro e pouca benção ou muita benção e pouco dinheiro?

Osman respondeu que preferia muito dinheiro e pouca benção.

O velho repetiu então a mesma pergunta á Ahmed que respondeu tal qual o seu irmão mais velho.

Alí, porém, o mais moço, quando lhe foi feita a mesma interrogação, respondeu com carinho ao pae:

— Meu pae, quero muita benção e pouco dinheiro.

O velho beijou-o então na testa com affeição e, tendo feito a distribuição da sua fortuna aos dois mais velhos, deu sómente alguns cruzados ao mais moço, depois de o ter abençoado longamente, com as suas mãos trémulas de ancião.

No dia seguinte, o velho morria e os tres irmãos, depois de o terem enterrado, deixaram a casa tomando a direcção da cidade vizinha.

Osman e Ahmed tencionovam emprehender grandes negocios e o pobre Alí desejava apenas alcançar um pequeno emprego que lhe disse para a sua manutenção. Caminhavmos os tres irmãos por uma estrada clara onde o céu muito azul, parecia uma larga peça de setim esticado sobre as suas cabeças, quando viram cahido sobre o chão um pobre velho em farrapos.

Os tres rapazes approximaram-se, mais Osman e Ahmed, ao verem tanta miseria e tanta immundicie, seguiram o seu caminho, rindo e caçoando do triste vagabundo. Alí não os acompanhou, parou e tomando nos braços o vagabundo, procurou erguel-o com solicitude e doçura. O velho suspirava, gemia e quando. emfim, se pôz em pé, supplicou ainda ao rapaz lhe apanhasse um pouco de lenha e enchesse com ella o esburacado cabaz que rolara álguns passos. Alí promptificou-se logo a obedecer as supplicas do velho, mas, quando voltou com alguns pedaços de lenha que apanhara aqui e ali, já não encontrou o miseravel. Muito espantado, olhava em torno de si, quando se lhe deparou um homem de barbas verdes e cabellos da mesma côr, que o mirava por entre as folhas dum arbusto. Indagou logo delle se não vira por ali um pobre velho curvado e vestido de andrajos. O homem sorriu com bondade e lhe disse:

— Não te canses em precurar o velho vagabundo, porque fui eu que assim se transformou para experimentar o coração dos teus irmãos e o teu. Elles são crueis e nada merecem; mas tu és um bom rapaz e podes contar com a minha protecção. Fui um grande amigo do teu pae e elle me contou o tem procedimento e o dos teus irmãos na hora da sua morte. Segue o teu caminho e, em qualquer occasião chama o genio verde.

Alí notou, então, que elle se envolvia todo em largas folhas verdes que o faziam semelhante a uma enorme arvore. E, pouco, a pouco, desappareceu o velho aos olhos do mancebo. Este, não encontrando mais os irmãos, que tinham tomado uma grande deanteira sobre elle, penetrou sózinho na cidade, onde se poz logo a procurar uma modesta collocação. Entrou, depois de muito procurar, como criado de uma pequena quinta, logar que, se não lhe rendia muito, pelo menos, lhe dava casa e comida. Mudara o nome para não ser conhecido e vivia tranquillamente do seu trabalho, ouvindo raramente falar dos seus irmãos que se tinham tornado homens ricos e occupando posições elevadas.

Um dia, a cidade despertou em grande reboliço: o rei do logar, que tinha uma filha tão orgulhosa que não achava ninguem digno de ser seu esposo, decidira acabar com tamanho orgulho, sujeitando os pretendentes da moça a uma prova decisiva. Mandou fazer uma montanha de crystal, tão alta e tão escarpada, que era quasi impossivel chegar-se ao cume sem o auxilio duma escada, sendo no emtanto esta, prohibida aos pretendentes. Tinham de subir a pé até junto da princeza, que se conservava sentada no alto, com uma rosa purpura na mão. Aquelle que colhesse a rosa, seria o marido da moça.

Alí ouviu o murmurio que o povo fazia, do portão da sua quinta e, curioso, seguiu a multidão que se dirigia para onde estava a fantastica montanha. Numerosos principes já haviam tentado galgar a inaccessivel escarpa e haviam desistido deante da impossibilidade de fazel-o.

Uma plebe enorme rodeava os que ainda se aprromptavam para a difficil subida, gargalhando dos seus esforços. Alí viu então os seus dois irmãos, que ricamente vestidos, se decidiam tambem a tentar a escalada. Audaciosos e altivos, elles en-

caminhavam-se para lá sem olhar para ninguem. Dahi a pouco, porém, voltavam pallidos e enraivecidos, pois igualmente elles nada tinham conseguido. Alí, então, olhou para o alto onde a princeza thronava com a sua flor rubra na mão e teve um deslumbramento. Como era bella assim entre o céo e o penhasco de crystal que lhe servia de throno!

Olvidou o orgulho da moça, que assim se aprazia em crear difficuldades aos que a queriam e esquecendo o seu misero papel neste mundo, resolveu tentar tambem a conquista de tão lindo thesouro. O rei tinha permittido a ascenção a todos, mas o povo, mais realista que o proprio monarcha, ao ver o pretendente no rapaz simplesmente vestido e grosseiramnte calçado, quiz impedir-lhe a subida. Houve vaias, gritos, protestos e emporrões. Alí comprehendeu então, que se não se devia comparar aos ricos mancebos que lutavam para a conquista da real princeza e, tristemente, se collocou num canto, com lagrimas nos olhos.

Humilhado e pesaroso, conservava-se elle assim afastado, quando appareceu de subito, deante delle, o homem de barbas verdes. Agarrando-o pela mão elle o levou para um ponto mais distante, perguntando-lhe a razão da tristeza que se lhe lia nos olhos. Alí, hesitando, permanecia calado, de olhos baixos, mas o genio dando-lhe umas palmadas na face, lhe disse:

— Queres subir a montanha de crystal, onde se encontra a orgulhosa princeza com uma flor na mão, não é? Pois toma estes tres ovos e quebra-os á medida que as tuas difficuldades forem surgindo.

Alí pegou nos ovos e permaneceu no mesmo abatimento. Afinal respondeu:

— Como tentar alguma cousa com essa grosseira roupa que me cobre o corpo? Já me vaiaram e apuparam quando me apresentei.

O genio verde sorriu e tirando de si uma longa palma verde que o cobria, envolveu com ella o mancebo que recuou involuntariamente. E' que, de repente, elle se viu vestido com o rico jibão bordado de prata e calções de velludo granco, fato que o tornava elegante e bello. Sobre os cabellos um capacete de ouro que reluzia ao sol e dava-lhe um ar marcial e altivo. Voltou sómente a si, quando avistou o genio que lhe apresentava um cavallo tão ajaezado de diamantes, que deslumbrava áquelles que o fixavam. Alí guardou com cuidado os ovos nos bolsos e, agradecendo vivamente ao genio que já desapparecia pouco a pouco, entrou no meio da multidão que, não o reconhecendo e julgando-o um poderoso principe, o acclamava com vehemencia.

Alí chegou assim até ao pé da montanha transparente, que brilhava ao sol como uma enorme pedra preciosa. Larvou o cavallo e, quebrando então os ovos logo que numerosos degráos se abriam no penhasco luminoso. Esses degráos só eram visiveis para elle e, por isso, a multidão vendo-o subir ligeiro e agil, principiou a acclamal-o com maior vehemencia. O rapaz subia calmo e radioso com a prataria do seu jibão e o seu capacete de ouro refulgente ao longe e, a altiva princeza, ao ver assim adeantar-se para ella tão gentil mancebo que parecia tão rico quão formoso, sorria docemente, fazendo votos para que elle chegasse até ella sem difficuldades.

Afinal, elle surgiu na plataforma lisa onde ella se achava com a sua flor purpura entre os dedos brancos, Alí curvou logo o joelho e recebeu com palavras de vivo agradecimento a rosa que ella lhe entregou sorrindo. Ouvia o joven como em sonho os gritos do povo ruidoso e os assovios dos pretendentes vencidos. Alí notou então que de subito o olhar da princeza se tornara altivo e duro mirando do alto a multidão que a rodeava. Entretanto, elle esqueceu tudo quanto ella na sua maviosa voz, lhe perguntou como poderiam agora descer juntos no meio daquella irritada multidão.

Alí quebrou então um outro ovo e um lindo carro, puxado por centenares de pombas brancas como neve, apresentou-se logo ao seu alcance. Tomaram assento nelle e, depois de voarem um instante por cima das cabeças do povo colerico, desceram vagarosamente, até tocarem no chão, deante do palacio real. O soberano, que já se achava informado do que havia, recebeu-os com muito agrado, considerando já Alí, como seu genro. Este, julgando que devia dizer toda a verdade sobre a sua pessoa, confessou ao rei o que era e o que fôra.

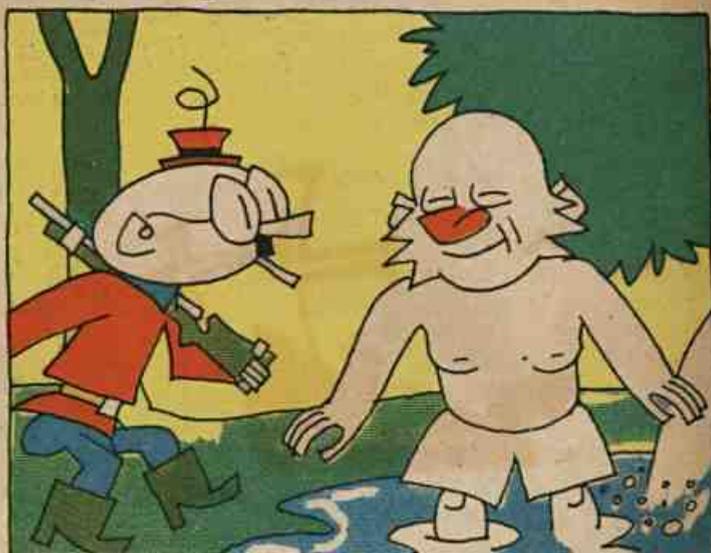
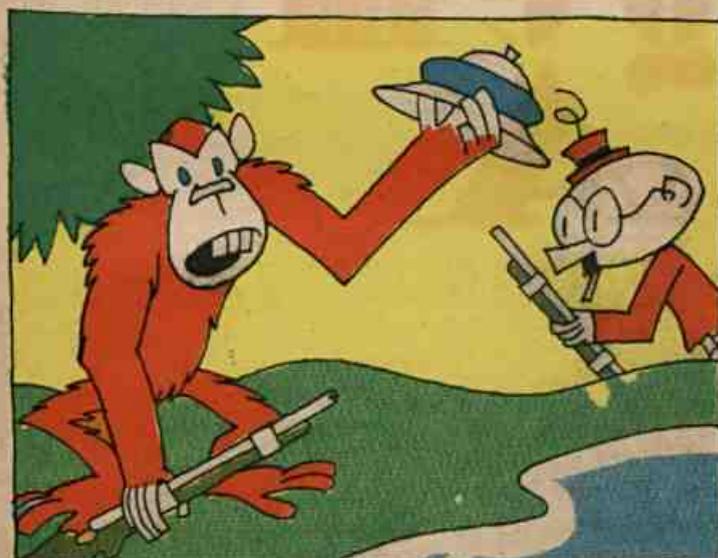
O monarcha, que estava muito contente por casar a filha, declarou que o achava um bom rapaz, cheio de coração e de coragem. Mas a orgulhosa princeza, ao saber que elle se chamava Alí e que era simplesmente um trabalhador, recusou desposal-o.

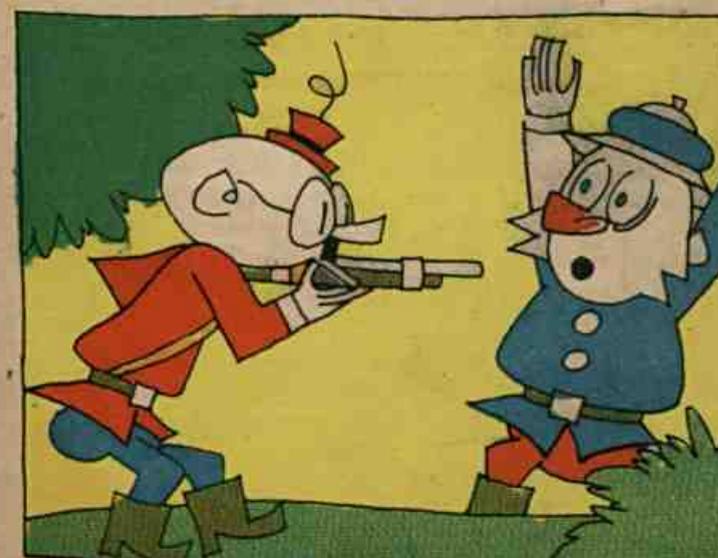
E Alí, amargurado, ia partir chorando, quando se lembrou que lhe restava ainda um ultimo ovo que talvez o tirasse da difficuldade em que estava. Quebrou-o então rapidamente, e a princeza que já se apromptava para se retirar aos seus eposentos, voltou logo e, com a expressão do rosto mudada e tornada doce, cahiu-lhe aos pés, pedindo-lhe perdão do seu orgulho desmedido e acceitando-o para marido.

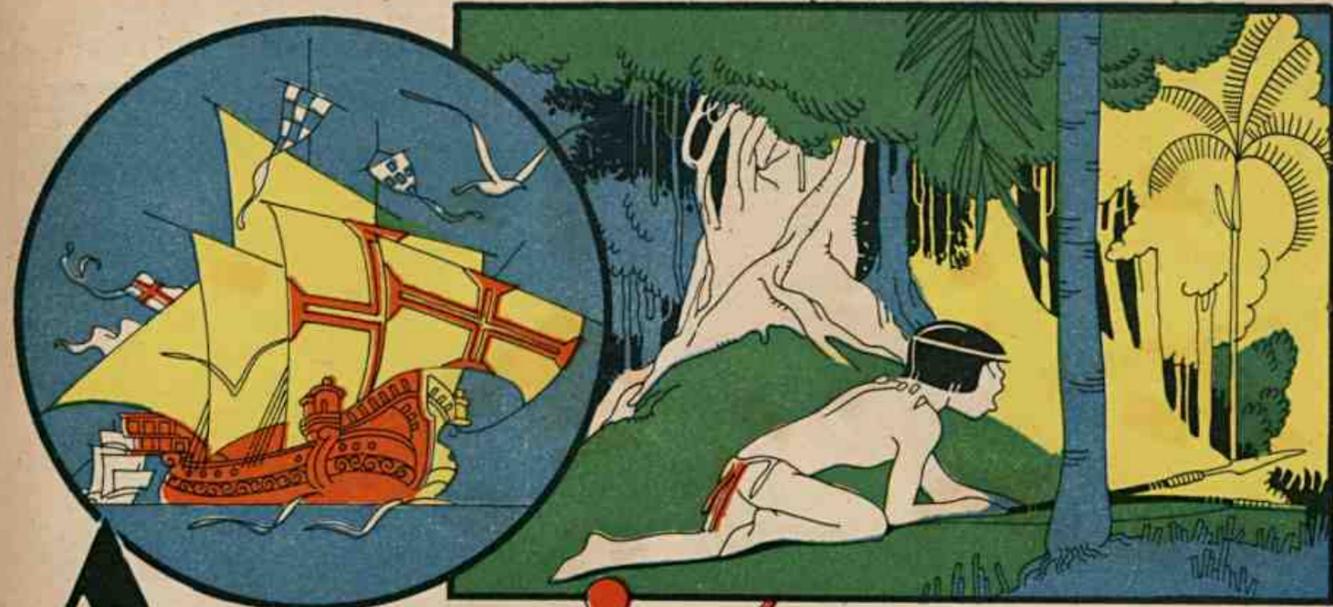
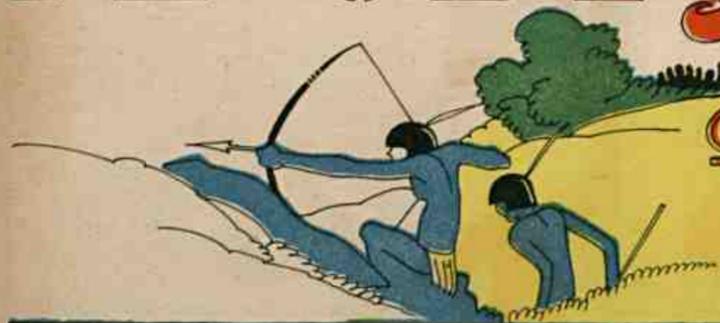
O casamento realizou-se com muita alegria e com muito luxo. Na manhã desse grande dia, Alí recebeu do genio verde a chave de uma caverna onde havia um immenso thesouro, tornando-se assim elle o homem mais rico do mundo.

Bom, indulgente, convidou os irmãos a assistirèm ao seu enlace, enchendo-os de presentes e de carinhos. A princeza perdeu o seu immenso orgulho, tornando-se doce e caridosa como o marido.

AVENTURAS DE TINOCO caçador de féras

Tinoco e mister Brown nunca haviam caçado juntos. Um dia mister Brown acceitou um convite do Tinoco e sahiram pelos mattos sem entretanto achar...

...caça alguma. Depois de muito andar, mister Brown resolveu banhar-se em uma cachoeira emquanto o nosso heroe proseguia na caçada. Mister Brown...

...despira-se, deixando sua roupa no matto. Um orangotango vadio, quando menos se esperava, apanhou o **kepi** e a espingarda do inglez fugindo desabaladamente.

Tinoco partiu á sua procura e durante horas andou inutilmente atraz do macaco. De volta, em uma moita, quieto, o nosso caçador avistou a ponta da carabina e o **kepi**...

...de mister Brown e sem querer perder o tiro deu a volta para melhor alvejar o orago-tango. Imaginem o susto do mister Brown quando viu assestada para elle a bocca da espingarda do Tinoco!...

...O macaco deixara pouco adeante o furto e mister Brown esperava calmamente o Tinoco. O inglez, que escapara de morrer, jurou, ali mesmo, nunca mais acceitar convite para caçadas...

A origem das Samambaias

A FLORESTA voltára á sua paz habitual. Os passaros medrosos que tinham emmudecido recomeçaram a musica de seus gorgeios e o vento brando, agora, agitava docemente as palmas verdes dos coqueiros.

Jacy, um indio pequenino que tinha talvez dez annos, cheio de cuidado, arrastava-se sobre as folhas seccas do chão; procurando, entre os vestigios da luta, alguma coisa abandonada pelo inimigo em fuga.

Na vespera, os homens brancos, que tinham desembarcado das caravellas extranhas, travaram combate com os Tupinambás e foram rechassados, deixando pelo caminho mortos, instrumentos de guerra, viveres e objectos de uso.

Entretanto o que mais curiosidade despertára á alma ingenua de Jacy foi uma tesoura. Era um objecto grosseiro, já meio enferrujado, mas ainda capaz de cortar um cipó.

Jacy, o pequenino indio que nunca vira um menino branco, civilizado, daquelles que passam o dia picando papel, rodou entre os dedos aquella tesoura velha e cortou o cacho dourado de uma orchidéa exquisita. Sorriu depois e sentiu aquella mesma vontade de cortar tudo, tão commum entre os meninos civilizados.

E cortou a haste tenra e longa de uma graminea e a flor viçosa do ipê roxo.

Passaram-se varios dias. O desapparecimento de Jacy augmentava a cólera dos Tupinambás contra os inimigos brancos; e a tribu se dividira procurando o pequeno indio.

Ao ruido de fortes pancadas vibradas nas raizes altas de grandes arvores, a voz de Jacy respondeu como o canto do inhambú.

E foram encontral-o entre festões de folhas exquisitas, bizarramente recortadas por uma paciencia divina.

Jacy, com aquella tesoura velha, acabava de inventar as samambaias.

RYNKO
RYNKO
O PIRATA GAIATO

VIRATRIP E REGABOFF

VIRATRIP, VERIFIQUE A ROTA DAQUELLE NAVIO A BOMBORDO

NÃO E' NAVIO NEM PAVIO, E' UMA BORBOLETA

QUE MAÇADA! NENHUM NAVIO A VISTA CARREGADO DE QUEIJO!

SEU REGABOFF! O CHEFE HOJE NÃO ENXERGA MAIS LONGE QUE O NARIZ ... VAMOS PREGAR UMA PEÇA NELLE?
CUIDADO!

ESTE NAVIO FOI UM PRESENTE QUE RECEBI DE PEDR'ALVARES CABRAL, PRIMO DE MINHA MULHER
CONHEÇO

VOU RIR A CUSTA DE RYNKO, ESSE PIRATA DE FANCARIA QUE TOMA BORBOLETA POR NAVIO

HA UM NAVIO A ESTIBORDO

ARREIEM O ESCALER, VOU EU SOZINHO ASSALTAR O NAVIO ANDA, GENTE!
KASKINHA

PUXA! RYNKO TEM CORAGEM P'RA BURRO!
E' DA MINHA TERRA

ESSES PATIFES PREGARAM-ME UMA PEÇA! MAS HÃO DE PAGAR-ME .... PENSAM QUE SOU ALGUM PIRATA DE OPERETA.

UE'! ENCONTREI EMFIM A PLANTA DA ILHA KARGOTA ONDE MEU AVÔ ESCONDEU O THESOURO

MANDEI O NAVIO A PIQUE E MATEI TODA A TRIPULAÇÃO
QUE HORROR! (DE MENTIRA)

SE NÃO M'ENGANO, A ILHA DE KARGOTA DEVE ACHAR-SE NO MEIO DO MAR.. VOU DESCOBRIR ESSA ILHA E O THESOURO POR PALPITE

RYNKO DEVE TER ENCONTRADO ALGUM THESOURO ... E NADA NOS DIZ. O PATIFE
E' NESTE LUGAR QUE SE ACHA O THESOURO

Janlok
(continua)

RYNKO
(CONTINUAÇÃO
QUEM FOI QUE ROUBOU A MINHA NOTA DA LAVADEIRA ?
PIPOCAS! ENTÃO ENGANEI-ME... ESTA NÃO E' A PLANTA DO THESOURO! EU NÃO SEI LER
CHEFE, ACHEI UM PAPEL NO CHÃO, DEVE SER ESTE O QUE PROCURA
E' MESMO A PLANTA DO THESOURO

ORA, PILLULAS! RYNKO PASSOU-ME A PERNA! AQUELLE PAPEL ERA O DO THESOURO
VOCE' E' UM GRANDE IDIOTA

VOU SURRIPIAL-A DO BOLSO DELLE

ENTÃO NÃO VI

AGORA, MEU CARO REGABOFF, VAE TOMAR UMA DOSE DE CASCUDOS

EMQUANTO ELLES BRIGAM EU APROVEITO... RETOMANDO O PAPEL

VIU, PAPUDO? AQUELLA ERA MESMO A NOTA DA LAVADEIRA ... VOCÊS SÃO TODOS UMA CAMBADA DE IDIOTAS

VAMOS, GENTE, AQUELLA DEVE SER A ILHA DA KARGOTA ... O MAPPA NÃO NEGA-

70° DE LATITUDE SUL, 35° DE LONGITUDE NORTE.. E' ISSO MESMO

PATIFES! JOGARAM-ME AO MAR! MAS EU SEI NADAR E LOGO VOU ALCANÇAR A ILHA

FECHE ESSA BOCA E DIGA-ME ONDE ESTA' A ILHA DA KARGOTA!

SE NÃO ME RESTITUIRES O MAPPA FURO-TE UM OLHO

A CASA MODERNA AMBULANTE

Zé Macaco teve mais uma idéa genial. Mandou construir a "casa ambulante"

Podia assim, se locomover para um bairro a outro sem sahir de casa.

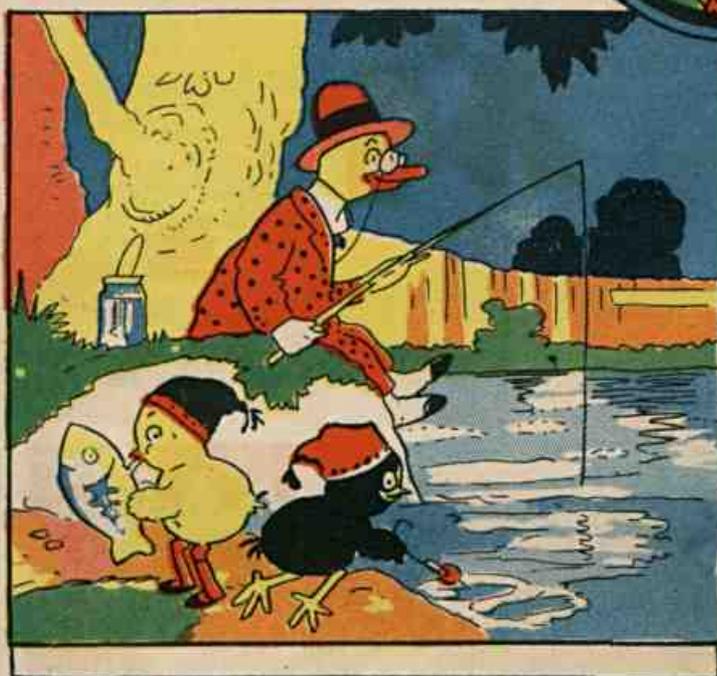
Faustina como sempre ficou radiante com a nova extravagancia do esposo

A vida na nova residencia corria serenamente. Um dia estavam na Tijuca. No outro na Gavea. Passavam o domingo em S Christovão e a segunda-feira em Braz de Pinna. Era ideal !

Mas numa occasião que foram a Petropolis bateu uma ventania horrivel que derrubou toda a casa. Depois com o...

...impulso do vento foram bater num muro, desmantelando-se lamentavelmente a casa ideal do casal Zé Macaco !

PATINHO cahiu no logro

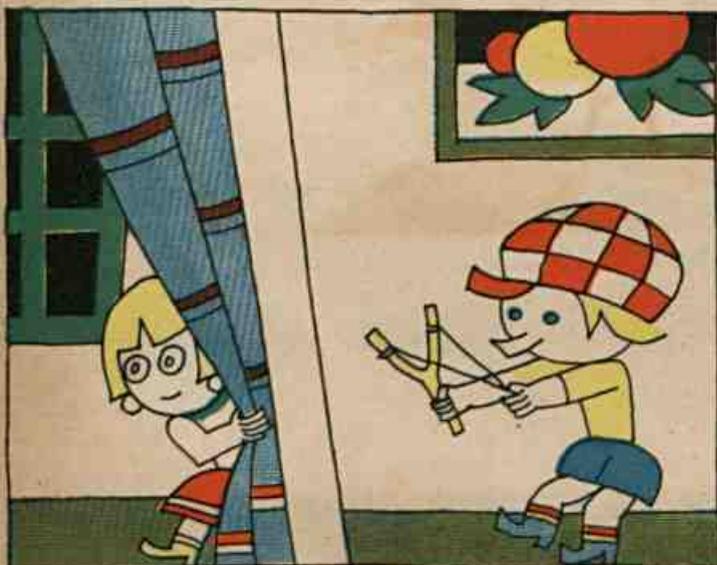
O peixinho de borracha

Patinho, muito myope, estava pescando á margem do rio, quando chegaram os irmãos *Pintinho* e puxaram o anzol do pescador de dentro d'agua. E logo amarraram ao anzol, sem que *Patinho* percebesse, um peixe de borracha cheio de ar. *Patinho*, sentindo a linha bulir, puxou

o caniço e ficou radiante vendo que fisgara um lindo peixe. Mas quando *Patinho* quiz segurar o pescado, este arrebentou. *Patinho* cahira no logro que lhe prepararam os irmãos *Pintinho*.

JUCA

Uma visita cacete

A' casa de **Juca** e **Tita** ia sempre um sujeito cacete que levava horas e horas conversando fiado com o Papae e atrapalhando-o no nos seus trabalhos...

...de gabinete. Margarida teve ordem para dizer-lhe que o Papae **não estava**, mas o "sujeitinho" promptificou-se a esperal-o. **Tita** deu logo um banho...

...nos ladrilhos da sala de espera, obrigando o homenzinho a suspender os pés em uma posição incommoda e o **Juca** com...

... uma atiradeira tirou-lhe o chapéo côco da cabeça, pois o mal educado ainda estava de chapéo. Depois sujaram o bichano de...

...carvão e o soltaram na sala. O gato emporcalhou as calças brancas do cacete e, qundo **Juca**, com um ar ingenuo perguntou-lhe...

...se queria conhecer o **bulldog**, que estava preso no quintal, o sujeito sahiu a correr e nunca mais voltou para amolar o Papae.

O cachorrinho doente

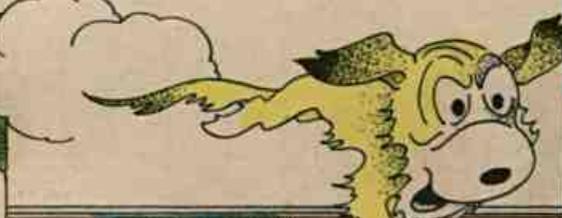
ERA muito infeliz aquelle cachorrinho sem dono. Maltratado e doente nem podia repousar tranquillo. As creanças perseguiam-no sob uma eterna saraivada de pedras e o seu olhar, quasi inexpressivo, deixava ás vezes transparecer uma sombra triste de resignação.

Quando elle apparecia, farejando um resto de comimida numa lata de lixo, a algazarra começava: — Lá vae elle! Está damnado! Leproso! — E as pedras choviam por todos os lados.

Mas uma vez, quando a pequenina Joanninha fazia uma montanha de areia, appareceu atraz da cerca o homem que rouba creanças.

Os seus gestos eram suspeitos, os seus passos vagarosos, trahindo as suas intenções. Quando o malfeitor mais se aproximára da Joanninha, o cachorrinho doente latiu nervoso e se lançou aos calcanhares do ladrão maltrapilho, feroz, espumando e o poz fóra daquella rua na mais veloz das carreiras.

Depois o cachorrinho doente voltou e, a tremer exhausto, foi se encolher novamente no cantinho da cerca.

No dia seguinte o lixeiro encontrou-o morto.

FAUSTINA CHAMA O MEDICO

Faustina se queixava ao marido diariamente de doenças imaginarias!

Zé Macaco resolveu usar de um estratagema para curar a esposa. Se fantasiou com umas suissas e...

...um chapeo de aba larga e fez-se annunciar como um novo especialista.

Faustina ficou radiante e mostrou a lingua ao doutor. O Medico...

...receitou-lhe chá de laranja e corridinhas pelo quintal ás 4 horas da madrugada. Quando Zé Macaco voltou para casa...

...Faustina communicou-lhe a nova da sua cura por um celebre medico especialista

Então Zé Macaco desvendou o mysterio. E mostrou-lhe...

...o chapéo e as suissas. Faustina comprehendeu o ridiculo...

...em que havia cahido e resolveu não ficar mais doente!

A linda terra dos sombreros

O chapéo que Manoel, o menino que se vê na gravura acima, está agitando não pertence a seu pae, como póde parecer aos nossos leitores. E' o chapéo do proprio Manoel, com abas muito largas e copa muito alta, como em geral são todos os chapéos no Mexico. Manoel é um menino mexicano. Nasceu no Mexico, o paiz encantador da America do Norte, paiz que, no mappa, tem o feitio de uma cornucopia e é habitado por uma população de cerca de quatorze milhões de habitantes. A lingua que se fala no Mexico é a hespanhola, porque foram os hespanhóes que conquistaram dos indios fundadores esse lindo paiz. O Mexico, porém, é hoje independente governa-se por si mesmo, o que não foi facil conseguir, pois, muitas revoluções emprehenderam os mexicanos para se libertarem do jugo dos seus conquistadores. A população do Mexico é composta de indios, naturaes do paiz, e de hespanhóes que, juntamente com os indios, formaram a raça mexicana. Paiz de clima variado, é rico e fertil. E' nesse paiz que nasceu e que vive Manoel, o meni-

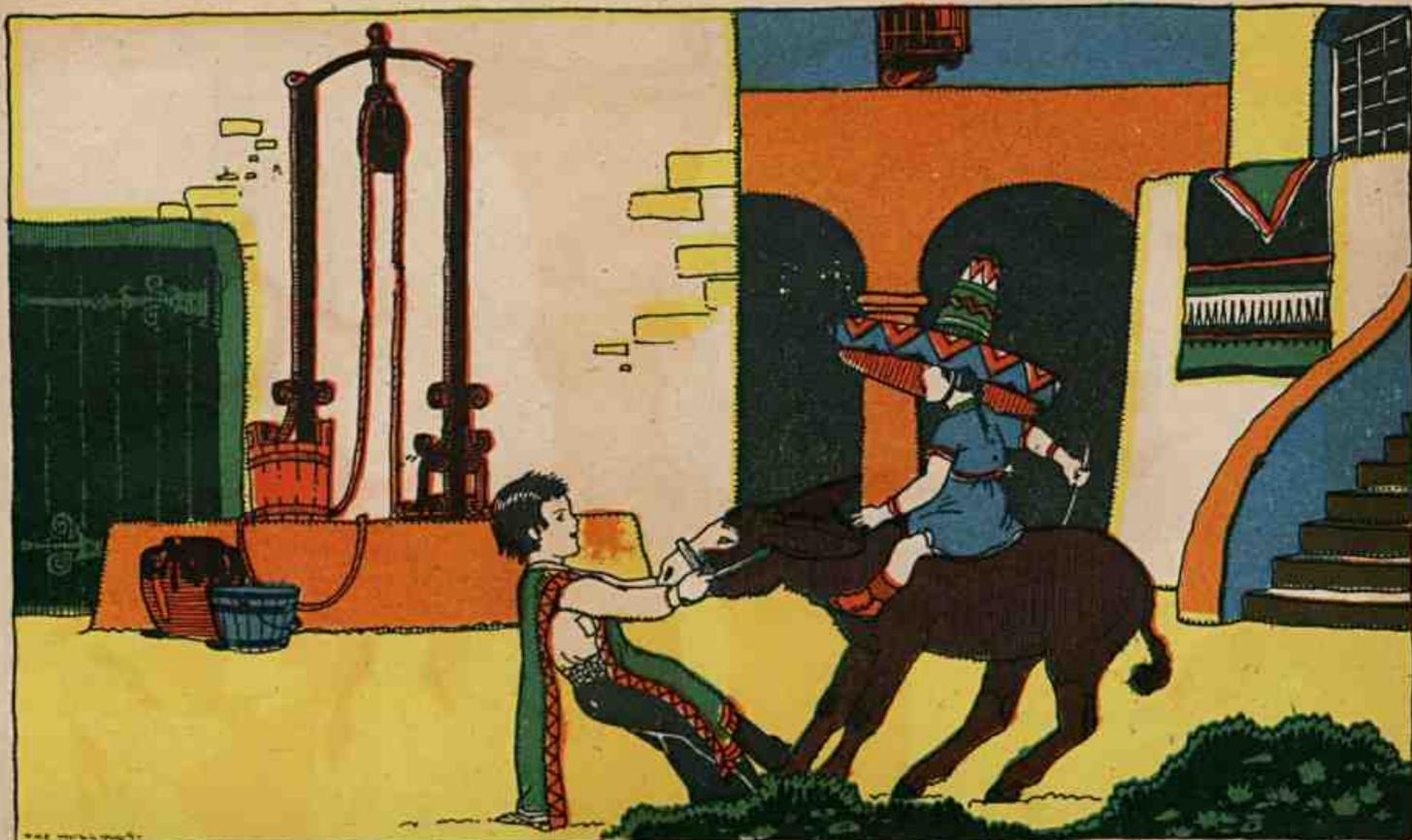
no do chapéo de abas largas. Vive numa fazenda de seu pae, creador e agricultor que tem sob sua direcção centenas de empregados, encarregados do plantio de muitos cereaes, da creação de gado e da conservação da fazenda. Manoel, montado no seu burrinho, percorre diariamente um trecho da fazenda paterna e, quasi sempre, encarrega-se de vigiar os cabritos, cabras e carneiros que ficam no pasto. E' que o menino tem amor ao trabalho. Mas approximemo-nos de Manoel e vejamos o seu chapéo, de abas colossaes.

E' tal chapéo conhecido pelo nome de sombrero. Os sombreros são feitos de feltro ou de palha e na confecção de tal peça do vestuario o mexicano emprega grande esmero. Ha sombreros riquissimos, bordados a prata, a ouro e até enfeitados com pedras custosas. O mexicano tem orgulho de usar seu som-

brero. Mas não é apenas o sombrero que o mexicano usa. E' tambem a manta, especie de avental, sem mangas, com frente e costas e uma abertura para passar a cabeça. A manta mexicana quasi sempre tem os motivos bordados que figuram no sombrero. A manta, usada pelos homens dos campos, é de

maravilhoso effeito. De não menor effeito, tambem, é o vestido da mãe de Manoel, feito de lindo tecido, bordado a côres vistosas. E a mãe de Manoel usa tambem a mantilha, de lã ou de seda, á cabeça ou ao pescoço, atada de modo a poder carregar no dorso o filhinho pequeno, irmão mais moço, de Manoel. As senhoras mexicanas não carregam as creanças nos

braços, como as nossas patricias Usam tambem o rico e lindo avental bordado, para quando estão entregues a seus affazeres domesticos. E' encantadora a vida nos campos, na linda terra mexicana e mais bella ainda a alegria sã dos meninos quando vêem as cabras ou os carneiros em luta, desferindo as marradas valentes uns nos outros.

Mas vamos deixar o menino Manoel

com sua fazenda, entregue aos prazeres juvenis, aos folguedos da infancia, á sombra dos cactus gigantes, planta commum no Mexico. Partamos para a capital do paiz, para a cidade do Mexico. E' ahi que todos vêem o lindo estylo das construcções, os bellos jardins, as ruas bem calçadas e illuminadas, o povo com os vestuarios ricos e alegres, a vida agitada das cidades civilizadas e progressistas. Nos arredores da cidade existe a planta de grande utilidade para os mexicanos que é o cactus. Dessa planta, os naturaes do Mexico tiram grandes recursos. As folhas depois de seccas são utilizadas para o fabrico dos moveis e do sumo do cactus preparam excellente bebida, de apreciado sabor. Das fibras da especie de cactus mexicanos são feitos varios objectos como: chapéos, tapetes, mantas e etc., e as folhas, depois de bem seccas são aproveitadas para cobertura das casas. Cordas, palhas para tecidos de assentos e encosto de cadeiras, tambem são fabricadas com as fibras do cactus.

Deixemos, porém, de parte o cactus e todas as suas utilidades e vamos dar um passeio pela cidade que serve de capital do paiz mexicano. Bem no centro da cidade existe uma praça central onde á tarde o povo se reune para ouvir musica tocada pelas bandas militares. Nessa praça existe a imponente cathedral do Mexico. Existem nesse paiz bellissimas e ricas igrejas. As casas das grandes cidades do Mexico, com suas altas paredes de pedra e largas janellas fechadas com grades de ferro têm, no centro, geralmente, um pateo onde ha arvores plantadas, fontes ou poços de agua e viveiros de passaros cantadores. E' nesse pateo que, de preferencia, brincam as creanças mexicanas. Seus folguedos preferidos são: as dansas, as rodas, todo esse rosario de di-

versões que vêm passando de geração em geração. Nos pateos centraes das casas mexicanas celebram-se tambem, com grande alegria das creanças, as festas de Natal. Ali, o Papae Noel não apparece trazendo gulodices e brinquedos para os pequeninos. Em vez do velhinho de barbas brancas, carregando saccos cheios de brinquedos, surge no pateo, habilmente arranjado por papae ou por mamãe, um grande jarro de barro, dentro do qual estão accumuladas dezenas de brinquedos. Na noite de Natal, as creanças, dansando e cantando, vedam os olhos com um lenço e; armadas de um bastão, desferem golpes no jarrão de barro até fazel-o em pedaços. E então cada uma se apossa dos brinquedos que lhe foram designados. Entre cantos e dansas caracteristicas vão todas, finalmente para a mesa de doces, commemorando, na mais franca alegria, a data do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

A HISTORIA DE DARWIN

A THEORIA DE SELECÇÃO ANIMAL

A VIDA começou no globo terrestre ha muitos milhões de annos e teve sua origem numa cellula. Esta se bipartiu e as duas novas cellulas deram cada uma duas outras e assim indefinidamente até que passados millenios sob a acção dos agentes externos — temperatura, luz, clima, alimentação, surgiu uma primeira differenciação: a cellula animal e a cellula vegetal.

Passados mais muitos millenios, a cellula vegetal deu origem ás algas marinhas, ás açucenas aquaticas, á relva dos prados, ás flores, ás mattas, ás vinhas, ás arvores, etc., etc. Igualmente a cellula animal deu origem ás esponjas, aos peixes, ás ostras, ás estrellas do mar (asterias), aos camarões, aos coraes, aos tubarões, ás baleias, emfim, a centenas de animaes marinhos; aos gafanhotos, ás cigarras, ás abelhas, ás moscas, aos mosquitos, ás borboletas, aos grillos, e innumeros outros insectos; ás rãs, aos sapos e salamandras; aos crocodilos, ás tartarugas, ás cobras, aos lagartos e outros reptis; aos passaros que cantam, ás aguias, ás andorinhas, aos pinguins, aos pombos, gansos e muitas outras qualidades de passaros; aos castores, lobos, leões, girafas, bois, macacos, homens e centenas de outros mammiferos.

Charles Darwin

Como todos estes viventes chegaram a alcançar as fórmas que têm hoje? Por que é que o elephante tem uma tromba e a zebra as suas listras, a tartaruga o seu casco?

Certa vez um homem a quem denominámos naturalista, depois de estudar muitos annos os vegetaes e os animaes, perguntou a si mesmo: "Por qual maneira haviam apparecido tantas qualidades de animaes e vegeb

Este homem era Charles Darwin, nascido em 1809 e fallecido em 1882 e a resposta que deu á sua pergunta foi: "As varias especies de animaes e vegetaes appareceram pela "Lei da Evolução".

Desde joven já era um pensador, um observador e um estudioso. Quando não podia comprehender o porque de um determinado phenomeno, ao envés de desanimar, redobrava de paciencia e de força de vontade para esclarecer a sua ignorancia.

Elle dizia que ás vezes não podia atinar de prompto com o porque de um determinado facto, mas que de experiencias em experiencias, de observação em observação terminava por abandonar as idéas falhas e chegar ás conclusões que se ajustavam perfeitamente aos factos que se propunha resolver.

Elle tinha apenas 22 annos de idade quando fez uma longa viagem por mar, num vapor chamado *Beagle*, que a marinha ingleza destinou para fazer um longo cruzeiro ao redor do mundo e cujo

objectivo seria explorar as aguas dos mares do sul. Nessa viagem, que durou 5 annos, elle estudou demoradamente todos os vegetaes e animaes que encontrou. Ao voltar, tinha os seus cadernos cheios de preciosos apontamentos acerca da terra, dos vegetaes e animaes aquaticos das regiões percorridas. Uma das coisas que sobremaneira lhe chamaram a attenção foi o facto de alguns animaes do Sul serem da mesma qualidade dos do Norte, porém não parecidos e quanto mais afastados para o Sul, mais differenciados.

A sua attenção tambem foi chamada pela differença existente entre animaes cujos antepassados vivram numa ilha por muitos decennios e animaes da mesma qualidade cujos antepassados, iguaes aos primeiros, viveram sempre no continente Levava horas a fio pensando por que os filhotes cresciam differente dos seus progenitores; os netos já se differençavam mais e os tataranetos ainda mais. Emfim, num dilatado numero de annos havia uma differenciação muito notavel entre os individuos actuaes e os seus longinquos progenitores.

Ora, Darwin aprendeu com os geologos que a terra tinha milhões e milhões de annos e que foi durante um dilatado tempo que se operaram as transformações nos animaes e nos vegetaes dando como resultado as variedades de fórmas. Mas elle se perguntava como é que surgiam essas fórmas complicadas e por que havia tantas e tantas qualidades? Elle encontrou a resposta em parte, attentando pelo modo como os creadores de cavallos de corridas procediam para obter optimos corredores: tomavam dentre os seus animaes os que corriam melhor e destinavam a ser pas de outros.

Pela mesma razão o industrial de lacticinios escolhia uma vacca que fornecia uma grande quantidade de leite e de boa qualidade para mãe de outras que deveriam cada vez mais melhorar o typo de leite e dal-o em maior quantidade. Assim a gallinha que chocava bem, o carneiro com longa lã.

Mas o que Darwin queria saber era como as coisas se passavam para serem attingidas todas as diversas qualidades de animaes e vegetaes e achou que deveria ser assim: as coisas vivas têm muitos descendentes e o numero delles seria indefinido se todos sobrevivessem e isto é importante.

Vamos pensar um minuto se a primeira cellula animal vivente nasceu e se dividiu em duas outras todos os dias (algumas se dividem de 15 em 15 minutos se têm alimento sufficiente) esta priteira cellula ao cabo de 30 dias teria uma descendencia de milhões e milhões de cellulas.

Em cem dias essa cellula teria uma descendencia que bastaria para cobrir a terra com uma camada de 24 milhas de espessura, camada vivente. Em meio anno a terra, a lua e o sol ficariam suffocados por essas cellulas vivas. Certamente isto não aconteceria porque não haveria alimentos para as mesmas.

Por brincadeira vamos ver o que aconteceria se

os filhotes dos gafanhotos vingassem todos. Um gafanhoto põe de uma só vez mais de 100 ovos! Supponhamos que desses 100 ovos vingassem apenas 10 e que no anno seguinte, cada um dos 10 gafanhotos tivesse como o primeiro, dez filhos e assim successivamente. Ao cabo de dois annos os gafanhotos seriam tantos, que constituiriam uma camada espessa, solida, de uma milha mais alta que a terra, cobrindo as mais altas montanhas! E como se poderia dar isto?

Bastava que houvesse alimento e ar sufficientes e que não houvesse os passaros seus inimigos naturaes para devoral-os; o vento para empurral-os para o mar, onde morreriam afogados.

De excessiva producção, felizmente poucos logram viver e estes são os mais fortes, que encontram alimentos e escapam aos passaros e ao vento.

São, pois, os mais aptos para perpetuar a especie.

De facto como estes, Darwin chegou á conclusão de que ha dentro de uma determinada especie uma luta incessante na qual triumpham os mais fortes. Essa luta existe tambem entre especies differentes.

Pensemos agora nos ursos polares. Os ursos polares antigos deviam ter sido cinzentos claros e talvez existissem naquellas regiões á procura de alimentos. A sua resistencia não era sufficiente para o meio polar; succumbiram com facilidade. Entretanto, os seus filhos, já nascidos na região polar e sob a influencia do meio, cresceram mais resistentes e com a tonalidade mais approximada do branco e assim successivamente até que depois de decennios o meio se incumbiu de tornal-os completamente alvos, bellos, fortes e resistentes. Já os ursos do Sul, que vivem nas florestas, têm a côr "marron" do meio em que vivem. O coelho teve, como antecessores, animaes outros, mais ratos que coelhos. Estes ratos-coelhos viviam num meio onde se pagava com a vida a falta de aguçamento do ouvido. Aquelles cujos ouvidos podiam ouvir as passadas subtis de uma raposa, de um lobo ou de outro qualquer animal inimigo, eram os que viviam o tempo sufficiente para deixarem familia.

E não é para ficar-se surprehendido ao ver-se que á medida que os annos se passavam as orelhas foram se tornando grandes?

Claro, pois a funcção faz o orgão. O sentido da audição estava a todo momento em exercicio, de prevenção contra o inimigo. Quando este se approximava, o rato-coelho ficava quietinho e esperava que o perigo passasse.

Quando o esconderijo era insufficiente, elles davam pulos de tod ogeito no emmaranhado do matto, conseguindo as mais das vezes salvar-se. No fi-

nal das contas, os mais ageis no pulo e mais aguçados de ouvido, eram os que escapavam e conseguiam familia. Os seus descendentes eram ageis e de ouvido aguçado e orelhas cada vez maiores! Que é que se dava, então? Uma evolução consequente do anniquilamento dos mais fracos e a victoria dos mais fortes.

Ainda com o coelho se dá um outro facto interessante e é o referente á sua cauda quando elle corre. Quando a coelha suspeita do perigo, é com a cauda que ella avisa os filhos, dizendo-lhes: "Vinde a mim". Os coelhos a acompanham promptamente e percebem o signal mesmo no escuro.

Por que é que a girafa tem o pescoço comprido? Foi a necessidade da luta pela vida que a obrigou, no decorrer dos annos, a esticar o pescoço. Quanto maior este, mais alimento pode apanhar das arvores e melhor poderá ver os seus inimigos.

E a tartaruga com o seu casco?

Quanto mais grosso, mais protegida para não ser comida.

O que se dá com os animaes se dá igualmente com as plantas; algumas crescem emttindo longas raizes, que mergulham na terra para tomar alimento e agua; outras recebem a luz vivificadora do sol por intermedio da folhagem dos seus galhos altissimos e as que não conseguem expôr-se á luz solar, definham e morrem á sombra das primeiras.

Outras emittem as suas folhas com fórmas de agulhas para não se congelarem cóm o intenso inverno — tornam-se pinheiros.

Outras ha que medram no deserto emittindo grossas folhas que são verdadeiros depositos de agua para a época da estiagem — são os cactus.

Darwin sentiu como todas estas qualidades de plantas e animaes eram formadas pela evolução.

Todos os sêres vivos produzem muito mais ovos e filhotes do que os que vão vingar, isto porque não ha alimentos para todos; sobrevive o que tem mais aptidão para lutar a esta concurrencia.

Darwin denominou "Struggle for life" — a luta pela vida. Dois sêres vivos não se tornam exactamente iguaes.

Todas as coisas trabalham para não se parecerem, havendo por isso variedade de plantas e animaes no mundo.

E' a theoria de Darwin ou da Evolução.

Esta theoria tem sido muito combatida, porém tem tambem um grande numero de scientistas que a acceitam.

O PAPEL

(PADRE ANTONIO VIEIRA)

E' possivel que não ha de haver, justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chamei-lhe castigo por lhe não chamar roubo.

Mas que papel ha, que não seja ladrão marcado? Terrivel flagello do mundo foi sempre o papel; mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome de papel foi tomado das cascas das arvores, que em latim se chamam "papyrus"; porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio: depois deram em curtir as pelles e se facilitou mais a escriptura com o uso dos pergaminhos: ultimamente se inventou a praga do papel, do que hoje usamos. De maneira que, se bem advertimos, foi o papel desde seus principios materia de escrever, e invenção de esfolar; com o primeiro papel as arvores, com os segundos os animaes, com o de hoje esfolam-se os homens. Oh! quanto papel poderá encadernar as pelles, que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto em papeis.

O mais bem achado tributo, que inventou a necessidade ou a cobiça, é para mim o do papel sellado; mas faltou-lhe uma condição: o sello não haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagassem o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel, e que haviam de voar mais os negocios.

O YÔYÔ

(MONOLOGO DE ACTUALIDADE)

E' o brinquedo mais em moda;
Desde o bébé ao vôvô;
Não ha quem não brinque agora
Com o yôyô.

Garôto recem-nascido
O seio não procurou;
Quiz, em vez de mammadeira,
Um yôyô.

Um velhinho de oitenta annos,
A tremer, me confessou:
— Só me divirto brincando
Com um yôyô.

Uma "yáyá" melindrosa
Me disse: — A' rua não vou
Sem levar sempre commigo
Meu yôyô.

Conheço idosa senhora
Que, sorrindo, perguntou:
— Quem pode passar mais hoje
Sem yôyô?

Machinista da Central
Duas rodas arrancou
Da machina para fazer
Seu yôyô.

Uma velhinha devota
Para seu uso compoz
Um rosario todo feito
De yôyôs.

Ao baptisar um pequeno
O padre-cura indagou:
— Qual é o nome?
E lhe dizem:
— E' Yôyô.

Um campeão do brinquedo
Jogando não acertou
E então disse que era culpa
Do yôyô.

Com dois discos de victrola
Certa senhora arranjou
Para seu divertimento
Um yôyô.

Depois se sentiu cançada
E depressa o desmanchou
Não querendo mais brincar
Com o yôyô.

O mesmo farei agora,
Porque "cacête" já estou
Só falando, sem cessar,
Em yôyô...

EUSTORGIO WANDERLEY

Legenda das Lagrimas

Foi no Paraiso. O Creador contemplava a sua obra mais perfeita. Eva, a linda, a creatura sem par, surgira do bosque, tão linda e tão pura como uma estatua grega.

O corpo pallido, que nenhuma paixão havia commovido, tinha a serenidade das coisas eternas de belleza impeccavel.

Seu rosto divino reflectia a transparencia augusta daquella alma; os olhos profundos, estranhamente bellos, olhavam com aquelle olhar ingenuo e quasi inexpressivo das creanças.

E, falou o Senhor:

— Rainha do meu jardim, flôr do Paraiso, feliz inspiração a que dei fórma; offereço-te tudo quanto creei. Olha ao redor: nada ha comparavel á tua belleza; tudo é pallido e tosco ao lado da tua formosura soberana. Por que não ris? Por que te vejo triste? Que mais desejas para teu conforto? Existe alguma coisa que ambicionas e não possues?

— Senhor! Tres joias ha neste jardim, cujo fulgor me humilha. Nada ha em mim que as possa supplantar: as perolas, o orvalho e as estrellas.

O Creador levantou a mão, e, com voz solemne, pronunciou esta sentença:

— Mulher! Vaidosa mulher cujos desejos vão além do santo pensamento. Dessas tres gemmas cujo brilho tu invejas, vou fazer uma só; será o teu patrimonio e a tua defesa, a tua arma poderosa e o teu real sceptro. Terá o sabor amargo das aguas do mar onde nascem as perolas, terá a influencia benefica do orvalho, e, será estrella quando brilha nas tenebrosas noites das tuas maguas.

Estavam creadas as lagrimas... da mulher!

VIOLINISTA CEGO

— DE —

Sebastião Fernandes

NINGUEM, em geral, no borborinho incessante da cidade, o homem de negocio que passa rapido e a mulher-seducção que procura uma vaidade em cada mostruario de moda, repara o cego que toca violino.

Fosse elle aleijado, que estendesse a mão quasi impedindo a passagem, e seria mais notado.

A musica confunde-se com o turbilhão da vida...

E elle não vê ninguem e tambem ninguem repara mesmo as musicas que toca.

Um menino que o acompanha com um pires é que, ás vezes, em voz alta pede a esmola e chama attenção para o violinista. Mas as scenas são rapidas. Ninguem quer ver os quadros tristes. Os mais curiosos voltam-se para notar o moleque berrando e accidentalmente ouvem o violino. Então é que o velho é reparado.

Quasi uma caricatura. Roupas enormes, desalinhadas de tanto uso, esfiapadas nas pontas, deixam perceber rombos e emendas grosseiras. E atraz daquella caricatura a *fuzia* adivinha-se um corpo magro com hombros pontegudos e os longos braços que circumdam o violino como alguem que quizesse abraçar o sonho feito em musica. Aos traços rythmados do braço levando o arco ora morosamente, ora velozmente deixa perceber o rosto voltado sobre a caixa do som. E' uma mascara que deixa perceber um romance. Os ritos da bocca como um sorriso sarcastico quasi escondido pela barba rala, os olhos estão fechados para melhor ver o que lhe passa dentro, a transmissão daquella harmonia que ninguem chega a comprehender! Depois dum descanço rapido abraça de novo o primoroso instrumento para tocar uma musica alegre. Qualquer coisa popular que faça alguem voltar-se para dar o obulo. E é entre essa mutação de musicas alegres e sentimentaes que o violino parece magico pela belleza da emoção.

Passam pregões annunciando novidades ou vendedores de jornaes gritando o mundo nos ultimos telegrammas e elle está alheio ao barulho da vida para não perder uma unica nota nem o rythmo alterar da melodia que talvez só elle esteja ouvindo. E mesmo que abrisse as palpebras, as janellas da alma, nada poderia ver e nem se distrahiria com as coisas bonitas e coloridas da vida.

O gury ao lado tambem é um espectador distrahido do que elle toca. Em geral porque acabou machinalmente decorando todo aquelle repertorio mediocre e pequeno e depois porque elle ainda é uma creança. A alma infantil ainda não attende á musica. De vez em quando em alta voz pede a esmola escandalosamente, prejudicando o sentimentalismo da romanza; depois attenta aos accidentes da rua, afasta-se mais do violino para ver uma *vitrine*. Como garoto tem todas as illusões da vida. Dentro de sua miseria ainda tem a riqueza dos que não sabem o que sejam as desillusões. Como não possuiu grandes coisas, aprendeu desde pequenino só a desejar. Um desejo que continúa indefinido, sem saber se é um mal como tambem não sabe o premio de possuir dois olhos que lhe dão todo o encanto da vida colorida, e portanto não dá valor ao que vê ou ambiciona. Uma creança, apenas...

E são aquelles olhos brilhantes e namorados da vida que guiam o cego.

O violinista continúa a lembrar ao leve som do arco pelo simples motivo de recordar com aquelles *pizicatos* pedaços da vida que se foram e elle era feliz. O garoto ama a vida porque não conhece a vida! E sem elle saber é a musica que o embala para os sonhos da meninice. A musica que alimenta com os parcos obulos duma esmola indifferente. A musica faz bem ao violinista porque faz recordar e ao garoto porque parece dá mais colorido aos quadros da rua...

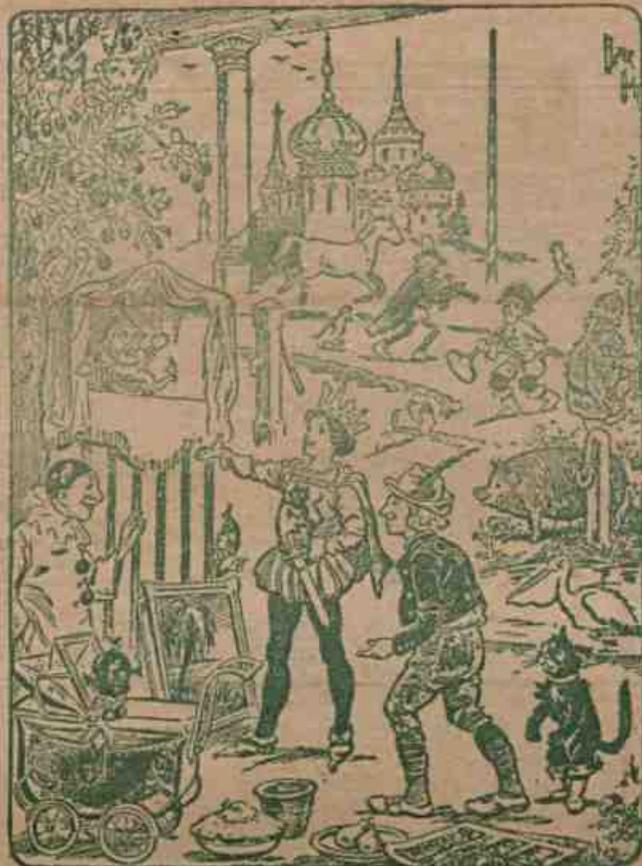
Napoleão era supersticioso

Napoleão era muito supersticioso. As hesitações, que tinha ás vezes em tomar uma deliberação só eram devidas á presciencia de que uma desgraça o ameaçava. Assim, a 24 de Agosto de 1800, no momento de partir para a Opera de Paris, foi subitamente presa de repugnancia em deixar os que o rodeavam. Em vão o apressavam trazendo um a espada, outro o chapéo: elle hesitava ainda. Afinal, partiu... e alguns instantes depois da sua passagem, á esquina da rua S. Nicasio, explodia a machina infernal.

Alguns dias antes de Waterloo, o seu pé esbarrou num espelho quebrado. Empallideceu, inquietou-se e, nos dias seguintes, esse presagio de infelicidade o preoccupava ainda, porque, no dia da sua derrota, não póde deixar de dizer, diante dos seus officiaes:

— "Aquelle espelho! Eu bem o previa!" Sorte. No cerco de Toulon, é gravemente ferido na coxa. Falam em amputação, mas elle escapa miraculosamente á operação e aos medicos, isto é, á morte. No hospital de Jaffa elle toma um dia nos seus braços um doente atacado de peste, e se expõe deliberadamente ao contagio.

Essa confiança no destino o conduziu a uma especie de fatalismo. Em Santa Helena, querendo o medico inglez O'Meara lhe dar alguns medicamentos, elle os recusou dizendo:

— O que está escripto lá em cima, está escripto: os nossos dias estão contados.

Exercicio de observação

No desenho acima ha uma serie de objectos e seres cujos nomes se escrevem com a inicial P. Vocês vão indicar, pelo menos, vinte desses objectos e enviar suas respostas á redacção d'O TICO-TICO. As respostas certas, isto é aquellas que contiverem vinte nomes dis objectos representados na gravura acima e que comecem pela letra P entrarão em sorteio para a posse de um lindo livro, illustrado, de historias para a infancia.

Dias dos Mezes

Trinta dias tem Setembro,
Abril, Maio e Novembro,
Fevereiro vinte e oito tem,
Se for bissexto mais um lhe dêem
E o resto, que sete são,
Trinta e um todos terão.

ESPERANÇA

Esperança!

Eis a carinhosa visão que nos conforta, quando mais se aviva em nossos peitos a dôr de uma desillusão, dando-nos um pouco de coragem necessaria para combater as vicissitudes e as urzes da amargura que vicejam a cada passo na estrada espinhosa da vida!

E' a companheira que nos allivia, quando estamos acorrentados por pensamentos malignos! E's tu que nos mostras através o véo diaphano do teu manto um mundo muito distante.. mui longinquo onde habita a maga felicidade! E's a doce enfermeira que, penetrando nos lares pobres, lhes levas um pouco de conforto, um pouco de allivio.

Quando não se tem mais illusão, quando vemos submergir no tumulto da vida a nossa ultima restea de felicidade, és tu que ouves os nossos lamentos, aconchegando-nos ao teu peito amigo, e procuras encher de alegria o vacuo de nossos corações.

Avé, Esperança!

O' Esperança, sem teu apoio, sem tua salutar e magnifica ajuda o mundo pereceria miseravelmente.

Esperança!

Esperança! tu tens, ó Esperança, de Jesus a infinita bondade e de Maria a fervorosa dedicação!

E's tu, ó sublime Esperança, que nos dás coragem para sonhar com um porvir mais risonho, mais feliz!...

Avé, Esperança!...

Avé!...

S. Luiz.

L. DE MOURA FERRO

TEIAS DE ARANHA

RÊDES DE CAÇA

As teias de aranha, em muitas partes do mundo, são empregadas pelos nativos para pescar.

Na ilha do Thesouro, na Oceania, os nativos guardam de preferencia as teias de aranha de admiravel consistencia, que ahi existem. Collocam-nas estendidas no meio de arcos e assim conseguem apanhar peixes.

Um papuasio estendendo uma teia num arco.

Os peixes, vendo a teia estendida na agua, procuram atravessal-a e assim ficam presos, sendo depois facilmente retirados. Na Nova Guiné, os papuasios apanham pequenos passaros com teias de aranha. As aranhas de Nova Guiné têm um tamanho verdadeiramente invulgar e as suas teias são de grande resistencia.

Uma teia gigantesca

As impressões mais profundas que ficam no espirito daquelles que viajam se prendem, de preferencia, a logares cujos scenarios naturaes são verdadeiramente soberbos. E' o que se dá, por exemplo, com certos recantos de terras distantes que indelevelmente nos ficam gravados na memoria para o resto da vida. Nesses recantos o factor maximo de suggestão é, apenas, a belleza.

Por isso, se o leitor quizer conhecer aspectos naturaes de uma belleza sem par, deverá fazer o possivel para visitar as Ilhas do Mar da Mancha: Guernsey, Jersef e Sark. São as chamadas ilhas anglo-normandas, e que distam apenas 25 milhas da costa da França e que ficam a curta distancia de Southampton. Tudo ahi é positivamente encantador e bello. A população dessa ilha pode considerar-se immensamente feliz devido á circumstancia de não pagar impostos de qualquer natureza. As ilhas anglo-normandas são, por conseguinte, a muitos titulos, verdadeiro paraiso.

SARK—A ILHA DO PARAISO

Das tres ilhas, Sark é a mais tranquilla e a mais pacifica. E' justamente a que tem um ambiente que respira antiguidade.

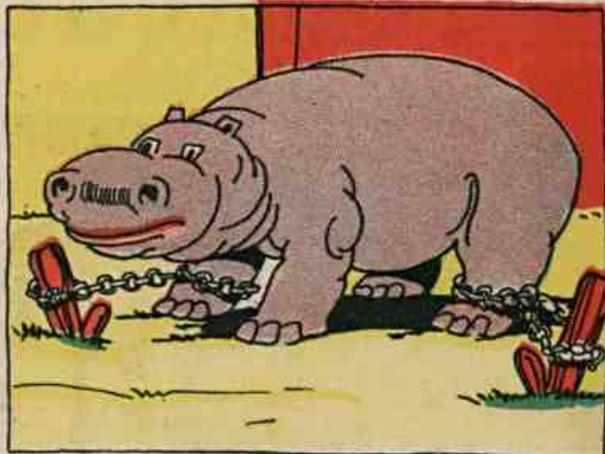
Scena de Sark

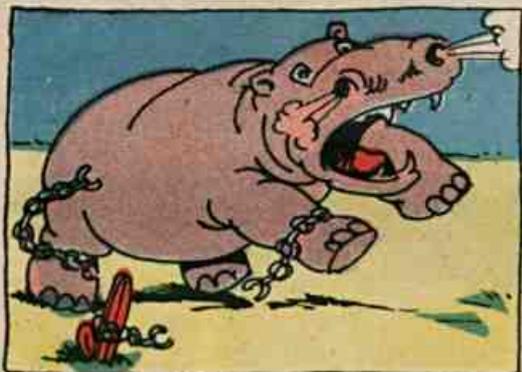
Mas, assim que o viajante se installar nessa ilha, não quererá mais abandonal-a porque é um verdadeiro paraiso. Tudo ahi é encantador, bello e sublime. O ambiente respira uma simplicidade classica. Estamos em outras épocas. Como o mundo é differente. O leitor está liberto de todas as complicações modernas e pode encarar a vida com a maior sympathia possivel.

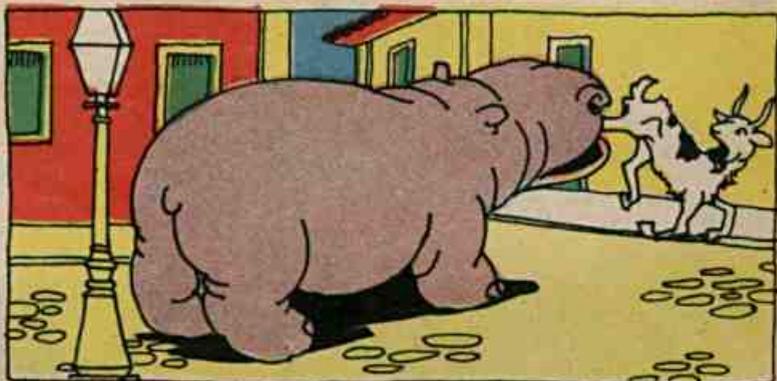
Sark é um pequeno paraiso. Apresenta tres e meia milhas de largura por seis e meia de comprimento.

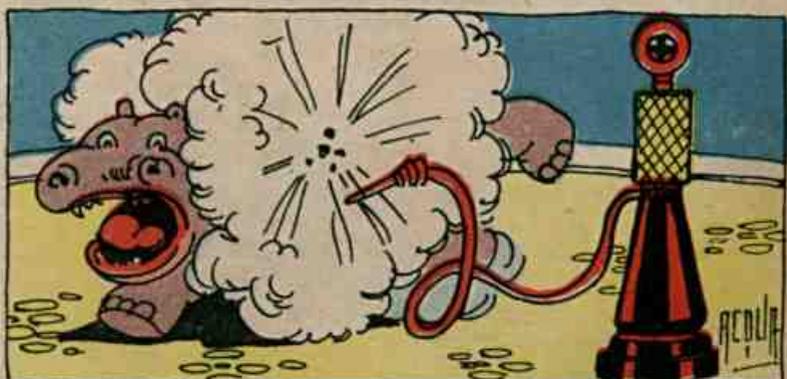
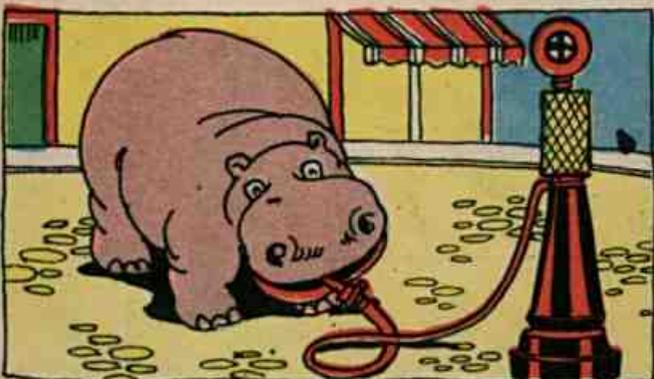
Na ilha existem apenas quatro hoteis, mas ha pensões que impressionam vivamente, porque installadas em edificios que têm dois ou tres seculos de idade. A vida decorre pacificamente e sem complicações. A população das tres ilhas, que é um mixto de elementos francezes e inglezes, não paga impostos e não inveja logares nenhuns do mundo.

Guernsey, onde morou exilado Victor Hugo, Jersey e Sark têm cousas marafilhosas e que ficam gravadas de maneira indeleveis na imaginação do viajante.

UM BICHO EXQUISITO – (Desenhos de Acquarone)

Um dia chegou á cidade de Arranca-Tôco, uma grande companhia de circo. Trazia palhaços, hercules, tonnys e um animal enorme, com uma bocca desse...

...tamanho! Era um hippopotamo. O bicho, muito bravo, vivia acorrentado.

Certa vez, porém, sentindo muita fome, teve um accesso de raiva e arrebentou as correntes que o prendiam.

Caminhou, então para o centro da cidade. Foi um Deus nos accuda! Toda a gente corria apavorada, pois ninguem conhecia aquelle monstro!

Com a fome com que vinha, o hippopotamo foi devorando tudo o que encontrava. Não escapou cachorro na cidade!

Até os cabritos que pastavam pelas ruas foram engulidos com chifres e tudo!

Finalmente, já bem farto, com a barriga estufando, sentiu sêde. Encontrou uma torneira comprida, de ondę sahia um liquido muito claro.

O bicho não conversou: tomou o tubo na bocca e bebeu, bebeu, bebeu... De repente, deu estouro e sumiu!... A bomba era de gazolina.

O macaco castigado

Um macaco estava, um dia, sentado no campo quando viu um pica-páo subir numa arvore.

Ora macaco, como se sabe, é bicho muito curioso. E o macaco desta historia quiz ver onde ia o pica-páo, que entrou num buraco.

Dias depois, voltando ao campo, o macaco percebeu no tronco de uma arvore um buraco igual ao em que entrara o pica-páo.

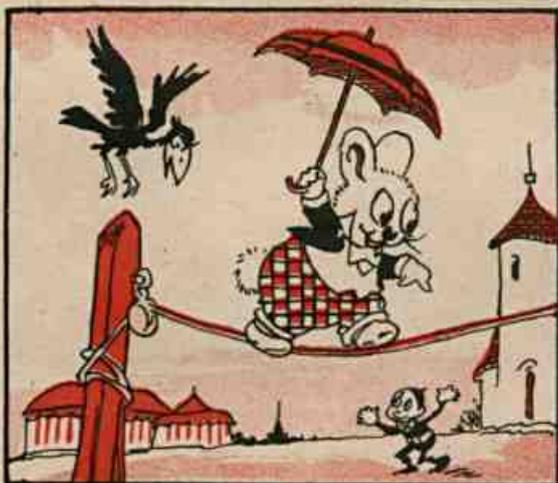
— Vou bulir com o pica-páo! Vou arrancar-lhe tres pennas da asa para fazer um leque! — disse o macaco subindo na arvore.

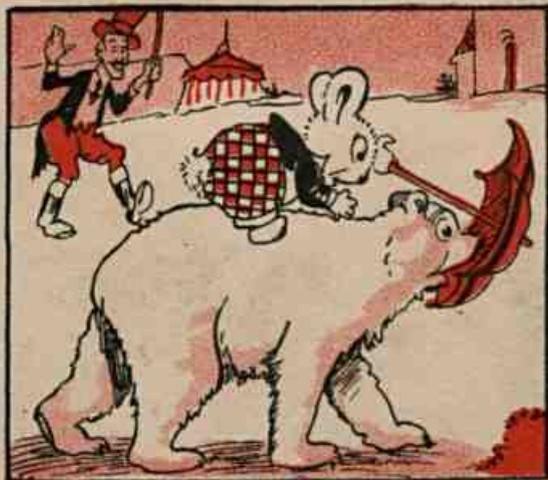
E, chegando ao buraco ia nelle enfiando a cabeça, pensando encontrar um pica-páo. Mas tal não se deu. O que o...

...macaco encontrou foi uma grande coruja, que lhe deu tres bicadas, castigando-o, assim, pelo feio vicio de ser curioso.

ARTISTA SEM QUERER

Coelhinho viu, um dia, no circo, um palhaço equilibrando-se num fio de arame. — Vou tambem me equilibrar! — disse elle.

E ajudado por um geniozinho que lhe deu um guarda-sol, Coelhinho subiu para cima do arame esticado.

Foi um successo, a principio. O novo equilibrista deu varios passos sobre o arame, caminhando até com certa elegancia.

Mas, perdendo de momento o equilibrio, Coelhinho dansou um pouco em cima do arame e, logo depois, cahiu em cima de...

...um urso que, naquelle instante, ia se exhibir no circo. Coelhinho não perdeu...

...a calma e cavalgando o urso, com este entrou no circo, recebendo uma estrondosa ovação dos espectadores. Coelhinho ficou considerado artista.

O RAPTO DE GOIABADA

CORRIA pelas redondezas a noticia de que havia apparecido naquelle remanso do littoral um cardume de robalos. Quando o sol havia rasgado então as brumas da manhã, Goiabada, Carrapicho, Jujuba e Lamparina, armados de longos canniços, esperavam, pacientes, os robalos invisiveis. Mais adeante, junto ás rochas esverdeadas, uma especie de piróga baloiçava á mercê das aguas e a figura exotica de um selvagem colhia mariscos entre as pedras escorregadias.

Goiabada agitou com ruido a lata de iscas. O selvagem mysterioso voltou-se e, quando percebeu que tinha sido descoberto, desandou a correr. Encorajados pela timidez do selvagem, Goiabada e Lamparina sahiram tambem a perseguil-o; e correram muito.

De repente o selvagem parou; olhou firme os seus perseguidores e deu um passo á frente. Goiabada, que tambem havia parado, recuou um passo, dois, tres; o selvagem avançou e partiu a correr em direcção a Goiabada que, apavorado, disparou a pular pedras com a rapidez de um gafanhoto.

Mas foi tudo em vão.

Pouco tempo depois, obrigados pelo selvagem estranho, Goiabada e Lamparina embarcaram na piróga que se fez ao largo, emquanto do lado de cá Carrapicho e Jujuba, com os olhos fóra das orbitas, acompanhavam tudo.

E a piróga desappareceu.

No dia seguinte, muito contra sua vontade, Goiabada e Lamparina desembarcavam numa ilha cheia de coqueiros, habitada

por uma tribu que os recebeu com surpresa.

Havia um tronco de páu no meio das malócas. Lamparina chegou-se á Goiabada e falou:

— Fuja quando elles estiverem distrahidos. Eu irei pegar a canoa a nado. — E, tomando uns ares graves, apontou o páu no meio do terreiro e disse:

— Baturité boló!

Xamburity! Zetremelêtucum debaratimbó zabarabatana.

Depois a negrinha trepou num pilão e, com um tição de fogueira, começou á desenhar sobre o tronco de páu a carranca de um fetiche.

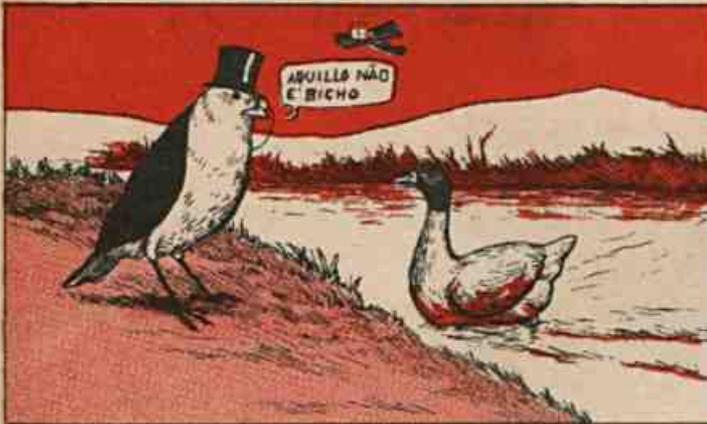
A tribu toda acompanhava o desenho sem esconder o seu espanto. Lamparina interrompia de vez emquanto o trabalho e bradava, erguendo os braços:

— Jaguarátirica!
— Jaguarátirica!
— Jaguarátirica!

A tribu não perdia um só dos movimentos da negrinha e, numa das vezes em que ella soltava o brado "Jaguarátirica", Goiabada metteu-se na canoa e foi se afastando em silencio.

O boneco estava quasi prompto. Lamparina apanhou então um feixe de palhas, accendeu-o com um pequeno accendedor de cigarros que Goiabada lhe havia dado e completou a obra curvando a cabeça, erguendo os braços e bradando: — Ale guá! guá! guá! Tupan!

Toda a tribu lançou-se ao chão, cheia de fervor. Ouvia-se agora um ruido de preces exquesitas parecendo o sussurro de um enxame de maribondos. E, emquanto aquella gente toda rezava, Lamparina foi sahindo com cautela e metteu-se nagua para pegar a canoa que bordejava ao largo.

O TICO-TICO — O avião

Um avião andava a fazer evoluções sobre um lago. Os bichos, habitantes dali procuraram...

...o Tico-Tico, como o mais illustrado, para explicar que bicho era aquelle. — Aquillo não é bicho! — Como...

...assim? Pois se elle até ronca e bate azas! E o pato, o jaburú e o jacaré logo que avistavam...

...o avião a deslisar no espaço, batendo a helice, fugiam, voavam ou mergulhavam...

...transidos de medo. Por mais que o Tico-Tico lhes dissesse: — Não fujam, não sejam tolos!

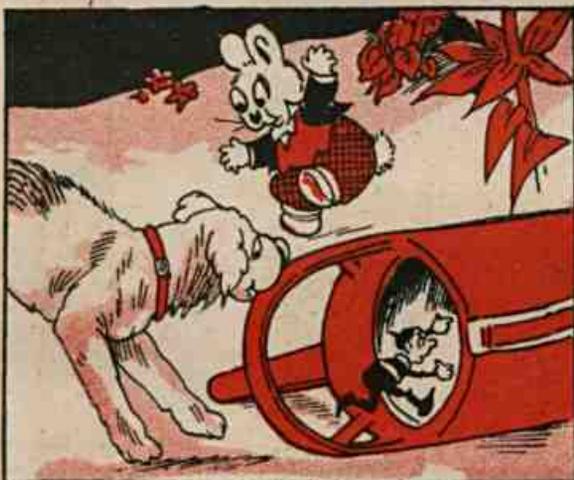
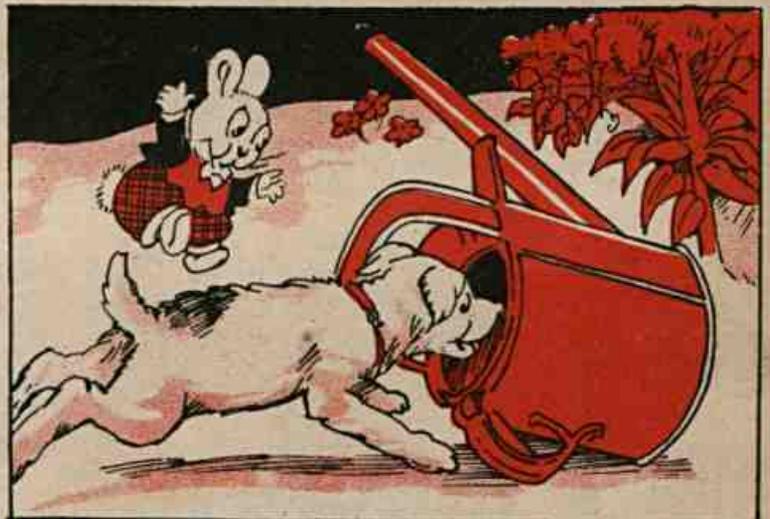
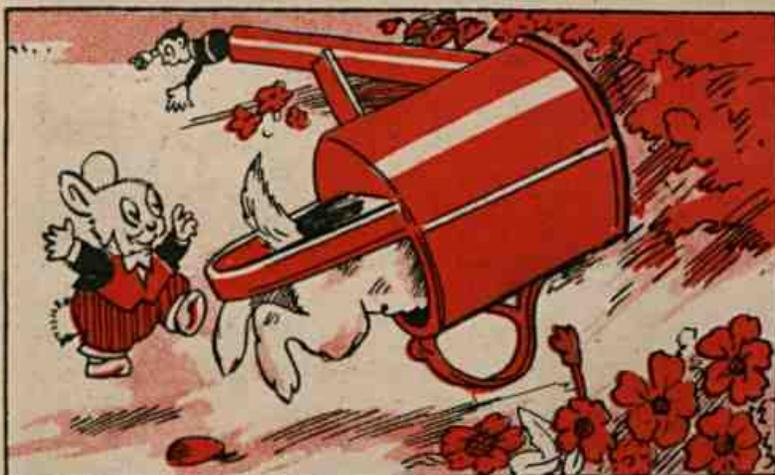
Aquillo é o progresso. O homem conseguiu dominar no espaço! Nem assim os bichos socegaram.

Um dia, porém, o avião teve uma *panne*, fez varias acrobacias para evitar o desastre, mas...

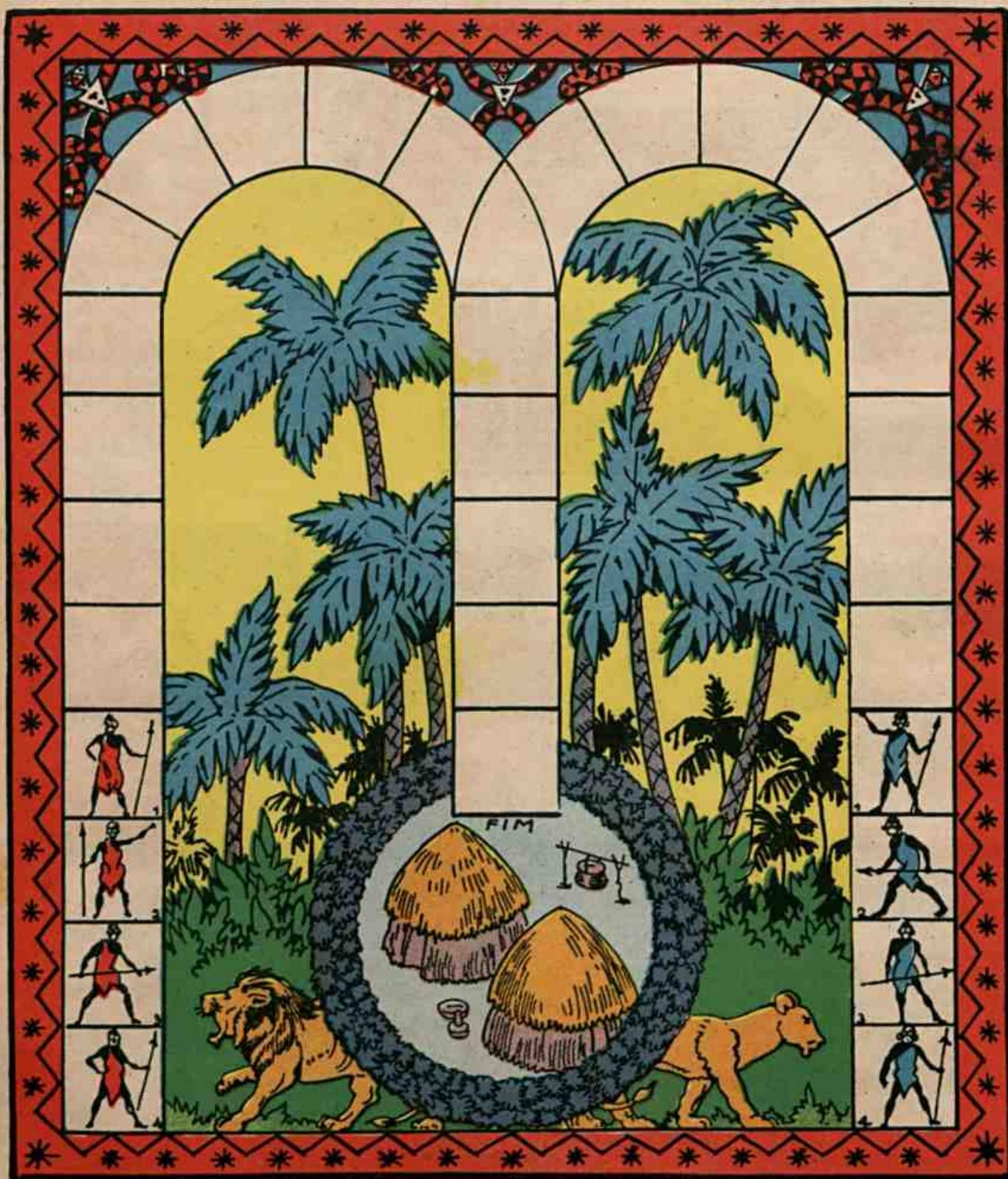
...cahiu no lago. Então disseram os bichos: — Tal qual como nós: vôa, cae e vae ao fundo... pescar.

TÓTÓ FICOU PRESO

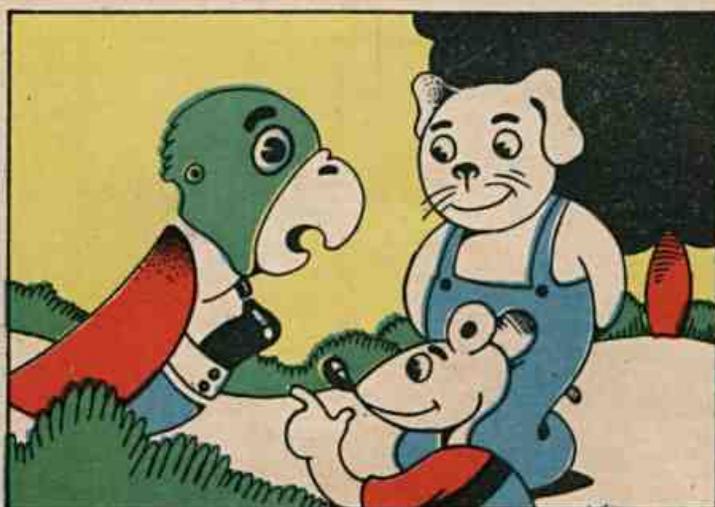
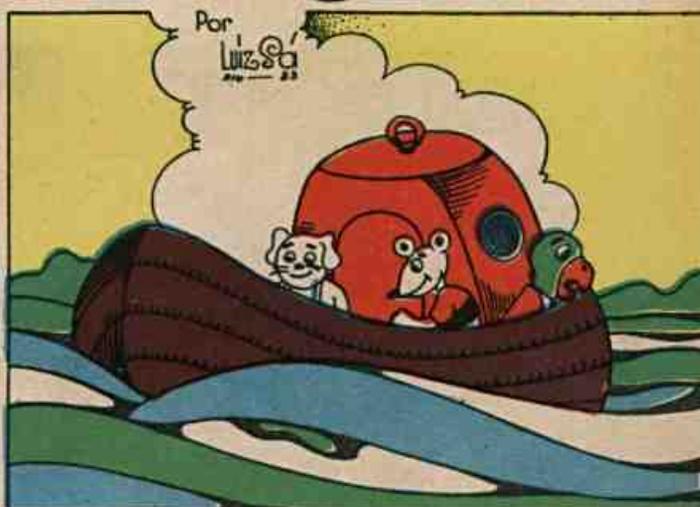
Coelhinho estava, um dia, brincando com um geniozinho muito alegre que morava no jardim, debaixo de uma moita de tinhorões.

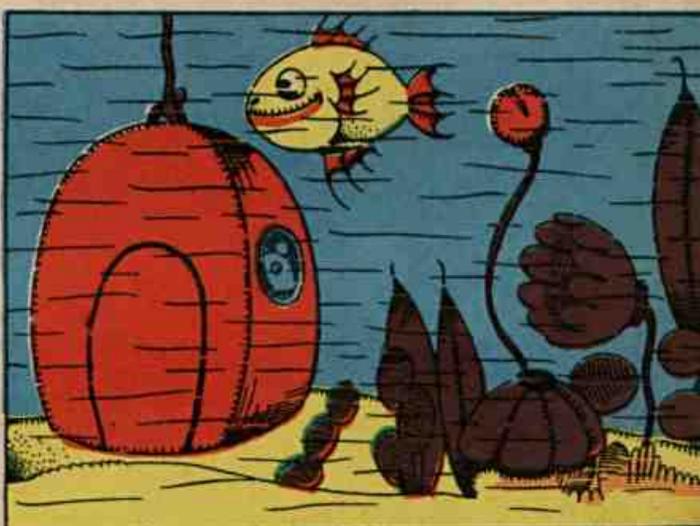
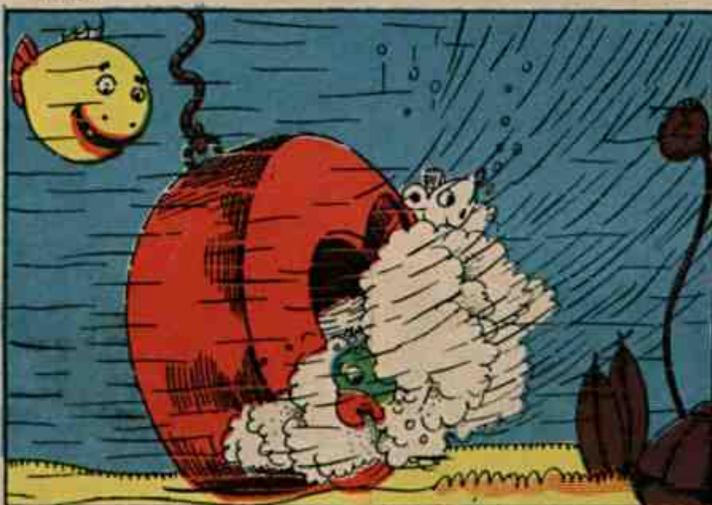
Mas, de repente, surgiu *Tótó*, um cão de vigia, que resolveu perseguir o geniozinho, pois este lhe pareceu um camondongo.

O geniozinho, muito esperto, muito ligeiro, fugiu de *Tótó* e foi-se esconder dentro de um regador que o jardineiro deixara no jardim.

Tótó, raivoso, rosnando, avançou para o regador, disposto a apanhar o geniozinho e matal-o a dentadas.

O geniozinho, porém, emquanto *Tótó* se mettia dentro do regador, sahiu pelo cano, sem que o cão o pudesse alcançar. *Tótó*, no emtanto, é que...

...ficara preso dentro do regador, emquanto o geniozinho fugia com Coelhinho para o fundo do jardim.

O JOGO DO SIMBA

EXPLICAÇÃO: — Dois grupos de selvagens abandonaram as tabas e internaram-se na floresta. Mas, quasi que ao mesmo tempo, viram um tigre e um leão. Resolveram fugir para a taba. E vão fugir, constituindo essa fuga o jogo propriamente dito.

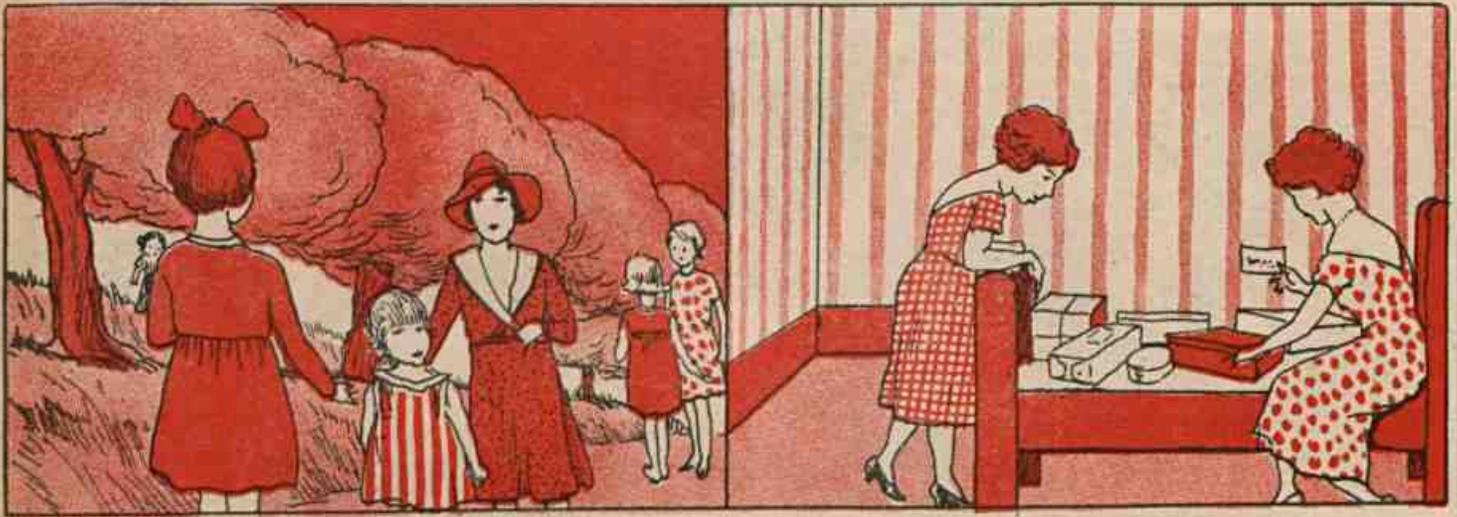
Jogam dois jogadores, cada um representando um grupo, que é, por sua vez, representado por quatro botões da mesma côr. A partida é da casa n.° 4 e os avanços se fazem de accordo com os pontos tirados no dado. Ganhará o grupo que primeiro alcançar a taba.

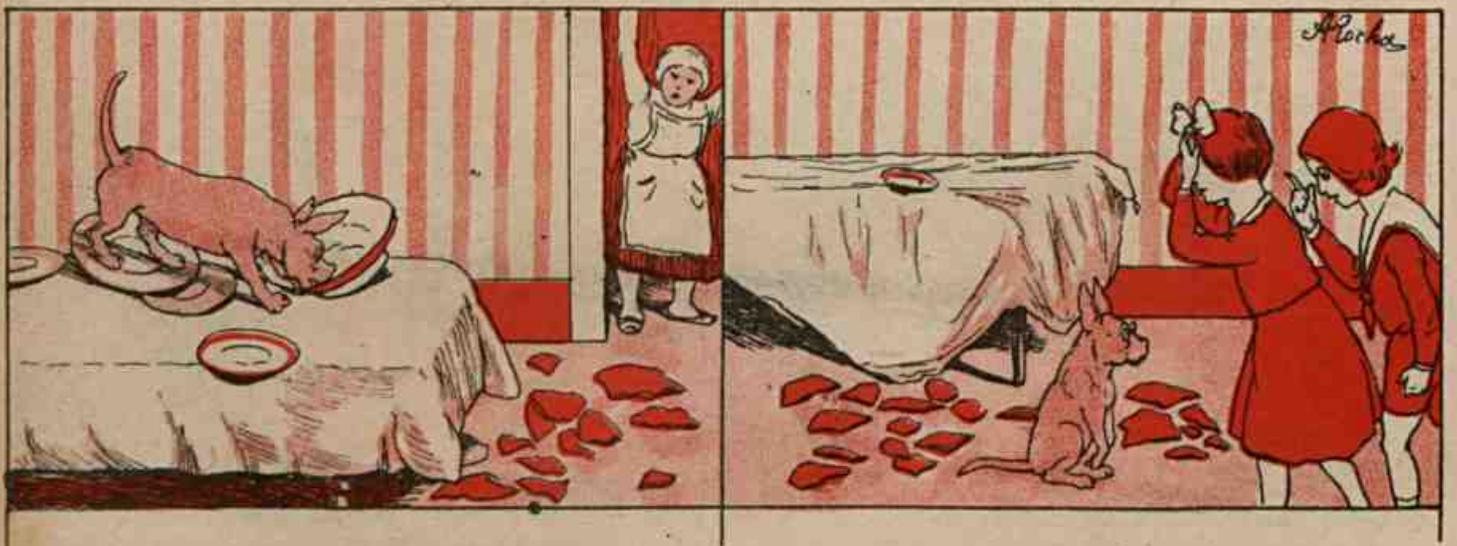
Louro, Totó e Catita

Louro, Totó e Catita combinaram fazer uma excursão ao fundo do mar. Queriam ver como era aquillo. E imaginaram uma caixa de ferro que, presa a uma forte corda, seria descida até o fundo do oceano.

Preparada, a caixa foi conduzida num bote para o alto mar. E ahi se combinou que o Louro e a Catita entrariam para a caixa, emquanto, que Totó, dentro do bote, faria descer a caixa por meio da corda.

O apparelho foi descendo... descendo... Totó estava firme no seu posto, prompto a soccorrer os dois inseparaveis companheiros, caso fosse preciso. O tempo da exploração era de meia hora.

Tudo ia bem. A caixa já estava no fundo do mar quando a Catita, ao olhar pela janellinha, viu umas plantas exquisitas que pareciam feitas de chocolate. Completamente desnorteada pelo...

...desejo de saborear aquellas guloseimas, a Catita abriu a porta da caixa. Foi um *catatáu dos diabos*. A agua entrou, fazendo um grande ruido e os dois companheiros foram envolvidos por um forte redemoinho. Por fim, o Louro e a Catita, meio suffocados, desmaiam.

No bote, Totó ficou inquieto com aquelle barulho que vinha do fundo do mar. Já estava receoso da sorte dos companheiros, quando viu perto do bote surgirem desmaiados a Catita e o Louro. Totó recolheu-os e os levou para casa. Foi uma vez, um passeio ao fundo do mar...

AVENTURAS DO CHIQUINHO

O BAPTIZADO DA BONECA - (DEDICADAS ÁS NOSSAS LEITORASINHAS)

Para o anniversario da Lili, foram convidados muitas meninas suas amiguinhas. Aproveitando os festejos, a Lili baptizou... ...a sua boneca nova. Nesse dia ella tambem fizera a sua primeira communhão. Era, portanto, um grande dia de muitos doces,...

...muitos presentes e de muita alegria. Na saleta, contigua á sala de jantar armaram uma pequena mesa de iguarias leves par a... ...festa da boneca. Benjamim seria o padre. O vigario, que dera communhão a Lili, compareceu; elle fôra convidado e chegou...

...no momento em que Benjamim vestia os paramentos para baptizar a boneca. — E agora, como se vae fazer o baptizado? Eu não quero mais ser padre! O outro... ...já chegou! Deus me livre, até é falta de respeito! E, emquanto os meninos discutiam o caso, Jagunço resolveu devorar a mesa das comidinhas.

TARAMELLA E FRIGIDEIRA
POR JOCAL

Houve festa na casa de Tarámella e Frigideira. Fazia annos uma velha tia de seu pae. As empregadas não davam quasi conta do recado, pois a festança, pelos preparativos, era daquellas...

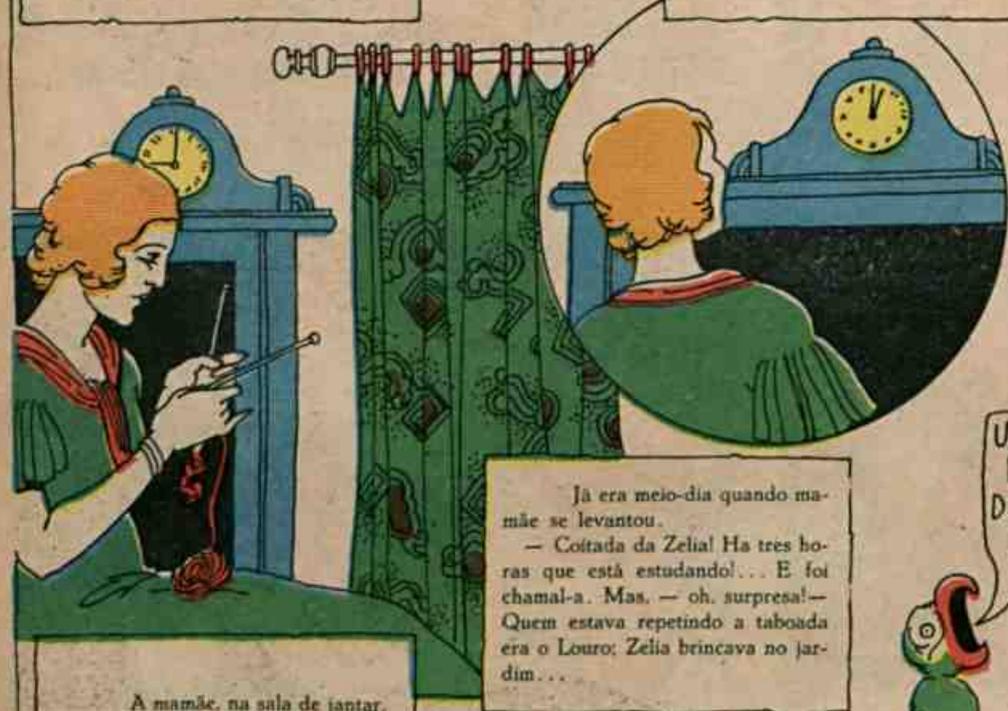
Faltavam, porém, gallinhas para o jantar. A mãe de Taramella chamou-o e mandou comprar umas ali perto, na quitanda do "seu" Joaquim. Sahiu Taramella, correndo, em companhia de Frigideira.

No meio do caminho encontraram-se com collegas e, conversa puxa conversa, já se tinham passado duas horas. Taramella não cansava de olhar para o dinheiro destinado ás gallinhas (uma dessas notas novinhas...

...em folha). Taramella é guloso ao extremo. Dominado por esse vicio terrivel, despede-se dos collegas. Entra numa padaria, compra balas, biscoitos, chocolates, em respeitavel quantidade e de fina qualidade. Do...

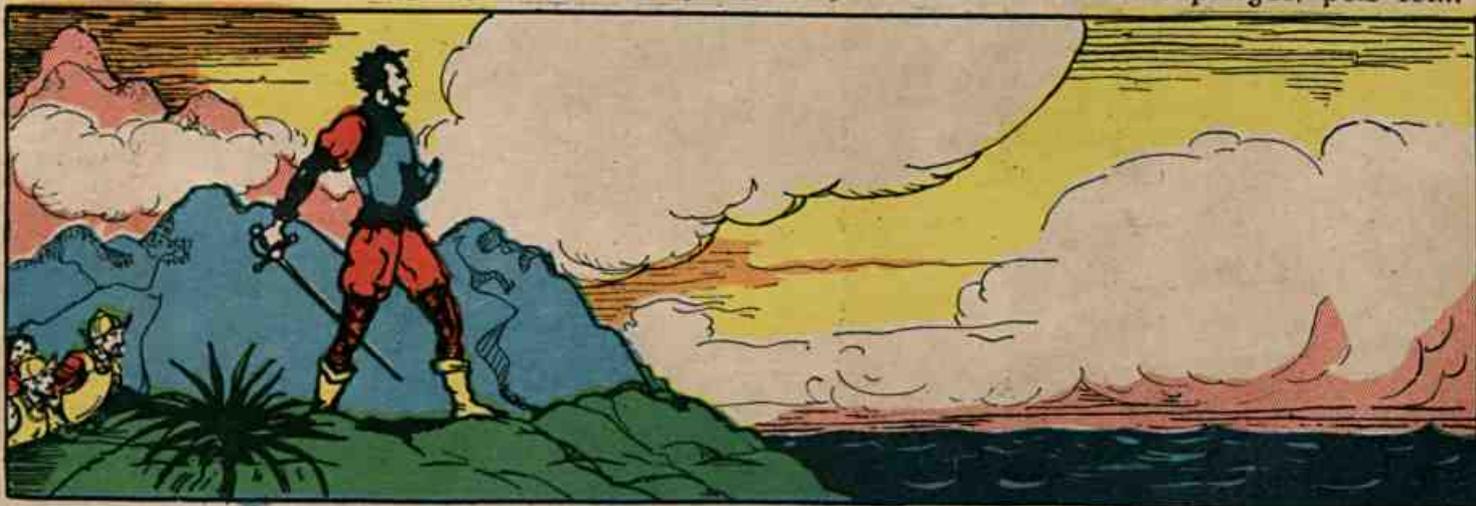
...dinheiro que a mãe lhes dera só restavam poucos nickeis. Depois de satisfeita a sua gulodice, ficaram pensando como haveriam de comprar as gallinhas. — "O que mamãe irá dizer de nós?" diziam. Mas o arrependimento de nada valia. Tarde da noite foram elles encontrados...

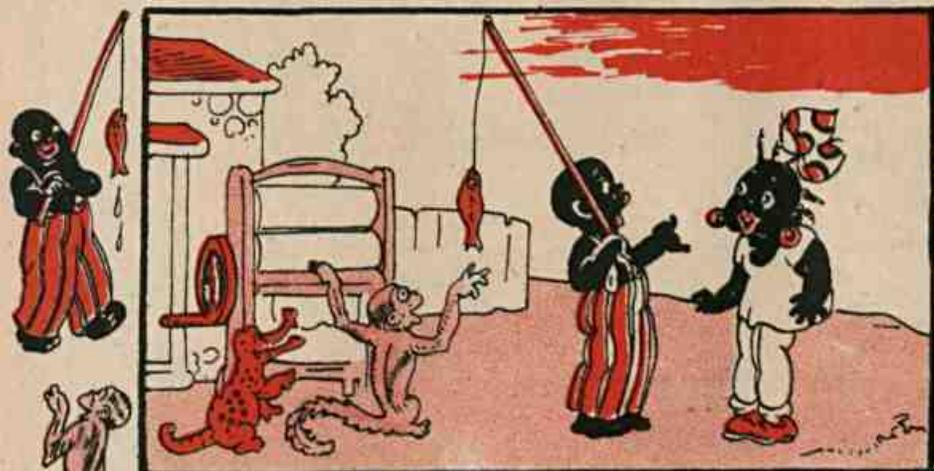
...chorando, sentados a uma porta, pelos paes, afflictos com a demora dos mesmos. Scientes os paes do succedido, foram os garotos a muito custo levados para casa e mettidos num quarto escuro, até o dia seguinte, debaixo da vigilancia do celebre "Papão".

A ASTUCIA DA ZELIA
(DESENHOS DE ACQUARONE)
Zelia era uma menina vadia. Queria ir brincar no jardim, mas a mamãe lhe disse: — Vá para o quarto estudar a taboada; só depois é que poderás brincar.
UM E UM, DOIS; DOIS E DOIS, QUATRO!
Zelia foi para o quarto e começou a cantar a taboada. Louro, o papagaio, escutava attento a cantilena: Um e um, dois; dois e dois, quatro!...
A mamãe, na sala de jantar, fazia "crochet", ouvindo aquella voz, que vinha do quarto: um e um, dois; dois e dois, quatro!
Já era meio-dia quando mamãe se levantou.
— Coitada da Zelia! Ha tres horas que está estudando!... E foi chamal-a. Mas, — oh, surpresa! — Quem estava repetindo a taboada era o Louro; Zelia brincava no jardim...
UM E UM, DOIS; DOIS E DOIS, QUATRO!
ACQUA

Historia do descobridor do Oceano Pacifico

Quando Balboa, o intrepido hespanhol, navegava como preso, o commandante do navio era para elle muito máo. Os demais tripulantes, no entanto, gostavam de Balboa e...

...quando foi construida uma cidade no logar em que hoje é o Isthmo de Panamá, foi o bravo hespanhol acclamado chefe. Os indios do Panamá disseram a Balboa que, para além...

...de uma grande montanha que havia no oeste existia muito ouro e muito mar. Balboa resolveu, então, ver até onde era verdadeira a allegação dos indios. E organizando uma expedição com mil indios e varios companheiros de viagem partiu para as bandas do oeste através de florestas e montes. Muito tempo gastou essa expedição, que arrostou innumeros perigos, pois foi...

...atacada por indios inimigos e animaes ferozes. Mas Balboa era perseverante e, no fim de algum tempo, encontrou a montanha de que os indios lhe haviam falado, detraz da qual havia um grande mar, o oceano Pacifico, que vinha provar que a terra descoberta por Christovão Colombo não era parte das Indias mais um vasto e rico continente.

O PEIXINHO

Carvãozinho queixava-se á irmã de que sempre que ia pescar só conseguia trazer para casa um unico peixe e assim mesmo tão pequeno que a cosinheira não o podia...

...aproveitar. Macaquinho e Jacaré, ouvindo a lamentação de Carvãozinho, imaginaram fazer passar por uma moenda o peixinho apanhado para tornal-o maior.

E assim fizeram, só sendo presentidos por Carvãozinho quando o peixinho, tendo passado entre os rôlos da moenda, estava chato e largo parecendo enorme.

A cosinheira, não tendo percebido o truc de Macaquinho e Jacaré deu um bravo hurrah! a Carvãozinho por ter pescado um peixe tão grande.

Robinson e os dois pintinhos

Os dois irmãos Pintinhos, voando, em viagem, chegaram á ilha onde morava Robinson Crusoé.

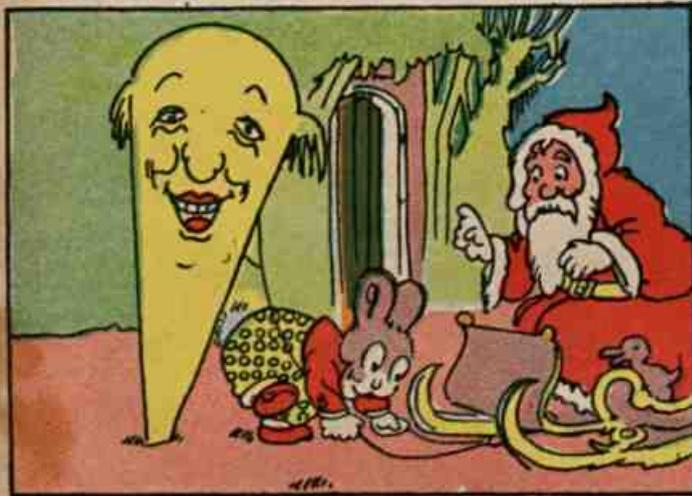
E disseram a Robinson que estavam com fome e queriam almoçar. Pensaram que Robinson não era capaz de lhes arranjar almoço...

Mas Robinson levou os irmãos Pintinhos a casa do seu dedicado amigo Pretinho que estava no momento preparando-se para almoçar.

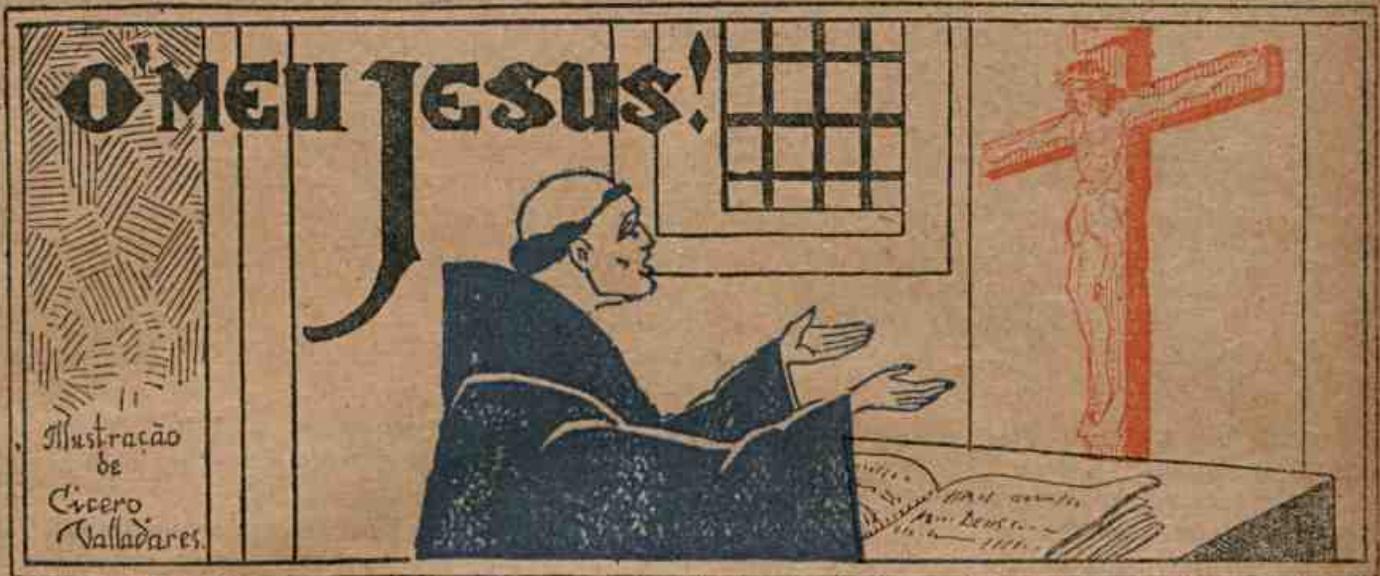
Os irmãos Pintinhos tiveram, assim, occasião de almoçar lautamente na ilha onde Robinson tanto se celebrizou.

Papae Noel e o Coelhinho

A rhenna que puxava o carro de Papae Noel fugira justamente quando a carruagem passava á porta da casa de Coelhinho.

Coelhinho, porém, resolveu auxiliar Papae Noel. Foi buscar seu papagaio de papel de seda e atou-o, como se fosse um cavallo, ao carro de...

...Papae Noel. Este, agradecido, convidou Coelhinho a passear pelos ares.

Coelhinho acceitou o convite e o carro deslisou e alçou-se nos ares, levado pelo papagaio de papel de seda.

Papae Noel estava radiante. Dentro de cada chaminé, dentro de cada casa um brinquedo era jogado. Coelhinho, é esperto e na chaminé de sua casa atirou um lindo boneco de velludo.

Na flor dos annos, sentindo na alma
Sêde infinita de amor e luz,
Ouvi por noite serena e calma,
Voz que dizia: "Vae a Jesus'!"

Busquei-o, ansioso, nem sei por onde,
Na flor, na estrella, que além reluz;
Mas flor e estrellas, tudo responde:
"Ai ! não ! não somos o teu Jesus !"

Sonhei palacios ricos de fadas,
Desses que o verso mal reproduz;
Entre as riquezas mais encantadas,
Não vi, ai ! nunca ! o meu Jesus !

Andei por salas cheias de flores,
Cheias de riso que amor traduz;
Entre folguedos enganadores,
Não vi, ai ! nunca ! o meu Jesus.

Amei a gloria que ao sol fulgura,
Num throno de ouro já me suppuz,
Achei vaidades, vi a loucura,
Mas nunca, nunca o meu Jesus !

Desilludido, lavado em prantos,
Fugi ao mundo que nos seduz;
Fui ter á porta dos claustros santos,
A perguntar-lhes do meu Jesus.

Lá na penumbra do altar sagrado,
Curtindo os velhos tormentos crús,
Emfim escuto a voz do Amado:
"Eis-me !" responde o meu Jesus.

Só no silencio, só no retiro,
Não entre flores, mas numa cruz,
Acha-se Aquelle por quem suspiro,
Ideal eterno, o meu Jesus !

Bemdito o ermo, bemdita a prece,
Que ao Infinito nos reconduz !
O mundo todo aqui se esquece,
E só me basta o meu Jesus !

De cada abrolho que ás vezes piso,
Logo uma rosa Elle produz,
Ao mago influxo de um seu sorriso:
Como é amavel o meu Jesus !

Por Elle abraço a cruz mais grave
Hei de leval-a nos hombros nús;
Basta que nella sinta o suave
E caro peso do meu Jesus !

Agora e sempre, si canto ou gemo,
Em feias trevas ou doce luz,
Sê minha estrella, meu bem supremo,
Meu Deus, meu tudo, ó meu Jesus !

(Cuyabá — 1914).

DOM AQUINO CORRÊA

Mozart

Puccini

Schubert

FAMOSOS COMPOSITORES

Mozart foi um grande compositor francez. Conta-se que aos 4 annos de idade, compuzera um concerto. Apesar de muitos erros, esse concerto era coherente, logico e melodioso, mas muito difficil, podendo ser apenas tocado por um artista. Aos 8 annos, Mozart e sua irmã Maria Anna, fizeram uma viagem, dando concertos, viagem essa que teve a maior repercussão na Austria. Mozart passou a ser a "creança maravilhosa".

Puccini, que nascera em Lucca, Italia, tambem quando menino gostava de fazer longas caminhadas até Piza, para assistir a representações theatraes. A musica encantava-o.

Schubert, apesar de seus oculos grandes e dos seus olhos espantados, aos 14 annos já compunha.

A ORADORA

(MONOLOGO)

A' graciosa Odaléa Rosa:

Tendo um nome de [perfume,
Junto a outro nome de [flor,
Dizem que eu sou, [realmente,
De pura essencia um [primor.

Entretanto eu [reconheço,
E é bom que, em tal coisa, insista,
Minha vocação é outra,
Não nasci pra perfumista...

Nem médica ou engenheira,
Architecta ou professora;
Eu tenho a certeza... certa
De que nasci pra oradora.

Dizem que, muito pequena,
Mezes depois que nasci,
Em logar de mamadeira,
Logo a palavra eu pedi!

No dia do baptizado
Eu não tive outro recurso:
Ao sentir o sal na bocca
Fiz ao vigario um discurso.

Depois, em casa, no almoço,
Aos padrinhos, — que belleza ! —
Fiz outro grande discurso
Num brinde de sobremesa.

Quizeram me agradecer,
Porém tal não consenti;
Neguei a palavra a todos,
Sómente eu falava ali.

Numa festa em Campo Grande,
A Commissão promotora,
Vendo que eu era eloquente,
Me escolheu para oradora.

No dia estava ali, firme,
Sem o minimo temor;
Fiz um discurso de facto
Ao Prefeito Interventor.

Falei com tanto calor
E com tamanha eloquencia,
Que naquelle mesmo dia
Inaugurou-se a Assistencia!

Terminei com enthusiasmo,
Falando sem embaraços,
O que me valeu applausos
E ganhar beijos e abraços.

Numa roda de rapazes
Da imprensa, de gente fina,
O Deodoro me chamou:
"Demosthenes... feminina!..."

Tirei retratos com elles
Que, por signal, eram tantos...
Mas fiz questão de ficar
Junto ao Dr. Jorge Santos.

Nisto o Geraldo, photographo,
Diz: — Talvez a prova saia
N'O TICO-TICO, porque
Vou dal-a ao Mauricio Maia.

O Mauricio estava perto...
Dos oculos limpa o vidro
E replica: — Veja bem!
Não vá se zangar o Izidro...

— Qual zangado! Elle parece
Que uma questão disso faz;
Porém depois fica calmo...
Seu Izidro é bom rapaz...

Esperando a tal promessa
Até agora inda fico
Vendo quando o meu retrato
Sahirá n'O TICO-TICO...

Não gosto de que me enganem,
Nem de quem queira "ser urso"
Por isso, em vez de o fazer,
Eu ahi "dou discurso".

Se não sahir meu retrato
E' um perigo, um precipicio.
Protestarei discursando,
Farei, na rua, [um comicio.

Porque, no final [das contas
Tenho um'alma [sonhadora,
Gósto de ser [applaudida;
Eu nasci para [oradora!...

EUSTORGIO WANDERLEY

LENDA DO SABIÁ

Para saudar Jesus de Nazareth,
que nesse dia descansava á sombra
de uma figueira brava,
veio a seus pés cantar a passarada.
O sabiá sómente, nesse tempo,
ainda não cantava.
E por isso, com a alma torturada,
conservava-se esquivo,
ouvindo o gorgeiar dos companheiros,
triste e meditativo.
Interpretando a sua nostalgia,
o canário lhe diz motejadôr:
"E tu?... Nem um gorgeio, sabiá?
"é assim que rendes graças
"ao nosso Creador?"
Não respondeu a pequenina ave.
Mas momentos depois,
movida por sublime inspiração,
aligera, voou rumo á campina,
de onde voltou trazendo presa ao bico
uma rosea bonina.
E num gesto de amôr, delicado e divino,
deitou-a no regaço
do querido Rabbino.
"Obrigado, sabiá!" Disse o Senhor
no auge da emoção.
E, fazendo-o poisar
na palma de sua mão,
assim vaticinou: — "de hoje em diante
"magistral e fagueiro
"entre os mágos cantores das florestas
"has de ser o primeiro.
"Canta sabiá!" O passaro, contente,
contemplando Jesus, cheio de gratidão,
cantou divinamente!
Do céo, viu-se cahir, nesse momento,
uma chuva de flôres...
. . . .
E, desde então, o nosso sabiá,
tornou-se o rei dos passaros cantores.

LILINHA FERNANDES

IVONE

Quando o quarto deixou, onde o doente
Examinou com solicito cuidado,
O medico fechou sombriamente
A physionomia,
Dando ao rosto um tom triste e carregado.

— Muito grave, doutor? Corre perigo
A vida delle? Indaga, afflicta e ansiosa,
A esposa.
— Dona Laura, eu sou amigo,
Velho amigo da casa...
— Então? chorosa
A esposa torna.
— Como lhe dizia,
Eu sou um velho amigo...
A voz lhe treme,
Como que se lhe prende na garganta...

Na sala de jantar, inconsciente,
Na sua casta innocencia, Ivone, rindo,
Concerta o leme
De um barquinho de páo... Ivone canta
Como um passaro no ninho...
(Ivone tem cinco annos e é formosa,
E, além de formosa, intelligente
E bôa)...
— Mamãe, o meu barquinho
Tá prompto... Diga a papae que venha vel-o...
E a mãe ouvindo
Aquella voz tão doce,
Vae medindo a amargura que as espera,
E sente no coração um aperto, qual se fosse
O da morte...
O' céos! o outomno e a primavera
Formando um só novelo
De tristeza, de angustia, e luto e dores!

Chega á porta do quarto o medico... Olha Ivone
A brincar, e a mãe chorando!
Sente n'alma a tragedia de um cyclone
Cidades e florestas devastando!
Ah! pudesse salval-o!
A vida prolongar, que, aos poucos, se extinguia...
Poupar o violento abalo
Da realidade fria
A' Dona Laura — esposa e mãe modelo!
Sahe um gemido lastimoso
Do quarto... O doente grita. Corre a vel-o
O bom doutor... Em vão! Um gemido estertoroso

Ouve-se... E' o da morte... O doente expira...
Afflicta,
Desesperada, chora e grita
Dona Laura... Ivone olhando:
— Isso é mentira!
Não chore, mamãezinha! E com desvelo
E com carinho alisa-lhe o cabello...

Tomam-se providencias piedosas;
Mandam Ivone para a casa da titia,
E no outro dia,
Recoberto de cravos e de rosas
O corpo, sahe o caixão — urna de mésses
Da vida nova —
Segue o enterro para o Campo Santo
Entre soluços e preces
E pranto,
Em busca do ultimo porto aqui da terra: a cova.

Dias depois está de volta Ivone,
E ao ver de preto e triste
A mãe, indaga: — E papae? A viuva cala;
A linda fada insiste,
E a mãe fala:
— Teu pae partiu...
— Mas voltará?
— Filhinha,
Quem o póde saber? E Ivone,
Com a mais doce das vozes deste mundo
Diz: — Mamãezinha,
Chame-o ao telephone...
E Dona Laura sopitando o fundo,
O acerbo pesar que lhe ia n'alma,
Finge que no telephone o morto chama,
E finge a maior calma,
A calma inteira que a situação reclama:
— Alô! Alô! Nada!
— Papae onde é que está, mamãe, onde?
Não ouve? E diz baixo,
Essa alma impoluta,
Com encanto,
— Que diacho!
E alto: — Então papae já não nos ouve? afflicta,
Alarmada,
Pergunta: — Não escuta
A nossa voz? E estava tão bonita!
E a mãe, contendo o pranto:
— Ouve, sim, meu amor... mas não responde!

LEONCIO CORREIA

AVENTURAS DE DON QUIXOTE

Na capa deste almanach vêem-se dois typos interessantissimos de fama mundial — Don Quixote e escudeiro Sancho Pança, heróes de um romance de aventuras escripto em 1605 pelo escriptor hespanhol Miguel de Cervantes. Este escriptor, mettendo a ridiculo o habito de serem lidos em sua terra livros de façanhas impossiveis, fez publicar as "Aventuras de Don Quixote", série de aventúras de um velho fidalgo, cuja cabeça se transtornára com a leitura de historias extravagantes de cavalleiros e de formosas damas. Dentre essas aventuras destacamos, para conhecimento de nossos leitores, algumas bem interessantes.

COMO DON QUIXOTE FOI ARMADO CAVALLEIRO

Tanto Don Quixote como o cavallo sentiam muita necessidade de descanso e de alimento quando chegaram á estalagem. A' porta estavam duas mulheres que iam para Sevilha com uns arrieiros, os quaes tinham ido arranjar alojamentos para passarem a noite.

Apenas o nosso viajante viu a estalagem, imaginou logo que era um castello, defendido por quatro torres, com elevadas ameias de prata reluzente, sem que lhe faltasse a ponte levadiça, o fosso profundo, e todos os outros resguardos proprios de semelhantes fortalezas. Chegado alí, parou, absolutamente convencido de que algum anão appareceria nas ameias e tocaria a trombeta dando signal da chegada dum cavalleiro.

Precisamente nessa occasião um guardador de porcos tocava uma buzina de chifre para reunirem os animaes que estavam espalhados pelos campos no restolho Don Quixote ao ouvir isso, julgou que era o signal esperado, e dirigiu-se para a entrada. Quando se approximava, as duas mulheres começaram immediatamente a correr assustadas, mas Don Quixote, levantando a viseira do capacete e descobrindo o rosto magro e empoeirado, approximou-se dellas com gesto airoso e grandes reverencias, e falou-lhes assim:

— Não fujaes, senhoras minhas. A ordem de cavallaria que professo prohibe-me causar damno seja a quem fôr, quanto mais a donzellas de tão alta linhagem como vós pareceis ser.

Como as mulheres se rissem disso, e com razão, Don Quixote, falando num tom de grave censura, observou que a modestia e a cortezia eram dotes muito apreciaveis no bello sexo, ao passo que o riso sem uma razão plausivel não era mais que loucura. "Mas", accrescentou elle, "não tenho a intenção de offender-vos ao dizer isto. O meu unico desejo é servir-vos".

Estas palavras augmentaram a hilaridade das mulheres, e a colera do nosso cavalleiro ia tambem augmentando quando, felizmente, appareceu o estalajadeiro, que segurou o estribo para Don Quixote se apear, convidando-o ao mesmo tempo a entrar na estalagem e a gosar o conforto que ella offerecia. Don Quixote notando a humildade do governador do castello (pois assim lhe tinham parecido o estalajadeiro e a estalagem), respondeu:

— Senhor castellão, a mim qualquer cousa me basta; as armas são o meu unico luxo, e o combate o meu leito de repouso.

Tendo pedido ao estalajadeiro que tratasse bem o seu corcel, Don Quixote entrou na estalagem onde, com o auxilio das duas joviaes mulheres, se desembaraçou da armadura, com excepção dos braçaes que estavam ligados com fitas; como estas se tivessem enredado e elle não quizesse que lh'as cortassem, o estalajadeiro e as mulheres tiveram de metter-lhe a comida na bocca.

Don Quixote é armado cavalleiro no estabulo da estalagem

Depois de ter tomado desta maneira desagradavel a frugal refeição, chamou o hospedeiro para o pateo e alí, ajoelhando a seus pés, declarou-lhe que não se levantaria até que o castellão promettesse armal-o cavalleiro. Disse que tencionava durante toda aquella noite velar as armas na capella do castello, de forma que a cerimonia pudesse effectuar-se de manhã. O estalajadeiro, homem de bom humor,

prometteu fazer o que elle pedia, mas observou-lhe que, como a capella ainda não tinha sido reconstruida, o seu nobre hospede velaria as armas mesmo no estabulo. O hospedeiro perguntou em seguida a Don Quixote se tinha algum dinheiro, e como elle houvesse respondido que não fez-lhe saber que todos os cavalleiros deviam trazer dinheiro e a camisa limpa. Don Quixote redarguiu que cuidaria disso no futuro, pegou na armadura, levou-a para o estabulo, collocou-a em cima dum bebedoiro e começou a vigilia. Quando estava occupado nisto, um dos arrieiros appareceu para dar de beber ás mulas. Logo que Don Quixote viu que o homem se approximava do bebedoiro com o proposito de retirar a armadura, exclamou:

Don Quixote arremettendo contra os moinhos de vento.

— O' tú, quem quer que sejas, cavalleiro atrevido, que te preparas para tocar nas armas do mais valoroso cavalleiro andante que até hoje cingiu uma espada, acautela-te! Não tentes profanal-as com as tuas mãos se não queres que a morte seja a paga da tua temeridade.

O arrieiro não fez caso desta admoestação, e immediatamente agarrou na armadura e atirou-a para o lado. Ao receber esta affronta, Don Quixote, invocando a sua dama Dulcinéa, como era costume fazerem os cavalleiros andantes, despediu sobre o arrieiro um grande golpe com a lança, tornou a collocar a armadura no seu logar, e começou a passear de um lado para outro, com tanta tranquillidade, como se nada tivesse acontecido.

Pouco tempo depois appareceu outro arrieiro, e, não tendo reparado no corpo do companheiro estendido no chão, preparava-se para tirar a armadura. No mesmo instante Don Quixote se poz a bater com a lança de tal maneira no homem, que os seus gritos afflictivos fizeram accorrer o estalajadeiro com toda a gente da estalagem. Bem depressa Don Quixote teve de defender-se duma chuva de pedras, vendo-se obrigado a refugiar-se debaixo do escudo, exclamando ao mesmo tempo que elles eram miseraveis, traidores, villões, e o senhor do castello um cavalleiro desprezivel e sem hospitalidade, por consentir que um cavalleiro andante fosse assim maltratado em seu castello. Ao mesmo tempo defendia-se com tal furia que infundiu receio no coração dos aggressores, os quaes cederam finalmente aos gritos do estalajadeiro, dando-se por findo o ataque.

Mas o estalajadeiro, ansioso por se desembaraçar dum hospede tão incommodo, apresentou as desculpas dos arrieiros e, fazendo notar que duas horas de vigilia eram sufficientes e que Don Quixote havia já quatro horas que estava a velar as armas, manifestou que podia dar-se começo á cerimonia de o armar cavalleiro. Don Quixote, acreditando nelle, pediu-lhe que puzesse tudo em execução o mais depressa possivel. Além disso, observando que o resto da cerimonia podia fazer-se tanto no campo como numa capella ou noutro sitio qualquer, o estalajadeiro mandou vir o livro de contas, e, chamando as duas mulheres e um rapaz, a quem mandou segurar uma vela accesa, pediu a Don Quixote que se ajoelhasse.

Então, fingindo ler no livro, o hospedeiro levantou a mão e deu a Don Quixote uma palmada no pescoço, batendo-lhe em seguida no hombro com a espada. Depois disto ordenou que uma das mulheres cingisse a espada ao cavalleiro, e que a sua companheira lhe afivelasse as esporas. Don Quixote agradeceu a todos, foi buscar o *Rocinante* e partiu. O estalajadeiro ficou tão contente ao vel-o partir, que nem lhe pediu que pagasse a conta. Assim foi armado cavalleiro Don Quixote de la Mancha,

AS AVENTURAS DOS MOINHOS DE VENTO E DA JAULA DOS LEÕES

Emquanto Sancho, á medida que andavam, falava ácerca da ilha que ia governar — deve dizer-se de passagem, que elle não sabia bem o que era uma ilha — chegaram a uma planicie onde havia uns trinta ou quarenta moinhos de vento.

— Olha para além, amigo Sancho! — exclamou o cavalleiro. — São, pelo menos, trinta gigantes violentos com quem tenciono travar combate. Depois de lhes tirar a vida, ficaremos ricos com os seus despojos, pois é justo que os tornemos nossa presa.

O honrado Sancho, que via as cousas como ellas eram, esforçou-se por convencer o seu senhor de que os "gigantes" não eram mais do que moinhos de vento. Mas Don Quixote, considerando obra magna o facto de Sancho não ver os gigantes, disse-lhe que ficasse atraz caso tivesse medo.

Dito isto, esporeou o *Rocinante* e gritou:

— "Parae, cobardes! Não leveis a vossa vileza a ponto de fugir dum só cavalleiro que corre a affrontar-vos a todos!" E, dizendo isto, preparava-se para o combate.

Neste momento levantou-se vento, e os braços do moinho começaram a mover-se.

— Vis miseraveis! — gritou então Don Quixote. — Ainda que movaes mais braços do que o gigante Briareo, haveis de pagar a vossa ousadia.

E, invocando a dama Dulcinéa, enristou a lança, cobriu-se com o escudo, e arremessou-se contra o moinho mais proximo com toda a velocidade de que o *Rocinante* era capaz. Quando deu uma lançada na vela, o vento obrigou-a a girar com tamanha rapidez, que a lança se despedaçou e cavalleiro e cavallo foram deitados por terra. Tal qual como no combate anterior, o cavalleiro ficou outra vez sem se poder mexer.

Quando Sancho correu para elle, Don Quixote declarou que um malvado magico tinha transformado os gigantes em moinhos de vento, para os privar da honra da victoria.

A seguinte aventura de Don Quixote foi de caracter mais honroso. Travando um combate singular com um biscainho, venceu-o, e só lhe poupou a vida quando elle prometteu ir a Toboso e apresentar-se ante a dama Dulcinéa para que dispuzesse delle conforme lhe aprouvesse

Sancho Pança manteado a uma grande altura

Mas não muito depois disto, em consequencia dum reencontro com uns arrieiros, Don Quixote ficou tão maltratado, que teve de ser posto em cima do *Russo* e conduzido a uma estalagem; o *Rocinante* levava as armas e Sancho Pança, tambem muito maguado, era quem guiava a caravana.

Assim que Don Quixote viu a estalagam declarou que era um castello e depois de entrar, as suas maneiras e a sua linguagem causaram grande admiração a todos, mas não deixaram de lhe curar as feridas, assim como as do escudeiro.

Ao ser informado pelo estalajadeiro no momento de partir que o que elle tomava por um castello não era mais de que uma estalagem, Don Quixote declarou que, como se sabia, nunca nenhum cavalleiro andante tinha pago num logar como aquelle, elle tambem nada pagaria. E dizendo isto, partiu dali montado no cavallo. Mas Sancho Pança, que vinha atraz, foi apanhado e arremessado a grande altura por meio dum cobertor, sahindo desta aventura mais maltratado do que o amo, o qual ao ouvir os gritos do escudeiro voltou para traz, mas não poude auxilial-o.

Quando seguiam o seu caminho, Don Quixote tentou em vão convencer Sancho de que aquelles que os tinham tratado tão cruelmente eram apenas fantasmas do outro mundo.

— O que eu vejo, afinal, em tudo isto — declarou Sancho tristemente, — é que estas aventuras que andamos á procura p'ra direita e p'ra esquerda hão de trazer-nos tantas desgraças, que nem saberemos para onde nos havemos de voltar. O melhor que tinhamos a fazer era ir para casa e cuidar das colheitas antes que nos aconteçam peores males.

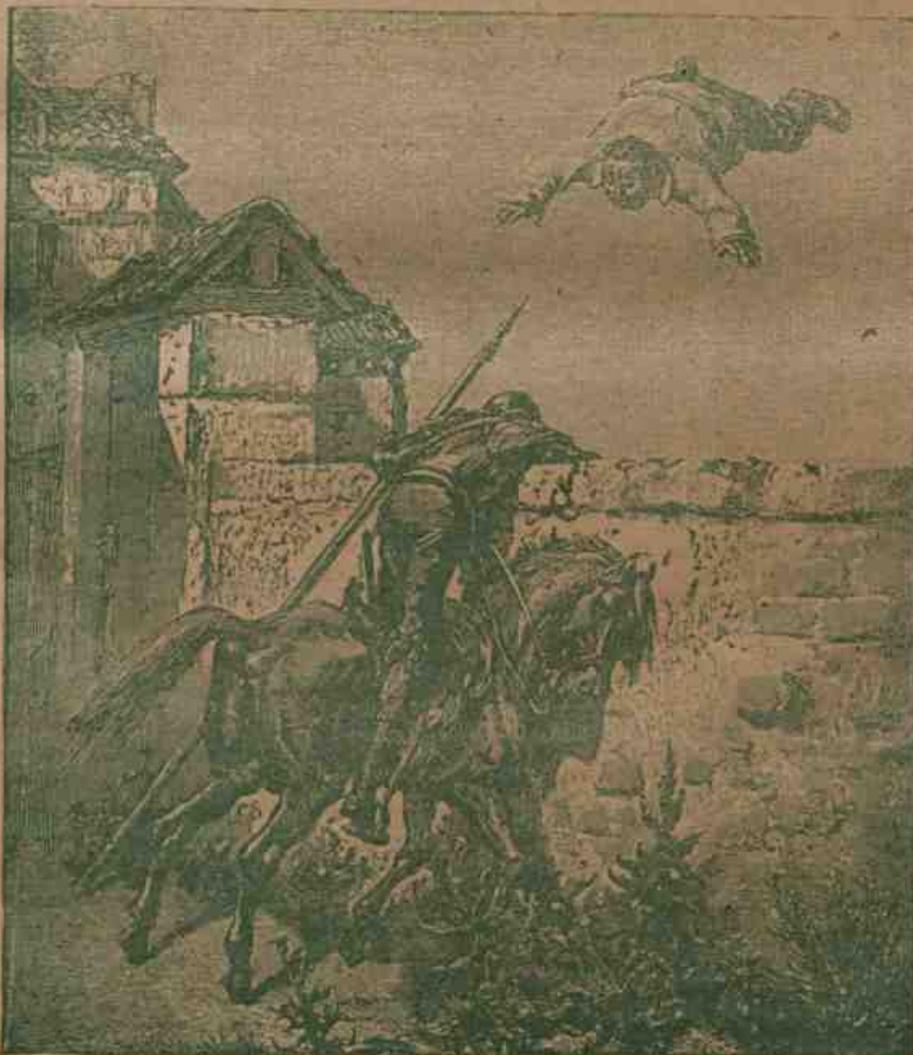
— Pobre Sancho! — replicou o cavalleiro — como tu és ignorante destas cousas de cavallaria! Anda, cala-te e tem paciencia. Um dia virá em que te convencerás de que de quanto é honroso andar neste exercicio.

Pouco depois disso, Don Quixote effectuou uma va-

Ao meu paiz

E

Bandeira de minha terra

VERSOS DE
MARIO MARQUES DE CARVALHO

Tudo é lindo em meu paiz:
O céo, a matta, as florinhas,
O mar, a serra, as campinas
E a voz triste das rolinhas;

Por isso, quando descanto,
Encontro no meu torrão
Por toda a parte brilhando
A fonte da inspiração.

Tudo é bello em meu Brasil:
Seu passado nobre e puro,
O progresso do presente
E a grandeza do futuro!

E' por isso que venero
O meu formoso paiz
E desejo que elle seja
Unido, forte e feliz.

Os filhos de estranhas plagas,
Que aportam no meu Brasil,
Encontram, maravilhados,
Um lindo céo côr de anil,

Um solo rico e feraz,
Um generoso agasalho,
A liberdade, o direito,
A paz, o amor, o trabalho!

No coração brasileiro
Pulsa a bondade, a nobreza,
O sangue de um povo altivo,
Generoso, hospitaleiro!

No ameno céo do Brasil,
Quasi sempre todo azul,
Com seu encanto divino
Brilha o Cruzeiro do Sul!

No seio de minha terra
Palpita immenso thesouro
De esmeraldas, de brilhantes,
De ferro, de prata e ouro!

Quem nasce neste paiz,
Maravilhoso e fecundo,
Não troca a terra natal
Por cousa alguma do mundo!

— ❁ —

O' minha linda bandeira,
O resplendor de teu manto
Retrata bem a grandeza
Deste solo sacrosanto!

Levada pela marinha,
Que nossa patria enaltece,
Por toda a parte rebrilhas
Como um sol que resplandece!

Para ver-te respeitada,
Immaculada, garrida,
Se preciso, o brasileiro
Te offerece a propria vida!

Sob a sombra carinhosa
De teu manto varonil
Trabalha, sonha, progride,
Um povo nobre e viril!

Os filhos de nossa terra
Hospitaleira, gigante,
Por ti palpita, offerece
Um epinicio vibrante!

Quando nos ares se ostenta
Nossa flammula feliz,
Bemdigo a terra natal,
O meu formoso paiz!

O nosso pallio auri-verde
Encerra um poema de amor,
De concordia, de civismo,
De progresso, de esplendor!

Elle guarda no seu manto
As glorias de seu passado,
E tremula, no presente,
Como um symbolo sagrado!

Altaneira, poderosa,
A nossa grande nação
Glorifica, dia a dia,
As côres de seu pendão!

O' minha bella bandeira,
O teu manto varonil
Retrata bem a nobreza
Do nosso amado Brasil!

---

lente façanha que causou universal admiração. Encontrando um carro onde eram levados para o rei dois leões ferozes, pediu ao guarda que abrisse as jaulas e soltasse os animaes.

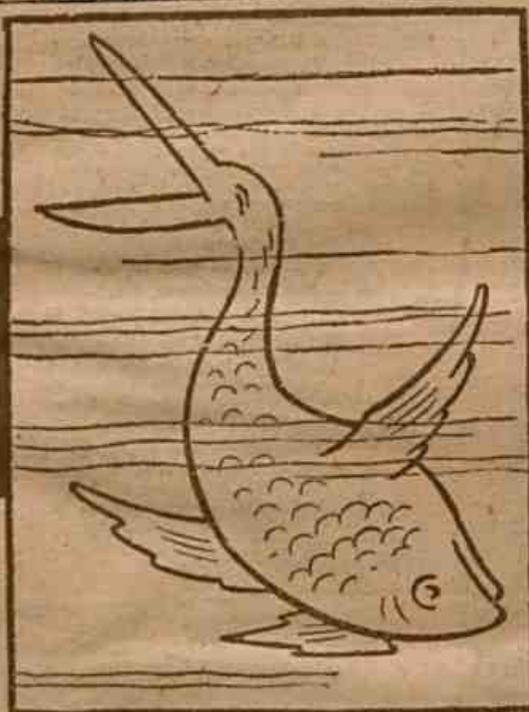
— Apesar de terem sido feiticeiros aquelles que me mandaram estes animaes para me experimentar — exclamou elle — quero fazer-lhes ver quem é Don Quixote de la Mancha.

Quando todos fugiram, excepto o domesticador, e as mulas que puxavam o carro, assim como *Rocinante*, foram levados para logar seguro, o cavalleiro obrigou o guarda a abrir uma das jaulas.

Empunhando o escudo numa das mãos e a espada na outra, tomou posição em frente da jaula. Ao ser aberta a porta desta, apresentou-se-lhe á vista um grande leão, animal de tamanho monstruoso e de terrivel aspecto.

A primeira cousa que o leão fez foi voltar-se na jaula, estender uma das patas e acordar. Depois de ter bocejado e de se ter espreguiçado, deitou a olhar de fóra e, levantando a cabeça, começou a olhar com uns olhos que pareciam dois carvões accesos. Mas Don Quixote continuava a olhar destemidamente, e, como o leão se voltasse e lhe mostrasse as partes trazeiras, incitou o guarda a que exasperasse o animal com pancadas. O domesticador aconselhou Don Quixote a que se desse por satisfeito com o que já tinha commettido, pois tinha mostrado sufficientemente a sua coragem.

Persuadido por fim de que não podia fazer mais nada, Don Quixote cedeu ao pedido do homem, insistindo todavia em que elle lhe devia dar um certificado do que tinha visto fazer.

— Então, Sancho — disse Don Quixote depois ao escudeiro — que me dizes a isto? Os feiticeiros poderão talvez privar-me d'alguma victoria, mas o que elles me não podem fazer é privar-me do sangue frio e coragem que me caracterizam.

O n. 3 na China

Para os chinezes, o numero 3 tem grande importancia religiosa. Em todas as habitações do palacio imperial, bem como nos tumulos dos *mings*, havia tres portas. E quando o imperador residia em Pekim, nem mesmo os mais altos dignatarios se podiam acercar della sem fazerem tres grandes reverencias. O templo do Céo tem tres pavimentos, uma escadaria de marmore de tres lances, e de todo o seu symbolismo mystico contém o numero 3, ou os seus multiplos.

Obrigações do menino

Todo o menino deve:

...procurar descobrir a propria vocação.

...compadecer-se daquelles que erram.

...vencer o mal pela força do bem.

...respirar sempre ar puro.

...respeitar os velhos.

...estudar muito para valer muito.

...ver sempre no trabalho a sentinella da virtude.

De grão em grão
a galinha enche o papo
De tostão em tostão
a criança enche o cofre
CAIXA ECONOMICA
Matriz: Rua D. Manoel, 25
SECÇÕES DE CHEQUES
Avenida Rio Branco, 183
(Junto ao Palace Hotel)
EXPEDIENTE DAS 8,30 A'S 19,30 SEM INTERRUPÇÃO. RAPIDEZ E SEGURANÇA
Agencias:
Da Carioca (aberta diariamente das 9 ás 20 horas). Do Meyer — Rua Dias da Cruz, 183. Da Bandeira — Praça da Bandeira, 41 (possue uma Secção de Penhor de Mercadorias e funciona das 9 ás 20 horas). D. Pedro II — Gare da Central do Brasil (funciona das 9 ás 20 horas).
Filiaes:
PETROPOLIS — Av. 15 de Novembro, 66.
NITEROI — Rua da Conceição, 122.
MADUREIRA — Rua Marechal Rangel, 95.
Depositos em conta corrente até 20:000$000. Juros de 4 ½ % a. a. capitalisados semestralmente, podendo ser feita qualquer retirada SEM PREVIO AVISO.
Emprestimos sob caução de titulos Federaes e Estaduaes — Emprestimos sob penhor de joias e mercadorias — Emprestimos sob consignação de vencimentos.
CAIXA ECONOMICA
do RIO DE JANEIRO
RUA D. MANOEL n-25
MATRIZ

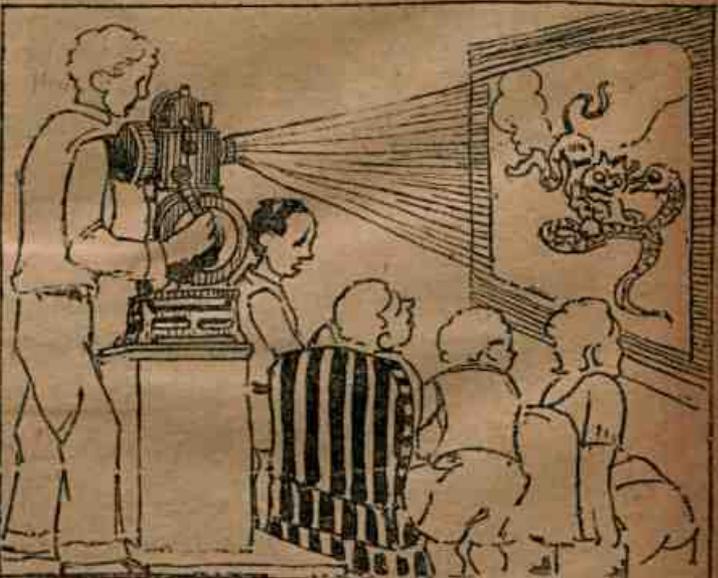
UMA EXCURSÃO, UM SUSTO E UMA SESSÃO DE PATHÉ-BABY EM CASA

O Antoninho resolveu fazer uma excursão ás montanhas. Organizou o projecto e convidou para essa aventura os seus amiguinhos Therni, Mequinho, Miguelito e Nandinha. Animados pela alegria sã que é tão ...

... propria da edade infantil, lá se foram os nossos heróes montanha acima. Como de costume o Antoninho levou a sua Motocamera Pathé-Baby, afim de filmar as scenas que mais lhe interessassem no passeio.

E, uma grande surpresa não se fez esperar. Ao chegarem os excursionistas ao alto da montanha, eis que surge á sua frente um quadro pavoroso o que não era mais que uma enorme onça lutando com uma ...

... formidavel sucury. A garotada, deante desse quadro, debandou pela serra abaixo. Mas, o Antoninho, que não perde as boas occasiões, com a sua coragem de sempre, assestou a Motocamera Pathé-Baby, filmando a luta.

Satisfeito com a bravura que ainda uma vez poz á prova, lá veio o nosso amiguinho para a casa, immensamente alegre e feliz pelo seu grande arrojo. E no dia seguinte o Antoninho reuniu em casa todos os seus amiguinhos, e, ante o olhar maravilhado delles, projectou na tela ...

... a scena que havia filmado com apreciavel sangue frio. E, graças ao seu soberbo Pathé-Baby, os camaradas de Antoninho divertiram-se muito e muito admiraram aquella sua coragem.

Particularidades dos Avestruzes

AO contrario do que se suppõe, as avestruzes não são tão pacificas e bem-humoradas como á primeira vista parecem, quando, pernaltas e apressadas, atravessam o deserto em passadas gigantescas ou correndo velozmente.

Por vezes, irritam-se de maneira bem perigosa para quem é forçado a supportar-lhes os "repentes". Na época da reproducção, o macho torna-se terrivel, aggressivo, sempre prompto a atacar, e todas as precauções são convenientes para evitar alguma surpresa má a quem delle se approxime. Nessas occasiões, não deixa que ninguem invada os seus dominios e fere com os pés os homens ou outros animaes que delle se approximem. Para dar um pontapé, balouça uma das patas de diante para traz, até que o pé armado de enorme garra, se eleve bastante alto; então, deixa-o cahir sobre a victima com uma força terrivel, capaz de lhe quebrar os membros, se a attingir com a planta do pé, ou de causar graves ferimentos se lhe tocar com os dedos terminados por unhas muito duras. Com essa arma terrivel, matam homens, de um só golpe, e cita-se o caso de um cavallo cujas patas trazeiras foram quebradas pelo pontapé de uma avestruz. A criação destes animaes não é, pois como se vê, isenta de grandes perigos.

———— :: ————

A lenda do myosotis

UM dia, Deus mandou um anjo com uma mensagem para certo santo que morava num deserto da Terra.

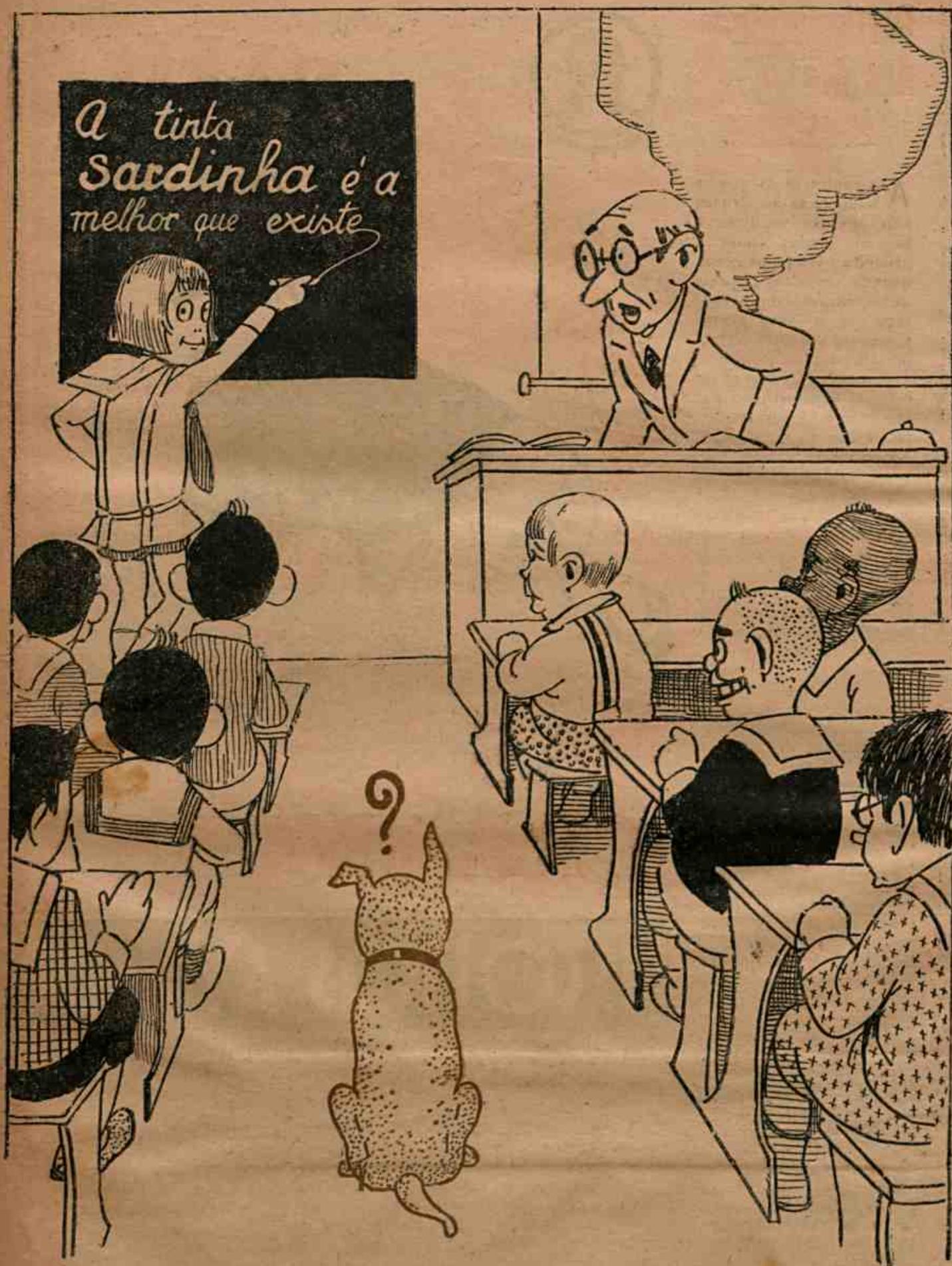
Quando o anjo cruzava os ares viu uma formosa joven, sentada ao lado de um manancial, enfeitando os cabellos com myosotis. O anjo, encantado pela belleza da joven, desceu á Terra e raptou-a.

Tempos passaram-se e o anjo lembrou-se de que não fizera entrega da mensagem que recebera de Deus. Arrependido, voltou para o céo no intuito de pedir perdão da falta commettida. Chegando ao céo, encontrou fechadas as portas do Paraiso. Bateu, bateu muitas vezes mas ninguem lhe veiu abrir. Choroso, ia retirar-se quando appareceu o archanjo Gabriel e falou:

— "Deus ordena que antes de entrares no Paraiso povóes a Terra com os filhos do céo!" O anjo não comprehendeu o que taes palavras quizessem dizer e pediu á esposa que lhe explicasse melhor.

A joven tirando dos cabellos as flores azues que os ornamentavam falou:

— Essas são as flores da amisade, são os filhos do céo. Atiremol-os á Terra!

E jogando os myosotis, estes vieram florir na Terra.

O PROFESSOR: — Bravo, Chiquinho! Tens razão; sempre empreguei a tinta Sardinha com o melhor resultado. E tem mais uma vantagem: não borra.

A CIGARRA DA CHACARA

Volta a cantar no tronco da mangueira,
Mais corpulenta agora e mais sombria,
Esta mesma cigarra cantadeira
Que o anno passado eu tanta vez ouvia.

Ebria dos quentes raios da soalheira
A pompa sideral do meio dia
Celebra, e emquanto a luz abraza, e cheira
O matto verde, chia! chia! chia!

Canta, alma de ouro! Teu verão radiante
Tornou, tornou teu sol glorioso e lindo;
O meu declina, não quer mais que eu cante.

Oh! como invejo este hymno alto e canoro
Que, reiterado, entoa ali, zunindo,
A cigarra da chacara onde moro!

ALBERTO DE OLIVEIRA

CONSELHOS Á PENNA

Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve, penna amiga, alguns conselhos de quem te preza e não te quer vêr enxovalhada.

Não te envolvas em polemicas de nenhum genero, nem politicas, nem literarias, nem quaesquer outras: doutro modo, verás que passas de honrada a deshonesta, de modesta a pretenciosa, e, num abrir e fechar de olhos, perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das idéas é muito peor que o das ruas e fecha-te no circulo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever chronicas. Sê enthusiasta para o genio, cordeal para o talento, desdenhosa para a nullidade, justiceira sempre, e tudo isso com aquella meia tinta, tão necessaria em melhores effeitos da pintura. Commenta os factos com reserva, louva ou censura como te dictar a consciencia, sem cahir na exaggeração dos extremos.

E assim viverás honrada e feliz.

MACHADO DE ASSIS

Anecdotas historicas

Dizia um ministro de Luiz XIV, a este, deante de Pedro Stupps, coronel do regimento da Guarda Suissa — que com o ouro dado aos suissos pelos monarchas francezes podia bem ser feita uma calçada que fosse da Basiléa a Paris.

— Talvez assim seja — respondeu o coronel — mas se fosse possivel juntar todo o sangue que os do meu paiz têm derramado ao serviço dos monarchas francezes, certamente poderia encher-se um canal, desde Basiléa a Paris, tambem.

— * —

Frederico, o Grande, encontrou certo dia num jardim real um tenente das suas guardas vestido em trajo civil, apesar da expressa prohibição dos chefes; fingiu não conhecel-o e perguntou-lhe quem era.

— Official, respondeu o tenente; mas estou aqui *incognito*.

— Bem, bem; mas retire-se quanto antes, respondeu Frederico, antes que o rei o veja.

— * —

Os deputados de certa cidade levaram ao conhecimento do imperador Vespasiano, que tinham resolvido erigir em sua honra uma estatua de exorbitante custo.

O imperador estendeu-lhes a a mão, dizendo: — Aqui têm o pedestal para ella; ergam-na ahi!...

— * —

Um cavalleiro da côrte de Estanislau da Polonia, que frequentemente havia implorado e obtido mercês deste generoso principe, queixava-se um dia pelo muito que elle se occupava em melhorar a condição dos pobres.

— Em verdade, — disse-lhe, — se V. M. continuar nesse caminho, dentro em pouco os mendigos andarão de carruagem.

— Estás enganado, — respondeu-lhe o rei: — estou farto das importunidades dos mendigos que andam de côche, e farei quanto possivel para acabar com elles; mas, em troca, empregarei todos os meios imaginaveis para diminuir o numero dos pobres que andam descalços.

— * —

Carlos VII de França inaugurou o seu reinado de modo desastroso. Perdidas para elle as principaes povoações de seus Estados, apenas lhe ficaram Orléans e Bourges; e, apesar disso, passava o tempo em diversões continuas. Estava um dia alegremente dansando em certo baile de sua invenção, quando succedeu entrar um leal fidalgo de sua côrte, chamado Xaintrailles.

— Então amigo meu, perguntou-lhe o rei; — que vos parece a festa?

— Parece-me, — respondeu Xaintrailles — que não é possivel perder um reino de modo mais divertido!

No animo de Carlos VII fez peso a consideração do fidalgo, e tanto que, dahi em seguida, occupou-se menos de divertimento e mais dos seus deveres.

O DIA DOS TOLOS

Não ha quem ignore qual seja o dia dos tolos no calendario: o 1.° de Abril.

A origem mais provavel do costume de se pregar peças, enganar, fazer divertimentos á custa dos amigos no dia 1.° de Abril parece ser esta, nascendo no fim do seculo XVI, em época em que o anno deixou de começar em Abril.

O rei de França, Carlos IX, durante uma estada que fez no castello de Roussillion, no Delphinado, em 1564, determinou que o primeiro dia do anno fosse o primeiro do mez de Janeiro, ao em vez do primeiro dia de Abril como até então.

A' vista disto os presentes e cumprimentos, que se faziam em 1.° de Abril passaram para o 1.° de Janeiro; mas como diversas pessoas custaram a accommodar-se ao novo costume, então nesse dia faziam-se cumprimentos de galhofa e presentes de mystificação. É de origem franceza esse uso e em França chama-se a essa brincadeira — "poisson d'avril" — porque no mez de Abril o sol entra no signo dos "Peixes".

O HOMEM QUE PEGA MENINO

Quando eu era pequeno e tinha a idade dos meus amiguinhos d'O TICO-TICO, ouvia sempre falar de um homem que pegava meninos.

Todas as creanças da minha cidade falavam-me delle com muito horror, contavam-me historias varias do apparecimento delle, e até minha Mãe, quando me queria corrigir de alguma falta ou traquinada qualquer, dizia-me tambem que elle era feio, medonho e costumava levar dentro do seu grande sacco os meninos malcreados, mentirosos e especialmente aquelles que rasgavam as roupas, andavam sózinhos pelas ruas e não estudavam tambem as suas lições.

Devido ao facto de eu ser muito obediente, estudioso e cumpridor dos meus deveres, tive a grande felicidade de não ser nunca lembrado e nem tão pouco procurado pelo homem que pegava meninos.

Mas, apesar dessa minha felicidade, e continuar a ter muito mêdo daquelle terrivel papão, eu não me sentia totalmente satisfeito e nem conformado: desejava conhecer, e até encontrar-me, se possivel fosse, com o homem que pegava meninos.

Eu fui sempre, desde creança, muito curioso, muito paciente e tambem corajoso.

Por isso, á medida que eu ia crescendo e progredindo nos meus estudos, crescia tambem a minha curiosidade em torno do paradeiro e das aventuras do homem que pegava meninos.

Perdi muito tempo e muita paciencia, mesmo, nessa investigação innocente e que nunca tivera, felizmente, o seu exito.

A principio, julguei que elle fosse um certo ébrio e vagabundo, — muito conhecido do meu bairro —, que perseguia os meninos com as suas correrias e palavrões loucos, para melhor livrar-se dos doestos, dos apôdos e tambem das pedradas dos garotos do meu tempo e do meu bairro.

Depois, julguei que elle fosse o proprio Papae Noel; mas, esta ultima supposição tambem falhou nos seus propositos, por absoluta falta de base, de provas, de assimilação e deante as opiniões que em contrario eu recebia dos collegas e pessoas mais velhas.

As minhas ultimas e decisivas investigações, consistiam, porém, em saber e apurar se o homem que pegava meninos na minha rua, no meu bairro e no Brasil, existia em outras partes e pegava tambem os meninos nos outros paizes: na China, no Japão, na França, em Portugal, no Mexico, na Africa, na Argentina e tambem nas malócas dos indios...

Mas, essas conjecturas tambem não surtiram o desejado effeito, porque, sendo eu ainda muito atrazado nas minhas leituras, os livros que me appareciam e melhor entendia, eram os que tratavam de historias de fadas, de deusas, de lendas e de princezas encantadas.

Ainda hoje, conservo vivas e como que intactas, todas as illusões bebidas na minha infancia; pelo que, me convenço ainda hoje que o Brasil é um paiz lendario, cheio de ouro, de cataractas de prata, um paraiso de gemmas, de mil rios de sonhos, de um oceano de perolas, de nymphas, de sereias, de encantamentos; e essas moças bonitas com quem sempre me encontro e converso ás vezes, são aquellas princezas e fadas de outrora, e agora mais bellas, mais perturbadoras, mais camaradinhas e transformadas em modistas, em *vendeuses*, em funccionarias, em normalistas e em essas tão galantes dactylographas...

Cresci, fiquei rapaz, tornei-me homem, — sempre curioso, sempre sonhador; e, como o homem que pegava meninos havia desapparecido totalmente e não poderia interessar-me agora quando adulto, mesmo porque, pela mesma razão que "lôbo não come lôbo", — um homem não poderia pegar agora um outro homem —, eu nunca poderia pensar, portanto, naquella figura terrivel de papão, naquelle ébrio, ou no supposto Papae Noel que fugira totalmente dos meus pensamentos como os folguedos da infancia e os meus receios de outrora.

Não obstante isso, e apesar de decorridos tantos annos de esquecimento, de decurso e da origem e movel desta historia, ha poucos dias eu tive a grande commoção e surpresa de deparar, — já depois de crescido e em plena vitalidade do meu materialismo e raciocinio de homem e pensador —, com a presença real, insophismavel e até mesmo dolorosa do reapparecimento do homem que pegava meninos!

Parece fantasioso, imaginoso, — o facto —, mas eu explico.

Foi ali, pertinho, na Lapa, em pleno dia, em plena cidade e em um dos pontos mais movimentados do Rio:

— Pega! Pega! Lá vae elle!

— E' o Homem que pega menino...

Das sacadas, das portas, das janellas, entre os autos, os *omnibus*, os *bonds*, entre o povo e entre os guardas, a garotada toda do bairro corria afflicta, assanhada, em bandos, aos gritos, alacres, em furia e vozeria...

— O que é?! O que foi?! O que é isto? — perguntavam mil olhos, mil labios, mil boccas.

E' o Homem que pega meninos...

Barulho, correrias, apitos muito barulho!

Sem me aperceber, e sem o saber como, eu que na occasião passava, vinha lendo num *bond* e architectava tambem as minhas idéas e conjecturas sobre a creação da minha fantasia a sahir, — "O Monstro que devora o Brasil" —, tornei-me creança no meio daquellas creanças; menino, no meio de tantos meninos; e, assim transformado em menino e em creança, sómente recobrei a minha calma, a razão, e a minha estatura de homem e testemunha do acto e do momento, quando me vejo junto com o povo, na Delegacia proxima, e a ouvir um curioso dialogo-interrogatorio entre o Delegado e a figura nervosa, feia, barbara e suja de um homem horroroso e hediondo como um bicho:

— Então, o senhor é mesmo o homem que pega meninos?!

— Sou, senhor Delegado, sou eu, sou eu mesmo; mas, de hoje em deante, eu prometto que não pegarei mais os meninos...

— Está, então, satisfeito com a prisão de tres dias?

— Depois da posse de um beijo tão venturoso e esperado tão ansiosamente ha trinta annos, o degredo ou mesmo as galés perpetuas são-me indifferentes, — para mim, para a minha dôr, para as minhas lagrimas...

E começou, aos poucos, a chorar, a soluçar, a lastimar-se e tambem a rejubilar-se, — o homem que fôra preso por haver pegado, e após beijado, um menino.

Depois, proseguindo, e melhor acalmado, elle rematou, dolorosamente, entre a admiração de todos, a sua propria absolvição e sob um diluvio de lagrimas e de palmas, — sua historia:

— Eu era, ha trinta annos, — porque possuia um filho!, o homem mais rico, feliz e orgulhoso do mundo...

BETHLÉM — A CIDADE ONDE NASCEU JESUS

A cinco milhas ao sul de Jerusalem fica a velhissima cidade de Bethlém, onde, segundo a tradição biblica, nasceu Jesus Christo. Naturalmente, através dos tempos, essa cidade foi o iman que arrastou milhões de christãos á Terra Santa.

Trata-se de uma das cidades mais fascinantes de toda a historia. Foi em Bethlém que nasceu o Salvador. Mas a historia de Bethlém é muito mais antiga. Essa cidade é uma das mais illustres e velhas do mundo. Bethlém foi a primeira cidade de David e Joab. Bethlém contém o Altar de Magi, o Tumulo de Eusebio e a caverna famosa em que S. Jeronymo fez a traducção da Biblia.

Uma rua de Bethlém

O local em que nasceu Christo foi occupado posteriormente por ordem de Adriano, imperador romano, por um templo consagrado a Adonis. Mas em 330 da nossa éra, Constantino mandou construir uma basilica nesse local. Ainda hoje existe nessa cidade o local famoso em que nasceu Christo. Bethlém contém hoje mosteiros, escolas e conventos.

Os habitantes de Bethlém vivem do pastoreio e da confecção de objectos religiosos.

A gruta famosa em que nasceu Christo constituiu durante muitos seculos o pomo de discordia entre mussulmanos e christãos até ao momento heroico das Cruzadas.

Mas uma grande guerra se deu por causa da basilica de Bethlém. Foi a guerra da Criméa de 1856. Entre a França e a Russia surgiu uma pendencia a respeito de saber qual a nação que teria a chave da igreja principal da basilica.

A Russia representava a Igreja Orthodoxa, e a França a Igreja Catholica.

Afinal surgiu a guerra, e os francezes atacaram os russos na Criméa, tomando-lhes Sebastopol depois de um cerco formidavel.

As tropas francezas brilharam em Malakoff, sob o commando de Saint-Arnauld, MacMahon e Canrobert.

Com a sua morte, — permittida por Deus e justificada pela Medicina e pelo Sarampo — eu rolei, lenta, gradativa e desgraçadamente, pela escada da felicidade, abaixo, até á fome, á embriaguez, á lama, em cuja base e promiscuidade tenho vivido até hoje e cheguei a adquirir este aspecto de monstro, a fama de louco, a patente de ébrio e a alcunha — para mim horrorosa e dura — de "o homem que pega menino"...

— Mas isso é um absurdo, é uma maluquice e não justifica, em absoluto, esse seu procedimento, esse desprendimento e essa injustificavel mania sua, de andar a desassocegar o povo, a policia, e querer beijar os filhos alheios, pelas ruas! , — disse, meio protocollar, tanto ou quanto justificador, conselheiro e um pouco grave, o snr. Delegado.

O homem que pegava meninos levantou lentamente o olhar, com alguma doçura, com bastante piedade e muita ternura nos labios e na voz:

— O Sr. Delegado é pae?

— Perfeitamente!

— De quantos filhos?

— Apenas de um.

— Está vivo o seu filho?

— Graças a Deus! Graças a Deus! Graças a Deus!

Houve, nesse momento, e no regorgitar das almas, das vozes, das palmas e do velho salão da Delegacia em curiosidade e alvoroço, o desabrochar de uma scena até então inedita, commovente e atentadora das praxes, da disciplina, dos regulamentos, do protocollo e da Justiça:

— Dê-me as suas mãos, num abraço, — para as algemas dos meus braços; o seu perdão, — para a culpa do meu erro; a sua fronte, — para mais um crime: o meu beijo!

Era o Delegado que agora pegava, e assim falava, e beijava, o "Homem que pegava menino"...

NONNATO PINHEIRO

A Locomotiva

A locomotiva, primoroso brinquedo de armar que vae publicado em paginas coloridas do presente Almanach, é de facil construcção, ao alcance de qualquer dos nossos presados leitores. A seguir damos as explicações necessarias, chamando a attenção dos nossos leitores não só para ellas como para os modelos da locomotiva e do tender.

Explicações: — Collem todas as partes em papel cartão, excepto as rodas que devem ser colladas em papelão fino e cuidadosamente recortadas. Separem as rodas da machina das do tender.

Todas as peças "A 345" pertencem á machina e as "B" ao tender. Recortem e separem-nas.

Armem as peças "A14", "A15", "A16", "A17", "AJ", "AL", "BU", Os eixos "ABI", "AB 2", "AB 3", "AB 5", são da machina; "BJ" eixos do tender: enrole-os. As partes "A" e "AC" são os supportes das rodas da machina. Depois de armados colloquem as rodas.

Enrolem o tubo "AI", colloquem a frente "AK" os supportes lateraes "A10", todas as chaminés e fechem o fundo.

Os cylindros "AM" devem ser armados com cuidado: a peça "AE" deve ser armada e encaixada nos cylindros, sendo collada pelos fundos.

As peças "AC", "AZ", "AL", "AF" devem ser colladas antes com as emendas por dentro, para maior firmeza.

Armem depois o chão da machina collem o supporte das rodas e a cabine, que já deve estar feita; collem então o tubo e os outros accessorios.

A peça "AX" deve ser feita com cuidado, deixando no centro uma corrediça para os braços "ALK" e "AW".

Qualquer difficuldade que appareça será resolvida facilmente olhando no modelo, que está bem claro.

O tender deve ser armado do seguinte modo:

Armem primeiro o tecto "BI" com as caixas "BA", ""BE" e o cano "BN".

Armem os "trucks" "BY" com os eixos e as rodas; collem-n'os no soalho "BL", com as dobras por dentro.

As paredes "BI-10", "BI-12" depois de armados devem ser colladas primeiro no tecto e depois no soalho.

Ponha os engates "B", 1 lanterna "BQ", e parachoques "BM".

Ponha os engates "B", lanterna "BO", e parachoques"BM".

A peça "A-B" deve ser collada na cabine da machina para fazer ligação com o tender, porém sem collar neste.

O modelo auxiliará mais que esta explicação e espero que todos armem e gostem deste brinquedo.

Em tempo: todas as partes mercadas com "X" devem ser abertas.

UMA HISTORIA DE DOM BOSCO, O FUNDADOR DA ORDEM SALESIANA

Indo, certa vez, com a mãe, ao mercado ou ás feiras de Castelnuovo, Buttigliera, Chieri e outras villas, Joãozinho teve occasião de ver nas praças publicas grande numero de pessoas, que avidamente rodeavam os saltimbancos e prestidigitadores de officio.

— Não poderia, pensou Joãozinho, tornar-me tambem habil em taes jogos e executal-os lá no terreiro aos *Becchis?* Certamente, e não sómente poderei impedir que assistam aos espectaculos publicos, mas conseguirei tambem reunir muitos meninos, divertil-os-ei com estes jogos e poderei com o auxilio de Deus, fazer-lhes muito bem.

O menino Bosco equilibrando-se numa corda

O seu estudo mais importante, após o do Catecismo e do cumprimento dos seus deveres, foi o de encontrar-se com estes charlatães e saltimbancos, vel-os, observal-os no exercicio da propria profissão, perscrutando attentamente os movimentos, procurando arrancar-lhes os estudados segredos. O que via na praça, repetia-o em casa, sem enfadar-se, sem cansar-se e sem fazer caso das arranhaduras, choques e quédas.

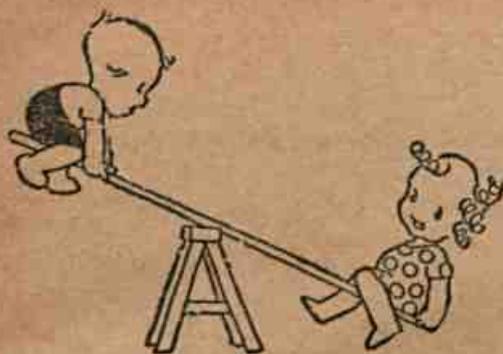
Tornou-se deste modo habil no salto *mortal*, no caminhar sobre a corda e em todos os movimentos acrobaticos mais perigosos.

Quando o joven apostolo julgou estar sufficientemente preparado, deu inicio á nova missão. Aos *Becchis*, no pequeno prado situado deante da sua pobre casa, havia uma velha pereira, João começava por atar uma corda entre esta e outra arvore pouco distante; preparava depois uma pequena mesa, uma cadeira ao lado e por terra um tapete, ou melhor, um sacco! — para dar os saltos!

Os preparativos renovados todos os dias, executados lenta e ordenadamente, com a clara intenção de provocar a curiosidade dos meninos e transeuntes, de attrahir os seus jovens amigos, tornavam-no mais pratico e espalhavam a sua fama de prestidigitador valente e preciso. Quando tudo estava prompto e os numerosos curiosos esperavam ansiosamente, elle convida-os a recitar alguma oração, o Rosario ou ainda a cantar alguma lôa; porque se esperasse convidal-os á oração depois dos jogos, não seria facil obter que esperassem todos.

Os exercicios de gymnastica eram variados e attrahentes: singular dom de Deus ao seu apostolo, que em um modo de todo novo soube e quiz despender as juvenis energias, pelo mesmo fim pelo qual os Apostolos, os Martyres, os Confessores, as Virgens prégaram, confessaram e soffreram...

O joven pastorzinho dos *Becchis* tornou-se assim, sempre com a approvação da boa mãe, prestidigitador de officio, para a salvação das almas e especialmente daquellas dos seus jovens amigos! E isto na idade de oito, nove e dez annos!

N A T A L

O menino pobre de minha rua pobre,
que vive ao léo da vida
sem lar, sem pão, sem nada que o conforte,
sentou-se no batente da porta da igreja
e rezou uma oração bem bonita
á Nossa Senhora lá de cima:
"Mamãe do céo:
tenha pena do menino pobre
que não tem pae nem mãe
e não conhece a felicidade..."

Na noite toda vestida de luar
aos seus olhos cheios de saudade, o céo
parece uma arvore de Natal
cheiinha de brinquedos luminosos: as estrellas...

Mas tão longe... Tão longe dos seus bracinhos...

CARLOS LEITE MAIA

e a infancia

A syphilis adquirida, a do adulto, é uma infecção terrivel mas que encontra um organismo já desenvolvido e bastante forte para a lucta, com todos os seus orgãos mais ou menos completos. Na infancia a syphilis é sempre herdada, vem do sangue dos paes que não se trataram convenientemente e vae produzir as maiores devastações em todos os orgãos. Quando consegue vir á luz (porque 80% dos nascimentos prematuros e 100% dos mortinatos são devidos a syphilis) a creança syphilitica apresenta pouco peso, feridas e bolhas, cara de velho, ictericia, perturbações dos intestinos e sobretudo insomnia. Morrem n'uma proporção impressionante as creanças heredo-syphiliticas; mas, se conseguem vencer os primeiros dois annos, padecem todos os males que são o que vulgarmente se chama uma creança fraca, enguiçada: ganglios no pescoço e nas virilhas; anemia, fastio e pouco crescimento, dentes cariados, defeitos na visão e no ouvido, dores nas pernas, atrazo na intelligencia, deformação da cabeça, etc.

Que adulto dará esta creança se não fizer o tratamento prolongado e conveniente de seu mal?

As mães devem fazer uso prolongado do Elixir de Inhame durante a gestação, com o que evitará os nascimentos prematuros e terá filhos fortes e sadios.

N A T A L

A velhinha — só no mundo — não conseguia dormir naquella noite, vespera do Natal.

Recordava o passado, enxugando as lagrimas. Sentia saudades de outras noites em que chegava o Natal e o seu coração cantava alegremente, junto ao esposo — que fôra morto no campo de batalha cheio de glorias — e o filhinho — succumbido logo após, victima de pertinaz febre.

Agora tudo era differente!

Achava-se triste, isolada e infeliz!

Ajoelhada aos pés da cama, tendo um rosario entre os dedos magros e tremulos, ella principiou a rezar. Elevava ao Menino Jesus um fervoroso pedido.

A' meia-noite, os sinos das igrejas tangiam chamando os fiéis á missa, quando um clarão fulgiu no quarto da velhinha. Bello, radiosamente bello, ali estava o Deus Menino, que num sorriso candido e expressivo, assim lhe falou:

— Ouvi o seu pedido e aqui estou. Venha, venha commigo; já está cumprida sua missão na terra! Como Filha, você foi exemplo; como Esposa, thesouro de rara bondade e, como Mãe, attingiu o maximo grão de perfeição e devotamento. A velhice chegou; acompanhei sempre o seu soffrimento. Aquelles que morreram estão a meu lado no reino celestial. Venha, venha commigo — segredou-lhe ainda o Menino Jesus.

Tomara-lhe suavemente as mãos, emquanto falara.

Se o quarto ficara sombrio outra vez, "já" o céo parecia mais claro e estrellado: nelle entrara alguem...

Os sinos tangiam novamente, embalando o eterno somno da velhinha e annunciando o fim do Santo Sacrificio da Missa.

Natal!... Natal!... Natal!...

LOURDES PEDREIRA DE FREITAS

ALGARISMOS

Os algarismos arabes só se tornaram de uso corrente, na Europa, na segunda metade do seculo XV. Muito tempo depois de serem adoptados, ainda se faziam contas e calculos com marquinhas. Este systima de calcular por meio de marquinhas foi muito habilmente aperfeiçoado e permittiu fazer contas bem complicadas.

Mme Sevigné, a grande epistolographa franceza, que tão bem escrevia, servia-se de marquinhas para fazer contas. A 10 de Junho de 1671, escreveu á sua filha, dizendo-lhe que fizera o balanço da sua fortuna com as marcas (*jetons*) do padre de Coulanges, que são muito certas e boas". Ora as operações feitas deviam ser bem complicadas porque Mme Sevigné possuia então uma fortuna hoje equivalente a uns oito mil e quinhentos contos.

ANCHIETA

Cavaleiro de mística aventura,
Herói cristão, nas provações atrozes
Sonhas, casando tua voz ás vozes
Dos ventos e dos rios na espessura.

Entrando as brenhas, teu amor procura
Os indios, — ora filhos, ora algozes,
Aves pela inocência, e onças ferozes
pela bruteza, na floresta escura.

Semeador de esperanças e quimeras,
Bandeirante de "entradas" mais suaves,
Nos espinhos as carnes dilaceras:

E, por que as almas e os sertões desbravas,
Cantas: Orfeu humanizando as feras,
São Francisco de Assis prégando ás aves...

OLAVO BILAC

OS 3 MINISTROS

Um embaixador hespanhol manifestou a Henrique IV desejos de conhecer o caracter dos seus ministros.

— Cala e observa o que agora se vae passar, disse o rei, e ficarás conhecendo-os a todos em um quarto de hora.

Os ministros estavam naquelle momento na antecamara aguardando a hora do despacho: o rei chamou Sillery e disse-lhe:

— Chanceller, estou com receio vendo em tão máo estado o tecto do meu gabinete; ameaça ruir e temo que me caia em cima.

— Senhor, disse o ministro tranquillo, é preciso que o examinem os architectos e se houver necessidade que procedam aos necessarios reparos.

Chamou depois Villeroi e disse-lhe o mesmo que referira ao primeiro. Villeroi respondeu com precipitação, sem olhar para o tecto:

— Tendes razão, senhor, isto é de apavorar.

Sahiram estes e entrou o presidente, a quem o rei disse a mesma coisa, obtendo a seguinte resposta:

— Vae-me permittir Vossa Magestade que observe estar mal informado. O tecto está em optimas condições.

— Mas então eu, disse o rei, não vejo as frestas que possue, ameaçando ruina?

— Dormi socegadamente; o tecto durará mais que Vossa Magestade.

Depois que sahiram, observou o rei para o embaixador de Hespanha:

— Embaixador, creio ter mostrado o caracter de cada um dos ministros que tenho: um não sabe o que quer fazer; o outro diz sempre que tenho razão; mas o presidente diz o que pensa, pensa bem e nunca me lisonjeia.

VOVÔ INDIO E AS CREANÇAS BRASILEIRAS

Por *Christovam de Camargo*

VOVÔ INDIO é o antigo dono da nossa terra. Elle aqui vivia socegado e feliz, mettido na floresta, muito amigo das arvores, que lhe davam as fructas boas e a sombra da sua folhagem contra a quentura do sol.

Elle se alimentava dessas fructas, e tambem caçava e pescava para comer.

A sua roupa era feita com as pennas, de todas as côres, dos passarinhos, e a sua casa era construida de páo, com as arvores que elle derrubava.

Elle era bom, elle era innocente.

Um dia chegaram os brancos. Sentiram uma grande inveja da sua terra, que era linda e muito fertil, e quizeram tocar Vovô Indio daqui.

Vovô Indio lutou pelo que era seu, com tenacidade e bravura. Mas elle só possuia, como armas, o arco, a flecha, o tacape. Não tinha espingarda, não conhecia a polvora. Foi vencido. Foi expulso.

Ficou muito triste, não se podia conformar com perder a sua casa, com sahir desta terra, que era sua e elle queria tanto!

Foi ficando cada vez mais triste, começou a definhar, e acabou morrendo, de puro desgosto.

Morreu, e a sua alma foi subindo, e levou muito tempo, muito tempo viajando pelo espaço, ascendendo sempre.

Vovô Indio já estava desanimado de tanto caminhar, quando avistou uma claridade enorme, tão intensa que quasi o fez perder os sentidos. Dirigiu-se para lá e, ao approximar-se, foi-lhe apparecendo, cada vez mais nitida, uma casa muito grande, muito grande, toda de ouro. Elle ficou pasmado, nunca imaginara que pudesse existir um edificio tão magestoso. A sua casa na terra era pequenina e não tinha nada daquelle brilho, que chegava a doer nos olhos.

Que seria aquillo? Quem moraria numa casa daquelle tamanho, e que brilhava como o sol?

Se elle pudesse entrar, um pouco que fosse, só para ver!

Mas, qual! — os donos daquella casa deviam ser muito ricos, e não haviam de querer saber de conversa.

Elle estava, porém, tão cansado, que resolveu chamar e pedir que o deixassem passar ali a noite. Qualquer cousa lhe servia, até um cantinho da "garage"... Creou animo e lá bateu á porta. E ficou esperando com o coração aos pulos. Ninguem respondeu. Elle teve vontade de desistir e continuar o seu caminho. — Ora, ninguem o attenderia, a elle, um pobre indio!

Emfim, experimentaria outra vez. Tornou a bater e logo abriu a porta um velho sympathico, de oculos, com uma barba toda branca e uma grande chave na mão.

Os meninos já adivinharam que era São Pedro...

— Que deseja, meu filho? — perguntou mansamente o porteiro do céo.

— Estou muito cansado, — respondeu Vovô Indio, e queria ver se o senhor me arranjava ahi um logarzinho para passar a noite...

São Pedro enrugou a testa e encarou Vovô Indio por cima dos oculos.

— Você sabe que casa é esta? — perguntou-lhe.

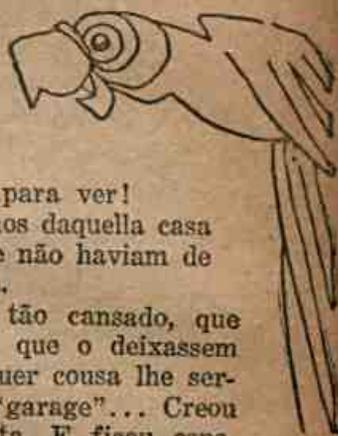
— Não sei, não senhor, disse Vovô Indio, já assustado, mas deve ser casa de gente muito rica...

São Pedro sorriu.

— Casa de gente muito rica, hein? Olhe, vou-lhe dizer, isto aqui é o céo!

— O céo! — repetiu Vovô Indio assombrado.

— Sim, o céo, continuou São Pedro.

— Eu já tinha ouvido falar no céo... Mas a gente, lá de baixo, não avista assim essa casa bonita...

— Não, vocês só enxergam, da terra, as lampadas que illuminam a fachada.

— As lampadas?

— Sim, as lampadas, o que vocês chamam estrellas..

— Ah!

— Pois é, isto aqui é o céo, o logar onde só são admittidas as almas bôas, que soffreram com paciencia e morreram sem peccado...

— Pois eu soffri com paciencia, fui perseguido e nunca fiz mal a ninguem. Se é como o senhor diz, eu vou poder entrar ahi...

— Talvez, depende...

São Pedro passou a um compartimento ao lado da porta, onde guarda as suas cousas e disse, ao mesmo tempo em que abria um grande livro:

— Você como se chama?

— Eu?

— Sim, quem havia de ser?

— Eu me chamo Vovô Indio, sim, senhor...

— Vovô Indio? Hum!... Emfim, vamos ver, resmungou São Pedro.

Procurou no indice, correu a letra V e disse:

— Sinto muito, meu amigo, mas o seu nome não está aqui...

— Não está ahi? — disse Vovô Indio com tristeza, mas então é que se esqueceram de mim...

São Pedro ficou penalizado, coçou a cabeça, — ora, que maçada!

— Escute, Vovô Indio, você é christão?

— Eu? — não, senhor, não sou, nem sei bem o que isso é...

— Então está tudo explicado, aqui só entra quem tenha recebido o baptismo, por isso é que seu nome não está no livro!

— E agora, como vae ser?

— Não sei, mas quem não foi baptizado não arranja nada...

Vovô Indio ficou murcho. E lagrimas muito grossas começaram a correr-lhe pela face.

Nisto, dois anjos que por ali passavam foram-se chegando e, ao verem Vovô Indio saquelle estado, ficaram com dó delle e perguntaram a São Pedro por que é que Vovô Indio chorava.

São Pedro contou-lhes o caso.

— Mas São Pedro disse um dos anjos, não se poderia dar um geito? Esse homem foi sempre bom na terra e não lhe cabe culpa de não ter sido baptizado, o senhor bem sabe que a sua gente desconhecia os santos sacramentos...

— Não ha duvida, não ha duvida, disse São Pedro, mas que quer... são ordens!

— E' de causar piedade, continuou o anjo. Olhe, Vovô Indio, eu vou até lá dentro ver o que se póde fazer...

E entrou, seguido pelo companheiro.

Dahi a alguns minutos voltou, e atraz delle foram chegando outros anjos e uma porção de santos.

Lá estavam, entre muitos, São Paulo, São João Baptista, Santa Rosa, Santa Therezinha do Menino Jesus...

Vovô Indio ficou muito acanhado deante de tanta gente de cerimonia. Todos queriam saber o que havia e São Pedro teve que contar, tim-tim por tim-tim, a historia do Vovô Indio.

— E você de onde veiu? — perguntou-lhe Santa Rosa.

— Eu vim do Brasil, sim, senhora.

Santa Therezinha deu um grito: — Do Brasil? Mas eu conheço muito aquella gente, gosto de verdade dos brasileiros, quando elles têm uma afflicção qualquer sempre sa dirigem a mim, e eu nunca deixo de fazer o que me pedem!

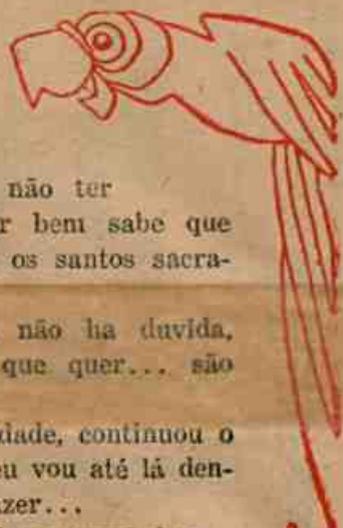
Meu São Pedro, continuou Santa Therezinha, já meio nervosa, tenha paciencia, mas eu não posso consentir em que Vovô Indio fique ahi fóra toda a vida. Lembre-se de que elle vem do Brasil e os brasileiros são meus amigos!

— Ora, minha filha, se elle não foi baptizado!

Santa Therezinha ficou séria. A gente via que ella estava preoccupada e fazia um esforço de pensamento para dar remedio á situação de Vovô Indio. Dahi a pouco ella sorriu e disse: — Já achei!

Todos se approximaram.

— Ouçam, continuou, sabem do que me lembrei? Esperem!

E, dirigindo-se, toda risonha, a São João Baptista: — Aqui o nosso São

João é que vae arranjar tudo! — Como? — perguntaram.

— Muito simplesmente: — São João, que já tem pratica dessas cousas, pois baptizou Nosso Senhor Jesus Christo, baptiza tambem Vovô Indio e prompto, elle póde entrar logo no céo!

— Boa idéa — disse Santa Rosa.

São Pedro começou a rir: — Esta Therezinha tem cada uma! E' a santinha mais intelligente do reino do céo!

São João é que pareceu meio embaraçado: — Eu não sei se isso será permittido...

— Vamos perguntar lá dentro, propoz Santa Therezinha.

Entraram todos no céo e foram falar com Deus Nosso Senhor.

Elle não queria consentir: — Não podia ser, aquillo não estava direito, Vovô Indio devia ter-se baptizado em vida!

Santa Therezinha então explicou tudo, falou muito do Brasil, mostrou como, se Vovô Indio não tinha sido baptizado, a culpa não era delle. Se onde elle morava nem havia igreja!

— Não, não, disse o Padre Eterno, depois pega o costume e vamos ter todos os dias dessas complicações aqui!

Santa Therezinha já estava desanimando: — Ora, Nosso Senhor, só por esta vez! — disse, já com voz de choro.

— Não, minha filha, você comprehende que isso assim não dá resultado!

Santa Therezinha pensou um pouco e, como tem sempre muitas idéas, sahiu disfarçadamente e foi ter com a Virgem Nossa Senhora.

Encontrou-a tomando conta do Menino Jesus, que brincava num grupo de anjinhos, e começou a falar-lhe de Vovô Indio. Ella sabia que quando Nossa Senhora quer uma cousa, manda o Menino Jesus conversar com Deus Nosso Senhor e este acaba sempre cedendo.

Foi o que se deu.

O Menino Jesus pediu aos anjinhos seus companheiros que o esperassem um pouco, que elle voltava logo, e foi ter com Nosso Senhor.

Este não queria saber de nada, mas tanto Jesus supplicou, chorou, que elle acabou ordenando:

— Está bem, está bem, que São João baptize esse Vovô Indio e São Pedro o deixe entrar aqui! E, voltando-se para o Menino Jesus e Santa Therezinha, disse-lhes, com o dedo estendido: — Olhem, é a primeira vez, e que seja a ultima, ouviram? Aqui só entra quem for baptizado antes de morrer!

* * *

Houve então uma festa muito bonita, como nunca se tinha visto no céo. O nosso amiguinho foi baptizado com o nome que já trazia — Vovô Indio, e teve como padrinhos Nossa Senhora e São José, — ainda uma idéa daquella santa intelligente, muito nossa conhecida, que lhe quiz dar dois protectores, — olhem, daqui, da pontinha!

E Vovô Indio entrou no céo entre duas filas de anjos, que lhe atiravam flores, cantando que era mesmo um gosto ouvil-os.

Vovô Indio passou no céo as primeiras semanas contente como elle só.

Eram todos muito amaveis com elle, anjos e santos, e viviam enchendo-o de perguntas sobre as cousas aqui da sua terra.

Vovô Indio contentava com prazer aquella curiosidade, falando da grandeza do Brasil, da belleza das suas florestas, perfumadas por tantas flores, — mattaria alegre que nem uma caixa de musica, pelo canto de milhares de passarinhos, cada um de pennas mais vistosas que os outros.

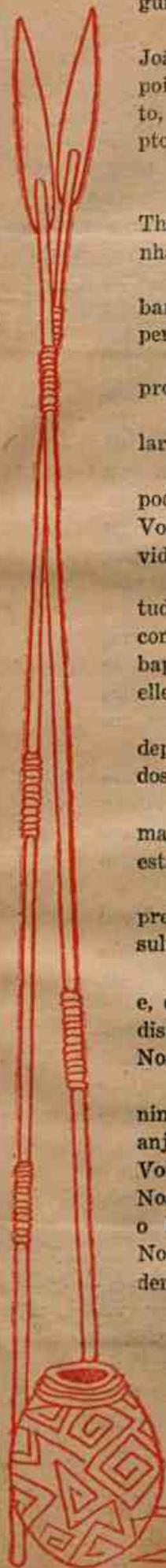
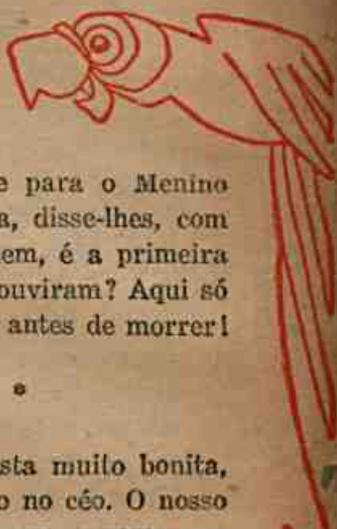
Depois, começou a visitar o céo.

Havia tanta cousa que ver!

Vovô Indio quasi não tinha tempo de descansar, — eram passeios e mais passeios, excursões a sitios maravilhosos, que o deixavam deslumbrado.

Mas um dia os amigos de Vovô Indio, que são todos os habitantes da mansão celeste, notaram que elle começava a andar tristonho. Redobraram de attenções e gentilezas, mas não conseguiram dar-lhe a alegria dos primeiros tempos.

Era tão visivel aquella melancolia, que uma vez São José não se conteve e chamou-o á fala.

— Venha cá, senhor meu afilhado.

que é isso, por que anda você com essa cara tão pouco prazenteira?

Vovô Indio respondeu:

— Não é nada, padrinho...

— Vamos ver, você tem algum segredo... Não o estão tratando bem por aqui, falta-lhe alguma cousa?

— Não, senhor, padrinho, não me falta nada, estou até muito satisfeito...

— Qual, você está é com acanhamento de falar, mas todo o mundo tem notado como anda macambuzio. Vamos, tenha confiança em seu padrinho, conte-me o que ha.

— Eu mesmo não sei, respondeu Vovô Indio, aqui são todos muito bons, só tenho razões para viver alegre, mas...

— Mas?...

— Não sei bem o que sinto, mas parece que ando com saudades da minha terra, dos meus netinhos...

São José enrugou a testa e disse:

— Saudades da sua terra... Mas Vovô Indio, você foi lá tão maltratado, os seus netinhos mandaram você embora...

— Eu sei, São José, mas são meus netinhos...

— Que quer você que se faça, afinal?

— Se eu pudesse ir até lá em baixo uma vez por outra, matar saudades...

— Você, meu afilhado, está exigindo muita cousa, com certeza não vão deixar...

— O senhor que é tão bom, São José, bem me podia arranjar isso... Uma viagemzinha curta de vez em quando, prometto voltar depressa...

São José, que tinha um fraco por aquelle afilhado, falou a Nossa Senhora, consultou alguns santos, mas ninguem sabia como dar um geito áquillo.

Um dia em que estavam tagarelando deante do Menino Jesus, elle se sahiu com esta:

— Olhem, pelo meu anniversario. costumo ir sempre até ao Brasil, levar presentes ás creanças bem comportadas. Podemos fazer isso — mandar Vovô Indio em meu logar!

Santa Therezinha então ponderou:

— Mas parece que já vae Papá Noel...

— Qual Papá Noel, qual nada! — respondeu o Menino Jesus, Papá Noel vae visitar os meninos de alguns paizes da Europa. E é só. Se elle nem sabe onde fica o Brasil! Eu é que tenho ido sempre, e não comprehendo essa mania que está entrando agora de dizerem que é Papá Noel! Papá Noel tem muito que fazer na sua terra, nunca foi ao Brasil!

Como eu digo, fica tudo arranjado: — Vovô Indio parte, mata saudades dos netinhos e depois me vem trazer noticias dos que tiverem sido bons, obedientes e estudiosos. Só desses, porque dos outros, — nem quero saber!

Santa Therezinha bateu palmas de contente, ao ver como tudo sahia bem com Vovô Indio, disse:

— Para que Vovô Indio chegue mais depressa, é melhor tomar um aeroplano, apparelho que foi inventado por um brasileiro — Santos Dumont!

Ahi está, creanças da minha terra, como Vovô Indio vem visital-as todos os annos, pelo Natal, carregado de lindos presentes, — bolas, bonecas, bicycletas, automoveis, soldadinhos...

E' preciso pedir a papae e mamãe que deixem na noite de 24 de Dezembro a porta da rua encostada, para que o mensageiro do Menino Jesus não encontre difficuldades...

E vocês escrevam em tempo a Vovô Indio, dizendo o que desejam que elle traga.

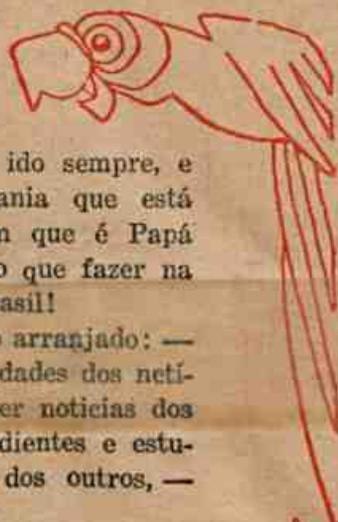
Ponham as cartinhas no correio, endereçadas ao céo.

Seria bom que mamãe escrevesse tambem algumas linhas no fim da carta, mostrando como o filhinho andou direito o anno todo e merece a amisade de Vovô Indio.

Quem lhes está dando tal conselho é um homem que conhece bem esse camarada e sabe que elle não gosta das creanças malcreadas e vadias.

Se vocês já são crescidos, e estão estudando, convem deixar os seus cadernos aos pés da cama, ao lado dos sapatinhos.

Vovô Indio os examinará e, se vocês tiveram tido muito boas notas, póde ser que consigam mais alguns presentes, além dos pedidos.

E' sempre bom tentar...

CAMINHOS DA VIDA

Numa estrada deserta, batida pela ardencia do sol e onde o consolo carinhoso da sombra de arvoredo só apparecia de raro em raro, caminhava, tropego, exhausto, o velho penitente.

A cabeça erguida, o peito arfante, os olhos indagadores mostravam a ansia do caminheiro por um oasis de sombra. A' distancia, lá longe, ao pé da montanha, sob a copa de secular mangueira, um joven, pastor ditoso, vigiava o bando muito branco de ovelhinhas. Mas o caminheiro, apressando o andar, em breve parou junto ao pastor. Saudaram-se. E o ancião, fronte molhada pelo suor, olhos baços pelo exhaustivo, lamuriou: — A vida, meu joven pastor, é bem igual a esta estrada longa que venho percorrendo. De raro em raro é que encontrei a sombra, de longe em longe é que avistei um pouso, que amenizasse as asperezas duras de um triste caminhar...

Na longa estrada jamais achei a suavidade terna de um pio de ave. Tal qual como na vida, onde é rara a ventura! Não é verdade, amigo, o que te digo?

— O coração dos jovens — meu triste e velho amigo, é bem diverso do teu coração — falou o moço pastor. E essa estrada em que andaste é differente da outra estrada—a vida. No fim deste caminho, meu amado ancião, irás encontrar o pouso procurado, rever o ente amado que anda, em saudade, no teu coração. O teu caminhar é uma noite cruel que terá a ventura de uma aurora festiva. E a vida, meu amigo, a outra estrada que dizes ser igual a essa que percorreste é um mysterio maior, um doloroso e longo soffrimento.

Cada dia que passa é um marco que alcançamos em busca de um ideal, de um sonho, uma esperança, talvez inattingiveis! Nunca sabemos se no fim da estrada que é o caminho da vida iremos encontrar quem procuramos... No fim da estrada que pisaste, velho, ha um pouso onde entrarás e verás um sorriso bondoso a te saudar. No final da outra estrada, da longa estrada — a vida, nem sempre ha um pouso e muito raras vezes achamos um sorriso á nossa espera.

CARLOS MANHAES

Para ler e decorar

Até o anno de 1725 o rio Madeira chamava-se Caiari.

— * —

Da nascente á foz tem o Rio Amazonas mil e duzentas leguas de curso.

— * —

Dentro do Brasil cabem quasi todos outros paizes da America do Sul.

— * —

Um metro cubico de ar normal pesa um kilo e duzentas e noventa e tres grammas.

— * —

Um kanguru' quando nasce é do tamanho do dedo pollegar de um homem.

— * —

A maior arvore de que se tem noticia é a sequoia, da California.

— * —

Aconselhava Xenophonte a el-rei Ciro, que até com os cães de casa devia observar esta politica: que o castigo lh'o mandasse dar por outrem; mas o pão por sua mão propria.

— * —

A instituição do metro data do anno de 1790.

— * —

Ha uma cidade na Suecia, Hafanger, que estabeleceu uma contribuição sobre todas as pessoas cujo peso exceda o limite de setenta e cinco kilos.

— * —

O sumo de limão serve perfeitamente para substituir a graxa. Umas gottas delle, esfregadas em calçado preto ou de côr, dão um polimento brilhante.

— * —

No Brasil nem um só rio congela.

— * —

Queres chegar cedo? Vae devagar.

AS RIQUEZAS FABULOSAS DA INDIA

Os primeiros europeus que chegaram á India foram, como a historia nol-o indica, os portuguezes de Vasco da Gama, que desembarcaram em Calicute. Quando a noticia se divulgou na Europa e quando a Lisboa começaram a chegar as primeiras riquezas, muitas foram as outras nações que começaram a pensar na conquista das Indias aos portuguezes. E nos fins do seculo XVI surgem piratas hollandezes, depois inglezes, e francezes. E assim a India entrou definitivamente na noção do mundo moderno. Mas o que desde os primeiros tempos impressionou vivamente os europeus, fossem portuguezes ou inglezes, foi a riqueza dessa região assombrosa.

E, de facto, não se enganaram. Os potentados indianos desde tempos mui remotos que vêm sendo notaveis pela riqueza dos seus thesouros.

Visitemos, por exemplo, Lahore. Ahi teremos uma idéa de que é de facto a riqueza da India. Lahore, que fica no norte da India, é uma das cidades mais originaes do mundo inteiro. A Galeria dos Espelhos, a Mesquita de Emir Khan, o Naulakha, o Nhalimar, os palacios que lá existem, tudo isso nos faz pensar na riqueza espantosa dos tempos passados, reis indianos, ou monges, que ahi viveram no meio de um esplendoroso triumpho. Lahore, hoje, continúa a ser uma cidade de grande movimento. A sua população se adensa de anno para anno, e calcula-se que toque a um milhão. Mas, nos tempos em que foi capital das Indias, Lahore deveria ter tido uma população igual á de Paris, nos nossos dias. E', dissemos, uma das cidades mais extraordinarias do mundo. Ha a cidade nativa, como ha a cidade européa. Tudo ahi é impressionante. Ha ruas de bazares sem conta. Ha mesquitas por toda a parte. Uma população que impressiona por causa da variedade de typos, de trajes e de costumes. O occidental, nas ruas de Lahore, fica tonto. A cidade é realmente assombrosa e cresce de momento a momento.

Uma rua de bazares em Lahore.

A cidade de Lahore vale a pena ser visitada. O Naulakha, o maravilhoso pavilhão de marmore, constitue uma das grandes cousas de Lahore. Trata-se de uma das obras primas da architectura mundial. O tumulo de Chang Jahangir constitue outra obra prima maravilhosa.

Através de Lahore existem muitas e muitas edificações magestosas. Lahore tem palacios, mesquitas, mercados, bazares, templos, fortalezas e mausoléos que impressionam vivamente.

Uma porção de curiosidades

Nas terras arcticas, duas pessoas separadas por uma distancia de dois kilometros podem conversar distinctamente.

— * —

A pelle do elephante é extremamente sensivel, apesar da sua grande espessura.

— * —

Vendo Henrique IV, da França, um homem que tinha os cabellos da cabeça todos brancos e os da barba negros, perguntou-lhe muito admirado a causa:

— Senhor — lhe respondeu elle — isso provém de que os meus cabellos são vinte annos mais velhos que as minhas barbas.

— * —

Quem te ensina te enriquece.

— * —

Quem sabe ouvir ha de forçosamente aprender.

— * —

Custa mais a franzir a testa do que a sorrir. Para sorrir empregam-se apenas treze musculos, mas para franzir a testa são necessarios sessenta e quatro.

— * —

Come sem excesso e de vagar.

— * —

A columna vertebral é formada por pequenos ossos que se denominam *vertebras*. Estas, apesar de solidamente unidas entre si, possuem certa mobilidade e têm uma abertura circular na qual corre a medulla espinhal.

— * —

A maneira de fazer com que as flores colhidas durem o dobro do tempo, é deitar-lhes camphora ou uma colher de carvão em pó.

O FILHO DA PRINCEZA DAS AGUAS

NAS vizinhanças de Bassora, cidade da Arábia, antigamente muito rica e famosa, vivia outrora uma velha feiticeira que furtava crianças para maltratar. De vez em quando sahia ella a percorrer as aldeias da região, e, quando voltava, trazia sempre um menino, que tornava seu escravo. Mais de vinte crianças viviam no seu rancho construido de troncos e palmas de tamareira, e que ahi soffriam, nuas, magras e famintas, os maiores tormentos. E todas trabalhavam o dia inteiro, juntando lenha no bosque ou indo buscar agua no rio para dar de beber aos camellos das caravanas que acampavam nas proximidades. Se algum dos meninos morria, a velha o arrastava para longe, onde os cães lhe iam devorar o couro e os ossos. Chamava-se Gamra, era côxa, possuia olhos tortos, o nariz comprido e curvo, a bocca enorme, e apenas dois dentes, grandes e amarellos, que ficavam á mostra mesmo quando conservava a bocca fechada.

Uma tarde, ia Gamra ao rio, quando viu perto da margem um formoso menino que parecia ter uns cinco annos, e que brincava descuidadamente na areia. Não divisando por perto alguem que pudesse detel-a, tapou a bocca da criança com uma das mãos, e arrastou-a para o seu albergue. Era mais um pequenino escravo para apanhar galhos seccos no bosque, ou, talvez, para vender aos camelleiros que se dirigiam para o Oriente, e que compravam crianças, quando eram bonitas e fortes. Dias depois, porém, o menino morria dos maus tratos recebidos, e era o seu corpinho tenro lançado, como os dos outros, aos cães famintos, no caminho da cidade.

No dia seguinte ao da morte do menino encontrado á margem do rio, achava-se a velha a bater nos que iam chegando do bosque, quando lhe appareceu á porta do rancho uma visão tão bonita que tudo se illuminou em redor. Era a fada Fetnah, Princeza das Aguas. Trazia um manto azul, bordado de peixes de prata, e toda ella resplandecia doçura, como se tivesse descido naquelle instante do Paraiso. O seu nome, que significa "seducção encantadora", era justificado pela sua maravilhosa formosura.

— Gamra, onde está meu filho — perguntou a visão, com a voz mais doce e mais triste que pode ter um coração de mãe.

— Teu filho? Quem és tú? — perguntou a feiticeira com arrogancia, mas tremendo de medo.

— Eu sou a fada Fetnah, Princeza das Aguas, que vive no fundo do mar e dos rios. Eu tinha deixado meu filho a brincar na areia, e tú o roubaste. Onde está meu filho, Gamra? Responde! Tranquilliza meu coração!

Gamra tremia de pavor. Os seus dois dentes batiam como os do javali acuado pelo caçador na floresta.

— Teu filho foi apanhar lenha no bosque... — disse, apavorada, a feiticeira.

— Tu mentes, Gamra!

— Teu filho foi colher tamaras, cahiu, e morreu... — tornou a velha, cada vez tremendo mais.

— Tú mentes, ainda, Gamra. Tu mataste meu filho! Mas o teu castigo será terrivel, Gamra! Eu sou a Princeza das Aguas, e as aguas me vingarão! As aguas te perseguirão por toda parte na vida! Se te fores banhar no rio ou no mar, as aguas te arrastarão para os seus abysmos, e serás devorada pelos

meus peixes. E se fôres beber, a agua não te passará da garganta, e morrerás de sêde. Maldita sejas tu, Gamra, que mataste o meu filho!

A fada Fetnah disse isso, soltou um soluço, e desappareceu.

Momentos depois a velha feiticeira sentiu sêde. Procurou conter-se, mas foi peor: a sêde augmentou, escaldando-lhe a bocca. Não podendo mais resistir, correu ao canto do albergue onde se se achava o cantaro cheio d'agua. Mal, porém, tocou no cantaro, a agua seccou, de repente. A velha atirou o vaso ao chão, e correu para a margem do rio. Assim, porém, que mergulhou nelle as mãos, para enchel-as dagua, dois peixes avançaram, e lhe levaram todos os dedos. Apavorada, soltando gritos de desespero, Gamra fugiu, com as mãos em sangue. Vendo, no chão, uma poça dagua, deitou-se na lama, para bebel-a. A agua sugada, encheu-lhe a bocca. Mas não poude ser engulida.

A garganta, apertada, não deixou passar nem uma gotta.

— Valei-me, meus meninos! — gritava a feiticeira. — Dêem-me agua que eu quero beber!

— Tem agua no rio, minha avô! — responderam os meninos, pulando de contentes, ao verem a afflicção da velha.

Durante tres dias e tres noites Gamra vagou entre o albergue e o rio, procurando matar a sêde. Toda agua, porém, que lhe chegava á bocca, não lhe ia além da garganta.

Parecia um cão atacado de hydrophobia.

Até que, no quarto dia, não resistindo mais ao supplicio, correu, e atirou-se á correnteza do rio.

E os peixes lhe cahiram em cima, não cabendo um pedacinho para um.

Foi assim que Fetnah, a Princeza das Aguas, vingando o seu filho, salvou os meninos que viviam como escravos de Gamra, a feiticeira de Bassora.

NOMES CONTRADICTORIOS

(MONOLOGO)

Ha pessoas cujos nomes
Andam em contradição
E exprimem sempre o contrario
Daquillo que os donos são.

Um que se chama Pacifico
E é bulhento e brigador;
Um outro de nome Guerra
E que é todo "paz e amor".

Um Cordeiro que é feroz
E um Lobo, manso, educado;
Um Leal que é trahidor
E um Gentil que é malcreado.

Innocencio malicioso
E um Satyro recatado.
Demosthenes que são mudos
E Moderato... apressado.

Um Bruno que é claro e louro
E um Alvim... preto, queimado.
Othelo sem ser ciumento
E um Prudente descuidado.

Um Hilario que não ri
E um Severo alegre, rindo;
Um Franco muito *sovina*
E Epaminondas... mentindo.

Um Justo arbitrario
E um Modesto... presumpçoso
Um Vital que seja doente
E algum Lazaro orgulhoso.

Ha Theophilos atheus
E Simplicios complicados;
Verissimos muito falsos,
Valentes... acovardados.

Felicissimos sem sorte,
Sylvestres pela cidade,
Montenegro baixo e branco
E Expedito sem vontade.

Augustos sem magestade
Um Amando desdenhoso,
Altivo um rapaz humide
E um Job rico, poderoso.

Seria intermina a lista
De nomes deste jaêz
Que exprimem cousa diversa
Daquillo que é o *freguez*.

Eu, por exemplo, que sou
Bon... nifacio, nada máu,
Estou "virando" *cacete*,
Já estou me tornando... *páu*...

EUSTORGIO WANDERLEY

BIBLIOTHECA INFANTIL D'O TICO-TICO

EDUCA · ENSINA · DISTRAHE

CONTOS DA MÃE PRETA — *Historias da infancia que Oswaldo Orico colligiu e adaptou á leitura das creanças. Volume que deve figurar entre os de mais valor na bibliotheca dos pequeninos. Contos das gerações passadas, das gerações que hão de vir. Ricamente illustrado a côres.*

NO MUNDO DOS BICHOS — *O mais rico dos fabularios, o mais imaginoso livro de contos para creanças, lições attrahentes de moral e de bondade que Carlos Manhães escreveu em formoso estylo para encantamento da juventude. Primorosas illustrações de Luiz Sá.*

CADA VOLUME 5$

Os melhores livros de leitura para a infancia foram editados pela Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico. Seus autores - festejados escriptores e artistas nacionaes - deram-lhe não só caracter de leitura attrahente como cunho de preciosos agentes de cultura das creanças. Cada livro editado pela Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico marca formidavel successo de venda, o que demonstra a excellencia de sua confecção.

O melhor presente para as creanças é um livro. Nos doze livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor. Comprem para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.

RECO-RECO, BOLÃO E AZEITONA — *Aventuras interessantissimas dos tres bonecos redondos tão conhecidos da infancia. Livro que Luiz Sá escreveu e illustrou, realizando bellissima dadiva para as creanças brasileiras.*

HISTORIAS MARAVILHOSAS — *Humberto de Campos, o fecundo escriptor patricio, imaginou os mais bellos contos para as creanças nesse livro, primorosamente illustrado por Théo. Leitura obrigatoria para a infancia.*

CHIQUINHO D'O TICO-TICO — *O livro que conquistou a alegria de todas as creanças. Collecção de aventuras do CHIQUINHO, escriptas por Carlos Manhães, enfeixando todos conceitos da mais bella moral e da mais encantadora poesia. Riquissimas illustrações de Alfredo Storni.*

QUANDO O CEO SE ENCHE DE BALÕES... — *Livro de lendas e de historias dos santos do mez de Junho. Encantadora collecção de contos de Leonor Posada, contos que enlevam a alma da creança numa sensibilidade de sonho. Illustrações coloridas de Cicero Valladares.*

Livros educativos preciosos

HISTORIAS DE PAE JOÃO — *Contos colligidos e escriptos por Oswaldo Orico, com illustrações artisticas de Luiz Sá. O reconto das mais bellas historias da infancia em estylo attrahente tornam esse livro um thesouro para as creanças.*

PAPAE — *Uma porção de perguntas annotadas e respondidas pelo escriptor Joracy Camargo. Livro de cultura necessaria á infancia, livro de finalidade educativa, com primorosas illustrações a côres por Monteiro Filho.*

PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA — *Uma narração interessantissima da vida de Pandareco e Parachoque e do cão Viralata, escripta e illustrada a côres pelo talentoso artista Max Yantock. Livro de successo para os petizes.*

ZÉ MACACO E FAUSTINA — *As mais engraçadas aventuras do casal Zé Macaco-Faustina foram reunidas nesse livro de successo para o mundo infantil por Alfredo Storni. As illustrações, do proprio autor, são todas em quatro côres.*

MINHA BABÁ — *Os mais enternecedores contos para a infancia, escriptos e illustrados pela sensibilidade de um artista como J. Carlos. Cada conto desse livro é uma lição de moral e de bondade para a infancia.*

CADA VOLUME 5$

VÔVÔ D'O TICO-TICO — *Uma serie de prelecções sobre todos os assumptos de interesse para a infancia. Livro que Carlos Manhães escreveu e que encerra a mais valiosa collecção de lições de cousas, livro de evidente expressão cultural das creanças. Illustrações de Cicero Valladares.*

Livros bons instructivos

Pedidos á BIBLIOTHECA INFANTIL D'O TICO-TICO
RUA SACHET, 34 — RIO DE JANEIRO

EXTRACTO DE TOMATE

O MELHOR

MARCA "PEIXE"